

Eliane Tortelli



LIGA das SENHORAS CATÓLICAS de CURITIBA (LSCC)



PROTAGONISMO POLÍTICO NA
EDUCAÇÃO E NA CULTURA DE
CURITIBA (1953-1993)





A Liga das Senhoras Católicas (LSC), movimento internacional da Igreja Católica no início do século XX, liderado por mulheres, foi um importante meio de propagação e de representação na sociedade dos valores cristãos. As mulheres participantes da Liga – aliada à Ação Católica no Brasil e à força do movimento feminino católico – lutaram contra o que consideravam

os maus valores propagados por outras crenças na sociedade, buscavam por meio de suas ações recristianizar principalmente a alta sociedade e desbravar novos caminhos para o papel da mulher na sociedade. Apresentamos, nesta dissertação, as origens da LSC no Brasil, a presença e a liderança das mulheres feministas aos moldes cristãos, que formavam, com o apoio da Igreja, um verdadeiro exército feminino para a luta em prol do projeto de construção de uma sociedade com Deus. Nosso objetivo é expor a presença da Liga das Senhoras Católicas em Curitiba (LSCC) desde sua fundação em 1953 até 1993; e relacioná-la a outras iniciativas desenvolvidas em diferentes cidades, em moldes similares, que tinham como ênfase o associativismo feminino via ação social da Igreja. Em paralelo, isso nos ajuda a pensar como a religião ocupa lugar central na construção mental, política e cultural da sociedade brasileira ao dar destaque ao movimento feminino católico nesse processo. A pesquisa está situada no campo da História da Educação e o repertório teórico-metodológico utilizado passa pelos conceitos de representação de Chartier (2002) e mediadores culturais de Sirinelli (1998). Esses autores contribuíram para a contextualização e a compreensão dos objetivos do estudo em sua presença na sociedade. As fontes utilizadas foram atas, anúncios, reportagens, entrevistas em jornais, escritos, localizadas fundamentalmente na imprensa periódica do Paraná, casa da memória de Curitiba, acervo da LSCC, IPPUC e Cúria Metropolitana.



Liga das Senhoras Católicas de Curitiba (LSCC)



Comitê Editorial

CAROLINE TECCHIO

Doutoranda em História, Universidade do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon-PR

DANIELE BROCARDO

Doutoranda em História, Universidade do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon-PR

DOUGLAS SOUZA ANGELI

Doutorando em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS

EVERTON FERNANDO PIMENTA

Doutorando em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS

GUILHERME FRANCO DE ANDRADE

Doutor em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS

LEANDRO DE ARAÚJO CRESTANI

Doutorando em História, Universidade de Évora, Évora (Portugal)

LUIS CARLOS DOS PASSOS MARTINS

Doutor em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS

LUIZ ALBERTO GRIJÓ

Doutor em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS

RAFAEL GANSTER

Mestre em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS

RAFAEL HANSEN QUINSANI

Doutor em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS

RAFAEL SARAIVA LAPUENTE

Doutor em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS

TIAGO ARCANJO ORBEN

Doutor em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS

VINÍCIUS AURÉLIO LIEBEL

Doutor em História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ

Liga das Senhoras Católicas de Curitiba (LSCC)

Protagonismo político na educação e na cultura de Curitiba (1953-1993)

Eliane Tortelli



Diagramação: Marcelo A. S. Alves

Capa: Carole Kümmecke - <https://www.conceptualeditora.com/>

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.



Todos os livros publicados pela Editora Fi estão sob os direitos da [Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR) https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

TORTELLI, Eliane

Liga das Senhoras Católicas de Curitiba (LSCC): Protagonismo político na educação e na cultura de Curitiba (1953-1993) [recurso eletrônico] / Eliane Tortelli -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021.

169 p.

ISBN - 978-65-5917-293-1

DOI - 10.22350/9786559172931

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Educação-História; História-Mulheres; 3. Liga das Senhoras Católicas de Curitiba; 4 Mulheres em associações sem fins lucrativos; 5. Mulheres-Vida religiosa; 6. Curitiba; I. Orlando, Evelyn de Almeida; II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Pós-Graduação em Educação; III. Título.

CDD: 900

Índices para catálogo sistemático:

1. História 900

Agradecimentos

Ao Senhor pela graça e a capacidade de estudar, por ter me dado forças para enfrentar as dificuldades e proporcionado momentos felizes, enfim, agradeço pelos Seus eternos consolos.

A minha orientadora, Professora Dra. Evelyn de Almeida, um agradecimento especial e a todo o grupo de pesquisa, pelos bons exemplos que nos levavam sempre a melhorar.

A minha sogra e minha mãe, que faleceram durante meu mestrado, mas estão torcendo por mim no céu.

Ao meu esposo e família, grandes companheiros e incentivadores no caminho.

Lista de siglas

ACCEIS	Centros Comunitários de Educação Infantil e Serviços Sócios Educativos
Apae	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
ASB	Associação das Senhoras Brasileiras
CADAL	Coordenação Arquidiocesana de Apostolado Leigo
CEI	Centro de Educação Infantil
CEMIC	Centro do Menor Integrado na Comunidade
CNBB	Conferência Nacional Bispos do Brasil
CNV	Comissão Nacional da Verdade
COHAB	Companhia de Habitação Popular
COHAB-CT	Companhia de Habitação Popular de Curitiba
CPFC	Centro Paranaense Feminino de Cultura
DAPI	Diagnóstico Avançado Por Imagem
IPPUC	Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba
LSC	Liga das Senhoras Católicas
LSCC	Liga das Senhoras Católicas de Curitiba
UILCF	União Internacional da Liga Católica Feminina
UCF	União Cívica Feminina

Sumário

Prefácio	13
<hr/>	
Evelyn de Almeida Orlando	
1	16
<hr/>	
Introdução	
2	34
<hr/>	
“Pela Igreja e pela Pátria”: liderança feminina na Liga das Senhoras Católicas	
2.1 Amélia Rodrigues e Stella de Faro: dois modelos de liderança nos primórdios da LSC	41
3	53
<hr/>	
Presença de uma identidade feminina na Liga das Senhoras Católicas de Curitiba	
3.1 Margarida Caillet Santos (1953-1955)	66
3.2 Dalila de Castro Lacerda (décadas de 1950 e 1960)	69
3.3 Nice Braga (1968-1970).....	78
3.4 Maria Lima Vilella Bittencourt (1970-2014)	81
3.5 Vera Maria Lins Affonso da Costa (2014-2020).....	85
4	89
<hr/>	
A presença de uma identidade social na Liga das Senhoras Católicas na sociedade Curitibana (1953-1970)	
4.1 Presença social na área educacional (1970-1993).....	126
Considerações finais	148
<hr/>	
Referências	154
<hr/>	

Prefácio

*Evelyn de Almeida Orlando*¹

A pesquisa realizada por Eliane Tortelli durante seu mestrado, hoje transformada neste livro, é fruto de uma discussão mais ampliada no âmbito de dois projetos: "Educação, Gênero e Cristianismo: circulação, representação, formação e práticas femininas em cenário religioso e educativo" e "Intelectuais católicas na cena pública paranaense: caminhos de legitimação e modos fazer da condição feminina (1920-1980)", ambos coordenados por mim na Pontifícia Universidade Católica do Paraná e com financiamentos do CNPq e da Fundação Araucária. Foi nesse quadro mais amplo de discussões que a autora se aproximou dos temas da Educação, Religião e Cultura, da História das Mulheres e da Igreja e que tive o privilégio, como orientadora, de ver o crescimento de uma pesquisadora.

Quando Eliane ingressou no Mestrado, seu interesse pela temática, lançada como um desafio para a jovem pesquisadora que vinha de outra área, provocou um outro olhar para questões presentes em seu cotidiano, mas pouco percebidas e problematizadas por ela até então. Seu envolvimento com a pesquisa e com seu objeto de estudo, sua seriedade no trato das fontes e seu afincamento em se apropriar de teorias que eram para ela algo novo proporcionaram um salto muito qualitativo nas investigações que realizou. Posso dizer que o exercício refinado de olhar por outras lentes ampliou seu leque de questões para o mundo e para seu lugar neste mundo como mulher e como intelectual. Hoje, Eliane traz à público uma

¹ Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUCPR.

contribuição importante à História das Mulheres intelectuais, com acento privilegiado nas intelectuais católicas de Curitiba.

A autora analisa nesta obra, a partir de um olhar para a Liga das Senhoras Católicas de Curitiba, importante instituição cultural e formativa fundada em 1909, na Bahia, por Amélia Rodrigues, com abrangência nacional. A Liga, como Eliane se refere muitas vezes no texto, se constituiu como um sólido braço feminino da Igreja Católica, sobretudo a partir dos anos de 1930, com papel fundamental no projeto de recristianização da sociedade, a partir das articulações que empreendia nos planos sociais, políticos, culturais e educacionais. Em Curitiba, foi fundada em 1953 em sintonia com o projeto nacional, mas mantendo as especificidades da cultura local.

Seus modos de atuação e intervenção dão a ver formas de fazer articuladas a modos de pensar que contribuíram para a formação de gerações de mulheres partilhando referenciais morais, estéticos e culturais que balizavam não apenas suas condutas, mas eram difundidos para toda a sociedade por meio da imprensa periódica, dos eventos que realizavam, e de outros modos peculiares de formação que muitas vezes nos escapam quando pensamos a História da Educação.

Ao ampliarmos nossas lentes para fora da escola, podemos perceber outros modos de educar que talvez tenham sido para muitas pessoas mais eficazes do que a própria escola. A religião, entendida como uma das bases culturais mais sólidas da sociedade brasileira, evidencia um conjunto de práticas que revela em si muitas pedagogias e também muitos projetos políticos de nação e de sociedade. É nesse sentido que olhamos em nosso grupo de pesquisa a ação das mulheres - como mediadoras entre o clero e o povo - em projetos de organização da sociedade tendo a religião como um fio condutor que, ao mesmo tempo que conforma determinadas representações e lugares sociais, também permite uma mobilidade e

legitimidade discursiva para aquelas que participam dessa configuração. Há uma linha tênue entre a conformação e a emancipação, ainda a ser melhor explorada pelas pesquisas, que Eliane já nos mostra nesta obra ao lançar luz para o protagonismo social das mulheres da Liga das Senhoras Católicas de Curitiba.

Pensar as mulheres na história da educação como intelectuais, sobretudo aquelas ligadas à religião, é ainda um desafio, mas nos parece um movimento urgente para entendermos melhor a produção dos múltiplos caminhos empreendidos por elas para alcançar um lugar fora daquele que lhes estava reservado, ou seja, a esfera privada. Tem nos interessado saber, e Eliane se ocupa muito bem disse neste livro, acerca da participação ativa das mulheres na vida pública, o que fizeram a partir dos lugares que ocuparam, com quais causas se envolveram, quais projetos defenderam e as marcas produzidas em nossa cultura.

Eliane nos aponta, de modo muito instigante, alguns caminhos e alguns rostos femininos da nossa história, contribuindo para pensarmos suas presenças no bojo dos acontecimentos e como sujeitos integrantes dos diferentes projetos de sociedade em disputa no Brasil.

O livro que o/a leitor/a agora acessam dá passos importantes nessa direção e nos convida a acompanhar a autora não apenas nessa leitura, mas nessas incursões investigativas que nos provocam a olhar para as mulheres como intelectuais que assumiram importantes frentes como protagonistas de nossa história.

1

Introdução

Iniciamos este estudo apresentando a história da instituição Liga das Senhoras Católicas de Curitiba (LSCC), constituída em 12 de março de 1953 e ainda atuante. A LSCC é uma extensão da iniciativa nacional encampada pela intelectual católica Amélia Rodrigues, na cidade de Salvador, Bahia, onde a Liga foi fundada originalmente em 1909. Em Curitiba, Dom Manuel da Silveira D´Elboux, o então arcebispo, e algumas mulheres da alta sociedade foram convocados para a missão de “desenvolver a ação social católica em todos os seus aspectos, estreitar os laços de amizade cristã e promover o aperfeiçoamento intelectual, moral e religioso” (LSCC, 1953).

A Liga das Senhoras Católicas (LSC) é um movimento de protagonismo político na educação e na cultura, formada pelo associativismo de mulheres pertencentes à elite integradas ao projeto católico, tanto em Curitiba quanto em outros lugares do Brasil e do exterior. Esta dissertação se refere às mulheres que assumiram posição de líderes na Liga de Curitiba, que transcenderam sua atuação no lar e na família e que eram apoiadas pela Igreja católica a fim de colocarem-se a serviço da comunidade. Nesse processo vemos a união de dois grandes objetivos que atendiam as necessidades de ambos. Por um lado, seria possível às mulheres de elite terem sua participação ativa aceita na sociedade, saindo de um lugar secundário e invisibilizado tradicionalmente, restrito à esfera doméstica em larga medida, o qual lhe foi imposto pela sociedade. Por outro, existia a necessidade de renovação da Igreja, de criar formas para anunciar seus preceitos, de se aproximar da sociedade, de modo mais eficaz. O trabalho das mulheres leigas de elite foi um dos braços fortes da Igreja para alcançar esse objetivo.

Diante das fontes encontradas e das pesquisas já realizadas acerca das categorias que complementam o nosso objeto de estudo, buscamos responder aos seguintes questionamentos: quais as estratégias utilizadas pela LSCC para estar presente na cultura da sociedade curitibana? Como elas colocam em evidência as ações de apoio ao movimento feminino católico¹?

Definimos, então, como objetivo geral, analisar a presença da LSCC no campo da educação e da cultura na sociedade curitibana. Nessa perspectiva, buscamos compreender como a ação das mulheres leigas católicas influenciaram na sociedade, como se posicionaram, aliadas à Igreja, para divulgar e impor determinados valores, de modo a reforçar uma cultura fortemente alicerçada na cultura católica e, a partir deste repertório, intervir na sociedade.

Para alcançar o objetivo geral, estabelecemos três objetivos específicos, a saber: a) analisar o surgimento da Liga em nosso país, quais influências e motivações guiavam o chamado da Igreja na sociedade; b) analisar a presença do associativismo feminino como estratégia utilizada pelas mulheres associadas à LSC; c) investigar a presença cultural da LSCC na sociedade Curitibana em sua fundação na década de 1950 até 1993. O recorte temporal desta pesquisa encerra em 1993 devido à implantação da última creche administrada pela LSCC.

Sendo assim, pretendemos, de um modo geral, refletir acerca da presença da Igreja na educação da sociedade e nos projetos de organização da

¹ O feminismo católico - ou feminismo com Deus ou movimento feminino católico, expressões utilizadas no período em questão da história - é uma das possíveis interpretações e pautas do feminismo que ocorreu no início do século XX e que fora defendido pelas mulheres militantes católicas como Amélia Rodrigues, Stella de Faro, dentre outras, como parte de uma visão do feminismo apoiado pelo catolicismo, como resposta ao feminismo europeu que iniciava sua expansão pelo mundo. Esses conceitos e pautas podem ser encontrados em Martins (2020). Nesse artigo a autora também relata sobre as próprias divisões de apoio a esse tema dentro da Igreja; como também os trabalhos de Ivone Gerbara, irmã de Nossa Senhora Cônegas de Santo Agostinho, doutora em Filosofia e Ciências Religiosas, nos apresentando mais pontos de discussões sobre o tema (NUNES, 2006). Também encontramos pautas femininas no âmbito protestante, como podemos ver em Rohden (1997).

nação no Brasil por meio da LSC e, especificamente, da LSCC. Para isso, foi importante identificar a conjuntura política e religiosa que possibilitou o surgimento das Ligas, bem como a rede de sociabilidade que endossou sua atuação, ambas fundamentais para que o movimento alcançasse seus objetivos iniciais. Os avanços da LSCC junto à sociedade Curitibana ampliaram sua esfera de atuação no campo da educação e da saúde, no entanto, há uma particularidade da atuação política dessas mulheres que precisa ser destacada.

Conforme escrito por Orlando e Leonardi (2017), a ação dos leigos católicos intelectuais aliados à Igreja, a partir dos anos 1920, foi um campo a mais de pesquisa para identificar a circulação de saberes, representações, defesa de valores e, principalmente, divulgar e zelar por uma moral de bons costumes. As autoras apontam que:

A ampliação dos estudos sobre outros espaços de circulação desta intelectualidade visa a contribuir para a compreensão das várias formas assumidas pelo catolicismo (como prática e como conjunto de ideias) em nosso país, intervindo na educação, seja ela entendida como escolarização ou como socialização. (ORLANDO; LEONARDI, 2017, p. 16).

Entendemos que as mulheres que lideraram a LSCC, devido ao meio social que participavam, tinham acesso à educação e eram atuantes na Igreja e na sociedade no período que compreende esta pesquisa. Devido a isso, classificamos as mesmas como intelectuais, pois, segundo Vieira (2015b, p. 8), “[...] não basta ser sábio e erudito para ser identificado como intelectual, pois o intelectual é aquele que mobiliza o seu prestígio como especialista em favor de causas públicas, muitas delas completamente distantes de suas especialidades”. As mulheres associadas à LSCC estiveram a serviço da sociedade curitibana produzindo saberes, valendo-se de seu

prestígio social em prol de uma causa, conforme demonstraremos no decorrer da dissertação.

A Liga das Senhoras Católicas surgiu como meio de extensão de atuação da Igreja para fora das cátedras, com foco inicialmente nos grupos de elite. O projeto de recristianizar a nação possuía muitas frentes, mas começava pelos grupos da elite intelectual, cultural, política e econômica. Desse modo, visava alcançar direta e indiretamente os possíveis quadros dirigentes da nação. Se, para os homens, foram pensadas iniciativas como a criação do Centro D. Vital e da revista *A Ordem*; para as mulheres, foram pensadas as Ligas como um braço da Ação Católica. Homens e mulheres foram engajados nesse projeto impulsionado por D. Leme. Era preciso engajar também as mulheres da elite no projeto recristianizador da nação, com esse intuito fez-se necessário formar um grupo, forte, coeso, com uma marca identitária para que exercessem o papel de mediadoras entre a Igreja e a sociedade. Essas estratégias fizeram parte do projeto recristianizador da nação, quando a Igreja buscou reinventar os meios de ação para reconquistar seu espaço no meio social e político. Em um período que a sociedade urbana estava em plena expansão e em busca de afirmação, valorizava-se a classe burguesa, instituindo-a como formadora de opinião.

Para o encaminhamento do estudo, recorreremos aos aportes teórico-metodológicos da História dos Intelectuais e História das Mulheres inseridos no campo da História da Educação e História Cultural. Ademais, reunimos pesquisas que foram relevantes para a escrita da dissertação, as quais demonstraram a importância do assunto aqui trabalhado para o entendimento das relações educacionais e sociais passadas. Conforme Faria Filho (2000), a forma como uma sociedade se apresenta e cria sua identidade social² influencia na sua educação, por isso,

² Nesse trabalho, identificamos que as ações da LSCC apresentaram pontos marcantes que as identificavam na sociedade, como a mediação dos valores cristãos entre Igreja e a sociedade, através de projetos de ação social entre

[...] parte-se do pressuposto de que a História da Educação deve ser vista como um campo temático de investigação da História, cujo objeto, no caso, é a educação. Educação vista como mediação, referência por meio da qual as relações na sociedade e na cultura são construídas de uma maneira e não de outra. (FARIA FILHO, 2000, p. 16).

Ainda de acordo com o autor citado, a educação é vista também como campo de pesquisa para compreender o seu lugar de mediação nas relações que se constroem na sociedade e na cultura. Buscamos compreender, com o estudo da LSCC, a forma de educação social e cultural difundida na sociedade em que atuou, na qual envolvia uma cultura implícita e um interesse pela conquista de espaço para difundir valores, crenças e saberes entendidos como base da sociedade brasileira na época em questão.

Os trabalhos que aqui trazemos, no movimento de revisão de literatura da área, também nos ajudaram para um melhor conhecimento acerca do que está sendo discutido sobre os campos em que nosso estudo está inserido. Das pesquisas presentes em periódicos acadêmicos, destacamos o artigo de Cardoso (2011), “Por uma história cultural da educação: possibilidades de abordagem”, publicado no *Caderno de Histórias da Educação*. O autor descreve que as pesquisas recentes apontam uma inovação nos estudos da História da Educação, pois abrangem novos itens, como a História cultural, ponto importante para as pesquisas nesse campo. Cardoso analisa autores clássicos da História Cultural, como Roger Chartier, o qual ele considera como um dos mais citados, principalmente quando são

LSCC-Igreja-Estado - sua forte presença de liderança feminina se impondo contra os maus costumes (assim por elas compreendidos à época) -; ou mediante seus eventos sociais e culturais destinados à alta sociedade da cidade, principalmente nas primeiras décadas de existência. Essas ações nos remetem à afirmação de uma identidade na LSCC, pois, segundo Weeks (1990), entende-se como conceito de identidade social o modo como nós nos posicionamos na sociedade em que vivemos e o modo como percebemos os demais. Ainda, conforme Weeks (1990) define identidade, como o sentimento de pertencer a um determinado grupo, sendo que o que você tem em comum com algumas pessoas é o que o torna diferente de outras.

discutidos os conceitos de representação e apropriação em relação à leitura e aos impressos.

Outro artigo encontrado – voltado para a História das Mulheres – foi “Entre o mundo da casa e o espaço público: um plebiscito sobre a educação da mulher”, de Irma Rizzini e Alessandra Schueler (2018), publicado na revista *História e Historiografia da Educação*. De acordo com as autoras, nas últimas décadas, as relações entre os gêneros têm sido foco de pesquisas da historiografia nacional e internacional. Ao citarem que a História Cultural muito colaborou para a inclusão dessas análises – novamente o diálogo com a História Cultural e suas influências na sociedade como processos que criam caminhos e educam as pessoas por meio de ações –, as autoras destacam que as histórias de vida trouxeram novos olhares para a atuação das mulheres, sendo possível para essas “excluídas da história”³ terem voz.

Razzini e Schueler (2018) também afirmam que a História das mulheres e as inovações do campo historiográfico brasileiro têm dado lugar ao surgimento de inúmeros temas de pesquisa, alargando as investigações sobre o papel da mulher em vários espaços sociais, não apenas no familiar, mas também nos movimentos de luta e na ação social pelos direitos civis e políticos.

É crescente, nas últimas décadas, o número de trabalhos historiográficos produzidos no Brasil cujo objeto central de suas análises são mulheres. Com abordagens distintas e fundamentadas em variados aportes teórico-metodológicos, estes trabalhos discutem diversos aspectos da vida das mulheres em diferentes momentos históricos.

³ Expressão tomada de empréstimo de Michelle Perrot (1992).

Essas mulheres, ainda tão obscurecidas na historiografia em sua ação política e intelectual, precisam ser encontradas e compreendidas em seus projetos, suas ações, sua condição feminina, os lugares ocupados como sujeitos que participam e movimentam o fluxo da história. (ORLANDO, 2017, p. 122).

Na tentativa de trazer luz⁴ para o lugar das mulheres obscurecidas nas pesquisas históricas, nosso estudo volta-se para a análise das mulheres católicas; estas que, mediante os seus papéis junto à Igreja, expandiram sua atuação na vida pública. Por meio de uma educação não escolar, as mulheres católicas, especificamente as que integravam a LSC – consideradas por nós como intelectuais⁵ –, criavam e mediavam uma cultura nos moldes católicos a fim de expandirem os ensinamentos por elas aprendidos.

Esta pesquisa busca contribuir com este campo de estudos que apresenta possibilidades vastas para pensar nos diferentes caminhos pelos quais as mulheres se inseriram na vida pública com a chancela da Igreja. Segundo Orlando (2017), há muito a ser desbravado nas pesquisas para mostrar a atuação das mulheres e os impactos de suas ações na sociedade brasileira. Nesse sentido, o livro *Mulheres Leigas na Igreja de Cristo*, de Terezinha Zanlochi (2001), também nos deu embasamento para fazer tal análise, tendo em vista que a autora reforça que a presença feminina na Igreja foi um importante caminho utilizado para as mulheres saírem de casa e atuarem numa sociedade totalmente patriarcal. De acordo com a autora,

⁴ Retiramos a expressão de forte presença feminina, “trazendo luz”, do artigo do Mesquida (2017).

⁵ Entendemos essas mulheres como intelectuais de acordo com Sirinelli (1996). Segundo o autor, “podem ser considerados como intelectuais todos aqueles que têm sua notoriedade eventual ou sua ‘especialização’, reconhecida pela sociedade em que ele vive – especialização esta que legitima e mesmo privilegia sua intervenção no debate da cidade –, que o intelectual põe a serviço da causa que defende.” (SIRINELLI, 1996, p. 243).

No final do segundo milênio, a emergência do especificamente feminino criou espaços propícios para a fertilização da militância pela libertação da mulher. A mulher católica por meio de sua hierarquia, acompanhou de perto, subsidiando e animando, os movimentos empreendidos. Nossa hipótese é que a mulher leiga engajada tem sido a principal mediadora da evangelização entre o clero e o povo. (ZANLOCHI, 2001, p. 18).

Compreendemos, conforme Zanlochi, que a Igreja aparece como apoiadora no sentido de não conter, ou da impossibilidade de conter, um movimento de transformação do papel feminino na sociedade e, por projeção, o reconhecimento da mulher como sujeito ativo na sociedade e na evangelização.

De igual modo, no artigo “Disciplina e piedade: o movimento feminino católico brasileiro no começo do século XX”, publicado na *Revista Brasileira de História das Religiões*, Ana Paula Vosne Martins (2016a) traz a presença das mulheres no espaço católico. A autora relata que:

[...] a Ação Católica foi um importante movimento do qual participaram ativamente as mulheres da elite, mas também mulheres das camadas sociais mais populares que atenderam prontamente o apelo clerical e das próprias lideranças femininas para se engajarem no combate de restaurar tudo em Cristo, como havia proclamado o Papa Pio X. (MARTINS, 2016a, p. 188).

A LSCC, nosso objeto de pesquisa, nasceu como fruto da Ação Católica. Desse modo nós afirmamos a importância do estudo em questão, pois as mulheres pertencentes a essa instituição em Curitiba – como veremos nos capítulos seguintes – participaram de forma muito ativa da Ação Social Católica na sociedade Curitiba. O que corrobora com o que Martins (2016a) aponta: em um primeiro momento, as mulheres de elite foram mais receptivas à autoridade do clero. A religião seria, portanto, uma nova esfera de atuação para as mulheres, pois historicamente elas mantinham

laços fortes com a Igreja, provavelmente devido aos estudos em colégios de padres ou freiras e porque, nessas instituições, receberam uma educação voltada para o modelo de feminilidade difundido pelo catolicismo. Sendo assim, buscamos com esta pesquisa contribuir para reduzir a carência de estudos voltados para a compreensão da presença feminina nos movimentos católicos. Segundo Martins (2016a, p. 191),

No caso brasileiro ainda carecemos de análises mais localizadas sobre a crescente participação feminina no projeto católico atendendo a orientação clerical. A historiografia permite lançarmos algumas hipóteses somente, porque faltam pesquisas sobre as organizações femininas católicas para o século XIX e mesmo aquelas que foram criadas no século XX são poucas conhecidas.

Intentamos compreender melhor as formas de engajamento dessas mulheres, de forma que os estudos que discutem sobre associativismo feminino católico também nos interessaram. Esse movimento, em certa medida, resulta da luta empreendida pelas mulheres católicas de elite para conquistar e criar um espaço próprio no meio social e político. Dessa maneira, vemos as Ligas como um espaço de atuação e presença que, via o atendimento social, construíram um caminho para a nova civilização. Dentre os estudos localizados sobre a Liga, ainda que indiretamente, destacamos os seguintes trabalhos: *Stella de Faro: uma luz no caminho da restauração católica*, de Peri Mesquida (2009); *A Igreja Católica na formação da sociedade brasileira*, Riolando Azzi (2008); “Itinerários do associativismo feminino no Brasil: uma história do silêncio e Perspectivas transculturais e transnacionais de gênero”, capítulo primeiro do livro de Ana Paula Vosne Martins (2018), sendo que no último a autora relata os movimentos católicos femininos internacionais até chegar na Liga das Senhoras Católicas da Bahia; e *História da educação católica: produção e*

circulação de saberes pedagógicos e história da educação católica no Brasil e em Portugal, de Evelyn Orlando (2017).

No início da pesquisa, identificamos a reduzida documentação disponível sobre o objeto em questão – podendo ser esse um limitador da pesquisa –; no entanto, essa história ainda não contada acabou se transformando em um desafio que alimentou nosso interesse e permitiu contínuas descobertas. Apesar da escassa documentação, pensamos ter contribuído para inserir na historiografia educacional um movimento associativista de mulheres de forte expressão na cidade de Curitiba, com atuação em muitas frentes e pauta social voltada às mulheres. Fazer o levantamento das fontes existentes sobre o objeto em questão e selecionar categorias que nos ajudassem a pensá-lo foram o nosso ponto de partida, empenhando-se realmente em transformar em documento o pouco que existia. Seguimos os fios e os rastros que iam se apresentando, em busca de novas pistas que nos auxiliassem no registro e na análise do possível cruzamento das informações, procurando uma possível representação da LSCC. Nesse processo, seguimos a orientação de Michel de Certeau (1982, p. 76):

Em história, tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em "documentos" certos objetos distribuídos de outra maneira. Esta nova distribuição cultural é o primeiro trabalho. Na realidade, ela consiste em produzir tais documentos, pelo simples fato de recopiar, transcrever ou fotografar estes objetos mudando ao mesmo tempo o seu lugar e o seu estatuto.

Com vistas a uma compreensão mais específica do que já se tinha produzido em relação ao nosso objeto, procuramos nos banco de teses e dissertações por palavras-chave de nossa pesquisa, como “Liga das Senhoras Católicas”, independentemente do período. A expectativa era encontrar pesquisas já realizadas sobre a Liga das Senhoras Católicas de

Curitiba e de outras cidades. Durante nosso levantamento encontramos um único estudo acadêmico sobre a LSCC: a monografia de conclusão de curso de graduação *A Liga das Senhoras Católicas de Curitiba e a Ação Benemerente: tradição e modernidade no associativismo feminino*, de Virgínia Damas Novello (2008). O foco da autora foi apresentar o papel feminino a partir da descrição das atas da década de 1970 da LSCC e das reportagens sobre a LSCC no jornal *Gazeta do Povo*, na década de 1950.

Em nível nacional, encontramos a dissertação *Associação privada sem fins econômicos de assistência social: entre a lógica da filantropia e do reconhecimento da cidadania – o caso da Liga das Senhoras Católicas de São Paulo*, de Márcia Moussallen (2008). O foco dessa autora foi a assistência social, as histórias e influências da Liga das Senhoras Católicas de São Paulo. Além dessas, encontramos a dissertação *Liga das Senhoras Católicas de Cuiabá (1924-1935): o movimento de ação católica no Brasil e as associações femininas*, de Darlene Socorro da Silva Oliveira (2010), que trata sobre a Liga das Senhoras Católicas de Cuiabá e a relaciona com o movimento de Ação Católica naquela cidade.

Realizado o levantamento dos trabalhos já produzidos, visitamos e contatamos alguns acervos de pesquisa; posteriormente, reunimos as fontes localizadas nesses acervos em um *corpus documental* contendo reportagens e outras informações divulgadas na mídia. Na Casa da Memória de Curitiba, encontramos algumas revistas, como a revista *Panorama*, que traz reportagens sobre as presidentes Nice Braga e Dalila Lacerda, entre outras, e dados bibliográficos acerca do arcebispo Dom Manuel D'Elboux. Na Cúria Metropolitana de Curitiba, encontramos um rascunho de Dom Pedro Fedalto sobre as ações da Liga e o relatório da Coordenação Arquidiocesana de Apostolado Leigo (CADAL). Já no Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, não encontramos relatos sobre o assunto em questão. Por último no acervo da própria LSCC, encontramos atas, relatórios,

fotos, registros de reportagens a partir dos anos 1970, o qual também utilizamos nesse trabalho.

Como encontramos poucas informações nos locais visitados, principalmente dos anos iniciais da LSCC, realizamos uma busca no portal da Biblioteca Nacional, na seção Hemeroteca, com o objetivo de verificar o que a imprensa divulgava sobre o movimento; pois reconhecemos que a imprensa registra, comenta, forma opiniões, educa, passa valores. Por intermédio de suas palavras e imagens, é possível encontramos saberes, valores e comportamentos veiculados como padrão em diferentes épocas. A consciência dessa riqueza documental fez aumentar nossa curiosidade sobre o objeto. O termo descritor “Liga das Senhoras Católicas de Curitiba” resultou em 1.255 ocorrências correspondentes aos jornais e revistas do Paraná entre 1950 e 2000. Trabalhamos, principalmente, com as notícias veiculadas no jornal *O Dia*, que tem maior número de ocorrências de livre acesso para pesquisa, conforme se pode ver no Quadro 1, a seguir:

Quadro 1 – Ocorrências da LSCC nos jornais do Paraná

Descrição	Ocorrências
Diário do Paraná: Orgão dos Diários Associados (PR) - 1955 a 1983	621
O Dia (PR) - 1923 a 1961	226
Diário da Tarde (PR) - 1899 a 1983	124
Correio do Paraná : Orgão do Partido Liberal Paranaense (PR) - 1932 a 1965	109
Ultima Hora (PR) - 1959 a 1964	91
A Divulgação (PR) - 1853 a 1975	39
Correio de Notícias (PR) - 1980 a 1989	15
A Tarde (PR) - 1930 a 1960	11
Correio da Noite (PR) - 1959 a 1960	10
Paraná Esportivo (PR) - 1952 a 1963	4
Correio de Notícias : A serviço do Paraná (PR) - 1990 a 1992	3
Nicolau (PR) - 1988 - 1997	1
Maestro Bento Mossurunga (PR) - 1898 a 1979	1
Total Ocorrencias	1255

Fonte: quadro elaborado pela autora a partir dos resultados de busca na hemeroteca digital do portal da Biblioteca Nacional Digital.

Além dos periódicos mencionados no Quadro 1, há outros jornais, como *Gazeta do Povo*, que não fazem parte do arquivo da Hemeroteca

Digital, mas possuem reportagens sobre a LSCC. Da mesma forma, algumas revistas de circulação na cidade foram somadas a nossa produção de documentos, tais como: *Revista do Clube Curitibano* e *Revista Panorama*. Na Biblioteca Digital, o material disponível se refere à épocas mais remotas, visto que materiais mais recentes não se encontram no acervo dessa biblioteca. Apesar disso, nosso objetivo com essa amostragem foi confirmar como a LSCC, a partir de sua fundação, foi divulgada pela imprensa na cidade de Curitiba. Foram consultados somente os periódicos do Paraná, estado onde está localizado o objeto de pesquisa e a seleção de reportagens mais significativas⁶. A busca por notícias que explicassem nosso objeto com maior detalhamento foi longa. Para tanto, foram realizadas comparações de noticiários sobre a LSCC em diferentes jornais dentre os listados no Quadro 1.

Percebemos que as coberturas que apresentavam fotos do evento, da presença, da realização em si, traziam mais conteúdo e entendimento do que a própria matéria; pois a foto aproxima mais do momento vivido, uma imagem revelava muito mais que o anúncio. De acordo com Machado Júnior (2011), a união entre a fotografia e a imprensa, durante o século XX, foi perfeita para a proliferação do conhecimento, caracterizando-a como um atrativo visual para o público-leitor, quanto mais imagens estivessem

⁶ Dentre os jornais mais utilizados, podemos mencionar jornal *O Dia*, fundado em 1870, no Paraná, relançado em 1896, 1901, 1923 e 1975, para nossa pesquisa utilizamos o relançamento de 1923 a 1961, onde consta na década da pesquisa de anos 1950 e 1960, propriedade da empresa editora O Dia Ltda, quanto ao jornal o diretor no período era: Hélio Setti, Redator-chefe: Barros Cassal e Gerente: Miguel Rosa, nesse período seus exemplares eram diários. Já o jornal *Diário da Tarde* paranaense circulou entre 1899 e 1983. O jornal se apresentava como órgão independente, sendo proprietária, na década de 1950, dona Leopoldina, a viúva de Hildebrando de Araújo; ele grande empresário, líder, político e comerciante de grande influência na sociedade Curitibana. Já o jornal *Última Hora*, em sua versão curitibana, circulou entre 1959 e 1964, sendo que já existiam páginas com matérias sobre o estado. Seu primeiro diretor foi Carlos Coelho e depois Ary de Carvalho. O jornal era impresso em São Paulo, chegando em Curitiba nas primeiras horas da manhã, sendo um dos jornais de maior tiragem do Paraná chegou ao recorde de tiragem de 60 mil exemplares numa edição; o que, para uma época que Curitiba não tinha mais de 400 mil habitantes, representa um grande número. O jornal *Gazeta do Povo* iniciou sua circulação em 2 de fevereiro de 1919, fundado pelo advogado Benjamin Lins, avô da atual presidente da LSCC, Vera Lins da Costa. Em meados dos anos 1950 e 1960, o mesmo jornal passou por algumas crises, trocando sua direção. Após sua reformulação se tornou um dos principais jornais do Paraná, sendo pioneiro ao apresentar uma foto colorida na primeira página em 1973.

associadas à informação noticiada, maior seria o número de pessoas interessadas em seu conteúdo. Em nosso escopo, esse valor se agrega à importância da imagem como fonte para História e História da Educação, permitindo visualizar o ontem e o seu conteúdo com detalhes não comentados.

O uso da imagem associado ao texto ajuda a repensar nossa forma de analisar as fontes. Nesse sentido, a visão de Le Goff (1992) sobre a monumentalidade dos documentos, ajuda-nos a pensar a imagem pela intencionalidade de sua produção, ou seja, quais os interesses do registro de um determinado momento.

O uso dos jornais como fontes para a História da Educação já vem sendo feito com força significativa no campo, como indicam as seguintes publicações: *Jornal diário como fonte e como tema para a pesquisa em História da Educação: um estudo da relação entre imprensa, intelectuais e modernidade nos anos de 1920*, de Vieira (2007); *História da Educação, fontes e a imprensa*, de Zanlorenzi (2010); *A educação, imprensa e intelectuais: um estudo dos periódicos Gazeta do Povo e Diário da Tarde (1910-1930)*, de Gelbcke (2011); *Imprensa no Paraná e o combate ao analfabetismo: trajetória e pensamento de Raul Gomes (1889-1975)*, de Souza e Campos (2013); *Periódicos e imprensa como fontes para o estudo da educação dos sentidos em Minas Gerais: o tempo livre como possibilidade de formação (entre as décadas finais do século XIX e as décadas iniciais do século XX)*, de Oscar e Oliveira (2013). Elas informam inclusive como operar com esse tipo de fonte. Nesse sentido, apoiamo-nos nas orientações de Vieira (2007, p. 14):

[...] enfocaremos o jornal como fonte de pesquisa [...], uma vez que exploraremos suas potencialidades como documento, como suporte de sentidos, bem como seu protagonismo como agente social. Esta forma de abordagem apoia-

se em uma premissa cara a pesquisa histórica, ou seja: da necessidade, no plano da operação historiográfica, de situar as fontes como feixe de relações, como resultados de conflitos e de negociações que tornam visíveis ou invisíveis certas questões, acontecimentos ou formas de pensar.

Sendo assim selecionamos as notícias – textuais ou imagéticas – que melhor nos ajudavam a alcançar nosso objetivo, mas todos os jornais foram acessados. Muitos anúncios somente divulgavam algum serviço ao público da LSCC, como a divulgação do salão de beleza feminino, as reuniões da Diretoria, as feiras, os bazares. Esses foram considerados para caracterização do objeto, mas nem sempre optamos por dar visibilidade ao registro do anúncio.

A busca nos jornais supracitados foi fundamental porque, no acervo da LSCC, encontramos documentos disponíveis somente a partir de 1970, sendo assim a grande parte da história do nosso objeto é contada pelos jornais, principalmente nos dois primeiros séculos de sua existência. Por isso, a representação que obtivemos da Liga está muito associada à imagem que foi criada pela imprensa. Isso não nos impediu de interrogar essa construção e desconfiar tanto da imagem quanto da memória que a imprensa contribuiu para produzir sobre a LSCC, pois, segundo Vieira (2007, p. 17),

Esse lugar de luzes e de sombras precisa ser interpretado, de tal maneira que seja possível ver o que foi elidido e ressignificar o que se pretendia óbvio e indiscutível. Essa forma de leitura é possível quando compreendemos os enunciados presentes no impresso como intervenções de um agente social interessado em orientar formas de pensar, de sentir e de agir.

Os registros nos jornais foram utilizados como meios de propagação e divulgação da instituição, sendo expressivos nas primeiras décadas de seu funcionamento. Eles eram utilizados para comunicar as ações da Liga,

convocar parcerias e dar visibilidade às suas sócias. Contudo, a Igreja também se utilizava desse meio para divulgar suas ações, uma vez que os anúncios da LSCC geralmente estavam na coluna da sociedade ou da Igreja.

Em outras situações, com o cruzamento das informações, foi possível a correlação entre as fontes, o que foi enriquecedor para a pesquisa. Por exemplo, identificamos registros inéditos como o caso da reportagem do jornal *O Dia* sobre a divulgação de um importante evento: o lançamento social da LSCC no Clube Curitibano. Com isso, conseguimos com o clube a reportagem publicada na revista do Clube Curitibano, em 1953 (ano IV, n. 25), como material inédito. Na Biblioteca Pública do Paraná tivemos acesso às microfilmagens referentes ao mês de março e abril de 1953. No jornal *Gazeta do Povo*, a reportagem relatada sobre a fundação da LSCC em Curitiba e suas expectativas em 1953 consideramos como significativa. As demais reportagens encontradas nesse jornal não eram diferentes das já conhecidas nos jornais do Quadro 1, sendo assim não auxiliariam na remontagem da documentação.

Reunidos esses documentos, selecionamos recortes de outros jornais e revistas da época, ou anteriores, como o jornal *A União*, o qual nos reforçou o papel de duas militantes femininas que iniciaram a LSC no Brasil. Além da imprensa, utilizamos informações do acervo da LSCC, que nos foram disponibilizadas apenas a partir de 1970, como fontes privilegiadas desta pesquisa.

Como aporte teórico, os conceitos de *História Cultural, apropriação e representação*, de Chartier (2002), embasaram nosso estudo para analisar a atuação da LSCC nas décadas 1950 e 1960, a partir de valores sociais, cristãos e culturais e seus modos de (re)produção junto à sociedade curitibana. Os conceitos de *intelectuais e rede de sociabilidade*, de Sirinelli (1996), também fizeram parte da análise teórica desta dissertação.

Sabendo-se que a História Cultural trouxe algumas possibilidades de visão para novos objetos, de modo que propiciou estudos dos mais variados, como: a cultura popular, a cultura letrada, as representações, as práticas discursivas partilhadas por diversos grupos sociais, os sistemas educativos, a mediação cultural pelos intelectuais. O que nos deu a possibilidade de analisar nosso objeto a partir dessa nova visão. Já as redes de sociabilidade de Sirinelli orientaram nossa análise para os espaços de sociabilidades, nesse pequeno mundo estreito no qual os envolvidos vinculam-se uns aos outros por uma série de laços e afinidades, em torno de lugares em comum, definindo assim o meio em que a LSCC se desenvolve e se apresenta.

A partir da pesquisa realizada com base nessas fontes e aportes teóricos, organizamos a dissertação em três capítulos, na devida ordem. No capítulo “Pela igreja e pela pátria’: liderança feminina na Liga das Senhoras Católicas”, apresentamos as protagonistas do movimento de mulheres católicas atuantes a nível nacional, o qual viabilizou o início da Liga em várias localidades no Brasil. Destacamos a repercussão internacional do movimento da LSCC como forma de lançar luz no protagonismo das mulheres leigas nas ações da Igreja, além de um caminho possível de afirmação de identidades, intelectualidade e liderança feminina.

No capítulo “Presença de uma identidade feminina na LSCC”, apresentamos essas marcas na cidade de Curitiba por meio do perfil das mulheres pertencentes à LSCC, tendo conexão com os mesmos objetivos alinhados ao nacional, não somente por característica do movimento, como também suas próprias marcas do momento social do qual participavam: da saída das mulheres às ruas, apoiando as decisões do meio social, inclusive da ditadura militar.

No capítulo “A presença de uma identidade social da Liga das Senhoras Católicas na sociedade curitibana (1953-1970)”, analisamos a atuação

da LSCC na cultura da sociedade curitibana nos anos de 1950 a 1970, constatada nos jornais e nas revistas da época. Foi possível verificar nas fontes que se criou uma identidade social a partir de ações no campo social e religioso, sendo que, no período de análise de 1970 a 1993, a Liga marca presença na gestão educacional, focada em creches, em que traduzem seu lema atual: serviço social e educacional.

“Pela Igreja e pela Pátria”: liderança feminina na Liga das Senhoras Católicas

É o feminismo. Por feminismo entende-se, geralmente, a coparticipação da mulher nos negócios públicos, a equiparação de seus direitos políticos ao do homem, finalmente, a sua emancipação completa, o que vale dizer: libertai-a dos moldes estreitos em que andava encerrada.

Amélia Rodrigues

O início das atividades da Liga das Senhoras Católicas no Brasil ocorreu em 1909, primeiramente na Bahia¹, com o auspício da Igreja, que na época destacou a presença do associativismo e liderança feminina no meio católico leigo. Inicialmente recebeu o nome de *A Liga das Senhoras Católicas Brasileiras* em razão do objetivo inicial que era o de ser uma espécie de central de todas as demais Ligas que, eventualmente, viessem a surgir. Contudo, também ficou conhecida, naquele contexto, como Liga das Senhoras Católicas da Bahia, na ocasião liderada por Amélia Augusta do Sacramento Rodrigues², feminista nos moldes católicos, mas com forte ímpeto político e social.

Sete anos depois do lançamento da LSC na Bahia, Ignez Serrano, que no período exercia importante papel de liderança católica no Rio de

¹ Na inauguração da Liga Catholica das Senhoras Baianas Amélia Rodrigues discursa: “Começa a funcionar hoje a Liga Catholica das senhoras Baianas, agremiação nova, de grande alcance moral, a primeira no gênero que senhoras se atrevem a fundar no Brasil”. Disponível em: <http://www.bvconsueloponde.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=168>. Acesso em: 2 out. 2019.

² Amélia Augusta do Sacramento Rodrigues (1861-1926) nasceu no interior da Bahia, mudou-se para Salvador e, em 1918, para o Rio de Janeiro, onde passou a escrever para vários periódicos católicos. Católica, professora e escritora, sendo uma das primeiras mulheres do período a se profissionalizar como escritora, dentre seus livros o de maior destaque podemos citar *Mestra e mãe* (1898), todos voltados para a educação da mulher e crianças. Escreveu para diferentes periódicos da Bahia e do Brasil. Atuou na criação das primeiras revistas femininas como *A Paladina* (1910), *A Voz da Liga das Senhoras Católicas* (1913), segundo SILVA (2018). Em 2005, Amélia Rodrigues foi incluída no livro coleção educadores da Bahia, demonstrando ainda mais sua presença atuante também no âmbito educacional.

Janeiro, escreveu no jornal *A União* (19/03/1916), na coluna intitulada “A mulher na Acção Social”, sobre o recente lançamento da Liga das Senhoras Católicas na Bahia, devido aos esforços de Amélia Rodrigues. Em seu artigo, Serrano fomentou que o movimento precisava alcançar todas as cidades brasileiras, todas as senhoras católicas brasileiras. Nas palavras de Serrano, compreendemos que a luta de Rodrigues para levantar um exército feminino começava a ter adesões. Por meio de seu artigo, a colunista faz repercutir a importância do trabalho de Rodrigues, pois era necessário na visão da Igreja, e conseqüentemente das fiéis, expandir a Acção Social Católica como um dever das mulheres católicas:

A associação a qual querem-se filiar, é a Liga Católica das Senhoras Brasileiras, com sede na cidade de S. Salvador, estado da Bahia.

Rejubei vendo que as minhas patrícias já se vão convencendo da utilidade da acção social feminina, e que o desejo ardente de Amélia Rodrigues vai tendendo a ser compreendido e posto em prática... É preciso que obra tão proveitosa da terra de Paraguassu seja ampliada por todos os estados do Brasil, e que a voz das senhoras bahianas ressoe como um clarim, chamando a posto todas as brasileiras corajosas, com criptas do exército do Dever. (SERRANO, *A União*, 19/3/1916, p. 2).

A partir das palavras de Iñez Serrano, em 1916, inferimos que a LSC da Bahia tomava forma, diferente de outros movimentos femininos católicos que, segundo ela, morosamente andavam. Os sete anos iniciais da instituição foi de intensa luta e divulgação por parte de Rodrigues. A LSC ainda precisava de novas forças, novas adesões, para ser um grande movimento nacional. Percebe-se uma possível dificuldade no público feminino católico de assumir posições públicas e aderir a algum movimento. Não por falta de esforços, de palavras encorajadoras por parte de Rodrigues ou das demais líderes cristãs, mas provavelmente pela própria censura, incertezas e barreiras que a presença feminina ainda enfrentava

quando exposta no meio social. Além disso, é preciso considerar o peso da educação e da cultura que reservou às moças e às mulheres burguesas a vida privada como espaço privilegiado de atuação. Esse era o seu domínio. Em que pese o desejo de algumas mulheres por extrapolá-lo, a transição da casa para o espaço público significava uma mudança de cultura para as mulheres burguesas: desejada por algumas, resistida por outras.

Nesse mesmo ano, o cardeal Dom Sebastião Leme, outro importante líder católico, lança um novo clamor vivificador para a Igreja, corroborando com o clamor feminino ou – poderíamos dizer – aliando-se à força feminina que já ecoava também dentro da Igreja. O então arcebispo de Olinda e Recife fez, na Carta Pastoral de 1916, um forte apelo evangélico ao povo católico, sendo que no documento já definiu de como deveria ser a Igreja de Jesus Cristo a partir daquele momento:

Sim, ao católico não pode ser indiferente que a sua pátria seja ou não aliada de Jesus Cristo. Seria trair a Jesus; seria trair a pátria! Eis por que, com todas as energias de nossa alma de católicos e brasileiros, urge rompamos com o marasmo atrofante com que nos habituamos a ser uma maioria nominal, esquecida dos seus deveres, sem consciência dos seus direitos. É grande o mal, urgente é a cura. Tentá-lo – é obra de fé e ato de patriotismo. (LEME, 1916, não p.).

Um dos grandes e inovadores objetivos de Dom Leme era iniciar uma ação na Igreja que pudesse interagir com a sociedade, em que a maioria se dizia católica de nome mas não de atitudes e pensamentos. Se realmente fosse uma maioria católica, segundo Dom Leme, não iriam aceitar de bom grado a proposta republicana de um Estado laico³, cujo rebatimento se fazia sentir em todas as esferas sociais, incluindo a educação.

³ O surgimento de Estado laico, referenciado por Dom Leme, foi oficializado em 1891 pela primeira constituição republicana, separando oficialmente Estado e Igreja Católica, pondo fim ao monopólio católico, dando liberdade

Uma das grandes frentes que se iniciou, desde o chamado de Dom Leme, foi sua ação no engajamento dos intelectuais católicos, mobilizando-os na produção de ações, projetos que deveriam incidir novamente no poder político e social do Estado a partir de uma reeducação cristã. Segundo ele, a Igreja não se calaria perante uma sociedade sem Deus, sem a doutrina católica como “fonte de formação da sociedade brasileira, da moral e dos bons costumes.” (LEME, 1916, não p.). Como um resultado desse reavivamento, entendemos que o movimento de mulheres católicas na LSC também foi reforçado⁴, visto como uma das ações da Igreja para alcançar a sociedade. Uma ação efetiva que tornaria a Liga um exemplo de protagonismo feminino, religioso e político.

Segundo Dom Sebastião Leme (1916), ser indiferente que a Pátria seja ou não aliada a Jesus Cristo, seria para o católico uma traição a Jesus Cristo e à Pátria; ou seja, aceitar um Estado sem a doutrina católica como guia nacional para o povo era entendido como um pecado, uma traição à religião. A partir dessa visão e orientação clerical, o mesmo discurso era proferido pelas senhoras católicas associadas à LSC da Bahia, reproduzido em jornal, demarcando o espaço que visavam ocupar na vida pública, associando Igreja e Pátria como ponto de convergência de suas ações. Tal discurso estava alinhado com a proposta de D. Sebastião Leme e colocava à disposição da Igreja toda a força feminina que também estava emergindo, conquistando novos espaços de liderança e influência.

religiosa a toda a nação. Vista como uma grande perda pela Igreja Católica, que continuou lutando para reconquistar seu poder junto ao Estado e a influência junto à sociedade.

⁴ Encontramos durante pesquisa cartas de Amélia Rodrigues para Dom Sebastião Leme, no ano de 1926, três meses antes do seu falecimento, recorrendo ao auxílio da liderança de Dom Sebastião com um problema ocorrido na publicação de mais edições do Livro Mestra e Mãe, para o qual Amélia e Anísio Teixeira tinham um projeto de distribuição gratuita pelo governo da Bahia para as crianças de educação pública, mas não tinha sido possível a reedição porque o Centro Dom Vital não permitiu. (Disponível em <http://www.bvconsueloponde.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=168>, Acesso em: 8 fev. 2020).

Nosso lema é “Pela Igreja e pela Pátria”. Nunca terçaremos nossas armas insuperáveis por ideal mais sublime do que esse! E, se isso fizermos, apenas cumprimos um dever de gratidão, por que o lugar de destaque, que hoje ocupamos no mundo civilizado, devemos-lo á Igreja Catholica (A UNIÃO, 6/2/1916, p. 1).

Entendemos, desta maneira, que as líderes que se destacaram em suas participações, pela postura e discursos na LSC, partilhavam também do momento da história no qual a reforma da Igreja no Brasil e a “libertação” da mulher se encontraram. Ao unirem esses dois ideais, as líderes passaram a discursar em nome da Igreja e em favor da Pátria, algo inovador, pois unia as mulheres em prol de uma causa social, alinhada com algumas pautas do movimento feminista naquela época. Isto porque, em alguns aspectos desse movimento, elas concordavam e tinham algo em comum; porém, em outros, divergiam e colocavam-se radicalmente contra, principalmente em relação à postura de mulheres que consideravam ir contra os valores cristãos. Todavia, a LSC contribuiu de forma significativa pela atuação de suas líderes para o crescimento e desenvolvimento cultural e social da mulher, bem como em favor do feminismo cristão e da escrita de sua história.

Buscamos em trabalhos e fontes compreender melhor as diferentes construções e representações do feminismo nesse período para tentarmos estabelecer em que medida havia ou não uma aproximação da LSC com algumas ideias do movimento. Na *Revista Feminina*, de 1919, na coluna “Vida Feminina” consta uma nota intitulada “Um juízo insuspeito”, sem autoria, na qual se fez referência à escrita de “O que a guerra fez pela mulher”, de Dona Graciella Mandujano, escritora Chilena, feminista e política, atuante na *Revista del Mundo de New York*: “Para a mulher que desempenhou valioso papel nas obras de guerra, dando mostras de sua força e das suas imensas possibilidades, no período crítico, não se compreende um

retrocesso de regime, volvendo a situação ao que era outrora.” (MADUJANO apud REVISTA FEMININA, 1919, p. 7).

A reportagem continua descrevendo que era preciso uma mudança com o feminismo para se alcançar novos rumos e progredir. Foi a visão da capacidade da mulher que se sobressaiu ao atuar fortemente durante o período da Primeira Guerra (1914-1918) que ressignificou o papel da mulher na sociedade. No texto ainda é destacado que a sociedade iria descobrir um caminho de conciliação entre a vida social da mulher e suas “obrigações” no lar. Dessa maneira, surgiam as condições para que fossem iniciadas as lutas para a conquista de um novo espaço e lugar de lideranças, em que foi possível às mulheres nutrir ambições e sonhos. Com isso, elas puderam ser “percebidas” como capazes de realizações em favor da sociedade, pois desde então seria reconhecido que a presença da mulher se tornou indispensável.

Conforme estudo apresentado por Duarte (2003), o feminismo passou por quatro momentos-ondas, marcados como muito próximos da concretização de suas bandeiras. Essas ondas tiveram seu auge nos anos de 1830, 1870, 1920 e 1970. A primeira onda se constituiu na luta do direito básico de aprender a ler e escrever, até então reservada para o gênero masculino. A segunda foi marcada pelo surgimento de espantoso número de jornais e revistas dirigidas especificamente para o público feminino, advertindo as mulheres de que o grande inimigo era a ignorância de seus direitos. Já no século XX, a terceira onda caracterizou-se principalmente pelo sufrágio feminino (direito ao voto), pela luta ao direito de fazer curso superior e à ampliação do campo de trabalho. A quarta e última onda foi marcada, em outros países, pela luta contra a discriminação sexual e pela igualdade de direitos.

Segundo esse mesmo estudo, no Brasil, a quarta onda foi caracterizada principalmente pela contrariedade à ditadura militar e à censura, pela redemocratização do país e por melhores condições de vida, também se

debateu sobre o direito ao aborto e à liberdade sexual. Nessa onda surgiu a tecnologia do anticoncepcional e, com isso, ocorreu a desvinculação entre sexo e maternidade e sexo e compromisso⁵.

Em meio à luta do feminismo para conquistar seu espaço e ter reconhecimento na sociedade no século XIX, a Igreja Católica se tornou uma via de acesso para muitas mulheres que, pelo associativismo mediante ações sociais de filantropia, saíram dos espaços privados da casa e foram se inserindo na vida social e cultural do país.

O trabalho social das mulheres de elite tem suas origens em meados do século XIX, época em que, segundo Martins (2016b), iniciaram sua luta pelo abolicionismo em prol da dignidade e liberdade das pessoas escravizadas, além de identificarem o quanto suas ações eram limitadas, pois pouco lhes era permitido. Com isso, essas mulheres perceberam que precisavam de maior presença e liberdade social para poderem atuar em suas causas com veemência.

Martins (2016b) afirma que o associativismo feminino caritativo está, a partir da segunda metade do século XIX, profundamente ligado à feminilização do catolicismo no Brasil. Isso foi observado pela grande presença de mulheres nas Igrejas e pelo surgimento de novas associações e confrarias de piedade, como parte também do movimento de recristianização da sociedade que era defendido pela Igreja.

As causas filantrópicas foram o meio encontrado nesse momento de luta por várias mulheres para criarem sua rede de associativismo e somarem suas forças em favor da conquista do espaço de atuação na esfera pública. Por

⁵ Muitos dos pontos citados de luta se repetem atualmente, como trabalho digno e salários iguais aos homens, luta contra a violência física, pouca presença da mulher em altos cargos do mundo do trabalho e da política, por exemplo, em 2020, somente 16% são ocupados por mulheres. A discriminação continua ainda existente em muitos casos, como na diferença salarial, pois, segundo o IBGE (2016), as mulheres com ensino superior completo ou mais recebem cerca de 63% a menos que os homens na mesma posição, percebemos que encontramos ainda hoje a disparidade de gênero, sendo que as mulheres ocupam menos vagas que os homens, recebem menos até quando exercem a mesma função e ainda são expostas a violências, como morais e sexuais (informação retirada de noticiário vinculada nas rádios, sob responsabilidade da Justiça eleitoral, 2019).

exemplo, os movimentos chamados de Associação Cristã Feminina e Legião da Mulher Brasileira também simpatizavam com o feminismo brasileiro, incentivando, em seus discursos, a educação das mulheres. O intuito era de que pudessem participar da vida social assim como os homens, afirmando não haver impedimento para o pleno exercício do direito à cidadania.

Sendo assim, observamos que a Liga das Senhoras Católicas não foi um movimento isolado, mas partilhava um objetivo em comum com outros movimentos femininos que surgiram nesse contexto: o da busca de associativismo feminino brasileiro para obter maior espaço e participação das mulheres no meio social e político. Pelo associativismo feminino, as ações da LSC na sociedade corroboravam com a terceira onda do feminismo, pois eram voltadas para o reconhecimento da inserção da mulher no espaço social pelo direito ao voto; para a contínua e grande importância dada para a formação e capacitação da mulher – tanto na cultura como na formação –; e para o apoio e ampliação do campo de trabalho para as mulheres.

A visão do feminismo estava relacionada à obra de civismo e de amor, por meio da qual as mulheres dirigentes e associadas deveriam se dedicar às mulheres desvalidas. O discurso seguia os moldes dos estatutos da LSC, que também foi proferido pela Liga em suas origens, tendo como lema “Pela Igreja e pela Pátria”. Pela Igreja porque essa instituição foi uma incentivadora do feminismo cristão a partir do associativismo caritativo filantrópico no qual as mulheres cristãs se destacaram, especialmente as de elite. Elas criaram uma consciência de solidariedade com outras mulheres, como as mães pobres e as jovens trabalhadoras urbanas.

2.1 Amélia Rodrigues e Stella de Faro: dois modelos de liderança nos primórdios da LSC

Amélia Rodrigues foi uma das mulheres que se destacou no associativismo feminino católico e, como mencionado, fundou a Liga das

Senhoras Católicas da Bahia em 1909. Com grande poder de liderança, esteve à frente de movimentos femininos cristãos, tanto na Bahia como no Rio de Janeiro. Podemos dizer que, por onde passou, não cansava de ecoar sua voz e suas práticas de divulgação do feminismo cristão. A sua luta, como a de D. Sebastião Leme, era reestabelecer o cristianismo, conforme podemos ver na seguinte frase: “Uma Liga Cathólica das Senhoras Brasileiras! Ah! Quanto precisamos disso! Quanto bem pôde fazer na política dos costumes, e para a restauração do Christo na administração pública...” (A UNIÃO, 6/2/1916, p. 1). A LSC seria uma forma encontrada na visão da Amélia Rodrigues para unirem-se naquele momento e para levantar uma multidão de mulheres para o trabalho de mediação cultural que, por meio de uma política dos costumes, poderiam realizar. Rodrigues incitava as mulheres para que acordassem de seu sono dormente e que fossem em busca de espaço em nome da Igreja e de uma vida social ativa, na qual ela considerava ser o lugar das mulheres, um lugar que as libertassem dos moldes estreitos que as aprisionava.

O seu discurso no início do século XX retratou a luta pela conquista de espaço e reconhecimento feminino, não nos moldes do feminismo sem Deus e sem regras – como muitas delas diziam –, mas com obediência às boas condutas cristãs. O novo papel da mulher na sociedade era visto por Rodrigues, como o meio de realização seguro para sua participação na vida pública. O caminho seria indicado pela Igreja, para Rodrigues, não era possível que as mulheres cristãs fossem excluídas do avanço do feminismo, ao contrário, deveriam aderir, mas com armas cristãs, que era a forma como a santa Igreja recomendava, o único caminho correto e seguro.

De acordo com Amélia Rodrigues, na sociedade os feminismos revolucionários urgiam com uma grande força, contrários aos princípios morais estabelecidos. Segundo ela, os feminismos pregavam a dissolução da família, o ódio ao homem como senhor e chefe, o amor livre e todas as

loucuras do mundo social moderno. Sendo este considerado um grande perigo, o mal da sociedade civilizada, contra o qual todas deveriam compreender e lutar. Rodrigues conclamava todas as mulheres a se unirem contra a onda do feminismo revolucionário com a força do feminismo cristão, estando aqui uma grande pauta da LSC, expondo, influenciando e assumindo posições de visibilidade para divulgar e defender os valores morais por elas acreditados. O enfrentamento deveria ter como espelho as mulheres que chefiavam o movimento feminino cristão e que utilizavam Joana D'Arc como símbolo de luta. Rodrigues, em suas palavras, preparava um exército feminino cristão: “[...] o papel da mulher catholica, chamada, neste momento histórico, a combater as forças brutas e da revolução anti-social e anti-cristian, que se abatem sobre o mundo, como aves de prêa, para o devorar”⁶ (RODRIGUES, *A União*, 16/10/1919, p. 3).

Para ela, a força do feminismo católico não deveria deixar disseminar as ideias vindas do feminismo revolucionário atuante em outros países. As mulheres teriam que estar prontas para lutar e convocar outras mulheres cristãs para juntas organizarem-se em prol de uma causa feminina em conformidade com a fé cristã. Rodrigues afirmava que as mulheres são uma força isolada e que, unidas em um só pensamento, poderiam vencer a luta pelos direitos, conforme ela relata:

Actualmente o mundo inteiro, minhas senhoras, está de olho fito, olhos acesos de interrogação e de pasmo, na visão da mulher, não a visão de outras eras, feita de luar e perfumes, na poesias dos trovadores, mas a visão da realidade moderna, prosaica e progressiva: a mulher sem atavios, envergando um traje quase masculino, dirigindo uma locomotiva ou jornal, senhora do terreno que lhe era defeso, a fazer concorrência com o homem na luta pela vida. (RODRIGUES, *A União*, 16/10/1919, p. 3).

⁶ Publicação da conferência de Amélia Rodrigues proferida no Círculo Cathólico, em 7/10/1919.

Podemos perceber que na origem da LSC, fundada por Amélia Rodrigues, havia uma versão da pauta feminista, identificada na pesquisa pelo perfil de suas líderes. A chamada do exército de mulheres militantes para a luta feminista baseava-se, como podemos ver no texto supracitado, não somente nos valores cristãos, mas também nos feministas. A voz de Rodrigues era um clamor para a evolução social da mulher que precisava enfrentar as novas realidades, sair de seus esconderijos caseiros, ir à luta pela vida social para ter direitos iguais aos dos homens, a exemplo do direito ao voto como parte de sua emancipação social. Amélia, no entanto, não era uma voz isolada nesse movimento de promover uma liderança cristã feminina. A dinâmica do feminismo cristão ocorria a nível mundial.

Segundo Martins (2018), nos principais países católicos europeus, as mulheres de elite passaram a se organizar em associações com a finalidade de dar apoio aos políticos católicos; como a participação em conferências e reuniões sobre temas de interesse social, os quais os clérigos e intelectuais católicos promoviam a fim de envolver um número cada vez mais crescente de participantes femininas. A mesma chamada ocorria no lançamento da LSC, tanto na Bahia como Curitiba, mesmo em décadas diferentes, os jornais mostram reportagens de chamadas para que mais associadas pudessem participar, unindo-se aos objetivos da LSC.

Consoante Martins (2018), no início do século XX, assim como Amélia Rodrigues, algumas mulheres destacaram-se e foram predecessoras ao participar da vida social além dos limites da vida privada e das sociabilidades de elite, desempenhando papéis públicos como senhoras de caridade, filantropas, professoras, escritoras, militantes católicas e até mesmo como feministas sustentadas pelos valores morais da fé cristã. Para elas e para a Igreja, o papel fundamental das mulheres continuava a ser a maternidade no casamento, o alicerce do lar, mas defendiam também sua participação na sociedade e, para isso, fazia-se necessário prepará-las com uma

educação de qualidade e uma sólida formação moral, em grande parte dada pela religião e pela família: “[...] entretanto, a boa formação moral da mulher é a base única de felicidade de um lar.” (RODRIGUES, *A União*, 18/5/1919, p. 2).

Essa boa formação, na sua visão, seria o aperfeiçoamento intelectual da mulher com o ensino das línguas, cursos de formação de letras e cultura, teatro, leitura, catequese completa e economia. Esse seria o desenvolvimento integral da mulher e, sem isso, ela não atingiria um grau de completude. Defendia que a Igreja, mediante a formação integral dessas mulheres, conseguiria ter um alcance maior na sociedade, levando sua doutrina e missão de um modo mais amplo, contribuindo com o seu objetivo de recristianizar o corpo social.

De acordo com Sirinelli (1996), as estruturas (redes) de sociabilidade são formadas quando diferentes sujeitos unem-se em torno de um ideal. O mesmo autor aponta que,

Todo grupo de intelectuais organiza-se também em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver. São estruturas de sociabilidade difíceis de apreender, mas que o historiador não deve ignorar ou subestimar. (SIRINELLI, 1996, p. 248).

A cultura em comum acabou concatenando os ideais de Amélia Rodrigues, em sua mudança para a cidade do Rio de Janeiro, com os de Stella de Faro, outra militante intelectual de forte influência nos meios católicos, inclusive na LSC, criando e definindo mais tarde seu estatuto de fundação. Podemos concluir que Stella deu continuidade à LSC, materializando os ideais de Rodrigues, conseguindo maiores avanços devido à liderança mais assertiva e ponderada e ao grande poder de influência social que a legitimidade alcançada no meio eclesial lhe rendeu.

Amélia Rodrigues nasceu em 1861 e faleceu em agosto de 1926, já Stella de Faro nasceu em 1888 e faleceu em 1972. Embora nascidas em tempos diferentes, pertenciam a uma geração que partilhava ideais de conquista de espaços tanto para as mulheres quanto para a expansão da fé católica pela recristianização da nação. Essas duas mulheres uniram vontade, gosto e iniciativas de conviver e partilhar os mesmos objetivos. Nas Figuras 1 e 2 constam as imagens dessas duas mulheres brasileiras tão atuantes na história da intelectualidade feminina católica.

Figura 1 – Foto de Amélia Rodrigues



Fonte: *A União*, ano VII, n. 43, p. 1, 19 nov. 1916.

Figura 2 – Foto de Stella de Faro ao lado de integrantes da Associação das Senhoras Brasileiras



Fonte: Revista *Fon Fon!*, ano. XV, n. 8, p. 29, 19 fev. 1921.

Em torno de uma sensibilidade ideológica em comum, as duas tinham afinidades em suas buscas cristãs e femininas, pois ambas se utilizavam do engajamento com a Igreja e com a liderança cristã no Brasil e no mundo. Enquanto Amélia foi a representante brasileira no evento de criação da Federação Internacional das Ligas Católicas Femininas em Bruxelas, em 1910; Stella de Faro passou a ser a representante brasileira na União Internacional das Ligas Católicas Femininas, em meados dos anos 1930 (MARTINS, 2018). Faro seria a sucessora de Rodrigues, dando continuidade e novo vigor aos movimentos que iniciou, inclusive a LSC.

A internacionalização ocorreu por meio dessas mulheres fortemente conectadas ao novo papel do leigo⁷. Influentes no interior da Liga, elas também participaram do Movimento Feminino Católico Internacional no começo do século XX, expandindo ainda mais o associativismo feminino mediante a filantropia caritativa.

Stella de Faro conheceu Amélia Rodrigues no Rio de Janeiro, na época em que esta fundou a Aliança Feminina. Ela ingressou na Ação Social Católica efetivamente a partir de 1920, seis anos antes do falecimento de Rodrigues, a convite do Cardeal Arcoverde para dirigir uma associação voltada para assistir materialmente as jovens trabalhadoras que não tinham família no Rio de Janeiro ou que vinham de famílias muito pobres. Tratava-se da Associação das Senhoras Brasileiras (ASB), da qual Stella se tornou líder.

A indicação de Dom Sebastião Leme para que Faro representasse o Brasil na UILCF (União Internacional da Liga Católica Feminina), nos anos 1930, foi decisiva para o fortalecimento de seu lugar, tanto no movimento nacional quanto no internacional. Um dos seus principais postos no Brasil foi na Ação Católica, ao lado de Alceu Amoroso Lima. Ela esteve à frente da Seção Feminina da Confederação durante 22 anos e foi a Presidente da Liga Feminina de Ação Católica⁸, também conhecida como Liga das Senhoras Católicas, cujos estatutos ela elaborou sob a supervisão de D. Leme (MESQUIDA, 2009, p. 14). A unidade de liderança entre Dom Sebastião

⁷ *Laicu*, português, significa aquele que não é clérigo, aquele que pertence ao povo cristão como tal e não à hierarquia eclesial. Existem outros conceitos em distintos períodos ou análises que podem ser encontradas as referências em Zanlochi (2001, p. 58-59). A finalidade do apostolado leigo está no serviço de penetrar e aperfeiçoar a ordem das coisas temporais com o espírito evangélico, explicar e aplicar os princípios cristãos aos problemas do nosso tempo (ZANLOCHI, 2001, p. 64).

⁸ No jornal *A União*, de 25 de dezembro de 1925, p. 29, há uma notícia descrevendo o que foi a ação social na Igreja e quais movimentos faziam parte. De acordo com a publicação do periódico mencionado, a ação teve início com a Conferências de São Vicente de Paulo, mais tarde unidas ao Apostolado da Oração, Filhas de Maria e as Congregações Marianas e, depois, surgiram as Ligas Cathólicas Jesus, Maria e José. Conforme noticiado, a ação feminina social depois de várias tentativas, alcançou boa expansão na União Católica feminina, essa que substituiu a Aliança Feminina e que depois passou a ser conhecida como Associação de Senhoras Brasileiras. Apesar de o enfoque dessa publicação ter sido a cidade do Rio de Janeiro, capital da Província naquele período, ela nos traz uma visão geral da ação que explanamos em alguns pontos.

Leme e Stella de Faro supriu algumas lacunas nos movimentos da Igreja, a qual passou a contar com maior organização para expandir sua atuação junto à sociedade.

Pesquisamos em alguns jornais e revistas a presença de Stella de Faro nos meios sociais de elite e de apoio para a Igreja, a fim de percebermos a influência desta personalidade através das divulgações na imprensa. Ao fazermos uma pesquisa com o seu nome na Hemeroteca do portal da Biblioteca Nacional, encontramos, entre 1910 e 1949, 1.052 ocorrências. Assim, notamos que, de acordo com os jornais, essa militante feminina exerceu uma significativa influência na sociedade da época e na Igreja, além de que suas ações ganharam notoriedade na imprensa periódica. Essa influência ocorreu, principalmente balizada pela Igreja, sobretudo na formação de novas líderes para exercerem seu papel na sociedade em moldes cristãos.

Em consonância com esse ideal, Amélia Rodrigues também discursava que: “as mulheres que ocupavam espaço de liderança cristã, deviam isso a Igreja pelo apoio da mesma (sic) no papel da mulher dentro de seus movimentos” (RODRIGUES, *A União*, 6/2/1916, p. 1). A partir dessas palavras, entendemos que as mulheres, então, deveriam se sentir devedoras à Igreja, pois tinham o total apoio da instituição religiosa para as iniciativas cristãs que desempenhavam para além da esfera doméstica. Com isso, formavam uma grande unidade e sentiam-se gratas à Igreja pelo apoio e credibilidade na capacidade e crescimento da presença feminina, pois era porta de acesso ao meio social, ao “mundo civilizado”, como Amélia se referia.

Um reconhecimento da atuação de Stella de Faro na reforma social de bases cristãs, função a ela confiada, foi noticiado na revista *A Ordem* (1962, p. 59-60, grifo nosso):

Entre os nomes que merecem destaque nessa iniciativa (25º aniversário da fundação do Instituto Social e familiar), é de salientar o de sua fundadora,

Dona Stela de Faro, que trabalhou incansavelmente para a realização de uma instituição que se especializa-se na difusão da doutrina social da Igreja. O grupo inicial, em colaboração com Dona Stela de Faro, lutou galhardamente não só pela difusão do conhecimento, mas também pela aplicação prática daqueles princípios, através da formação de assistentes sociais capacitados que irradiassem o ideal cristão nos ambientes por eles atingidos.

Mantido pela Associação de Educação familiar e Social, o Instituto constituiu-se de duas escolas: a de serviço social e a de Educação Familiar, que formam alunas para uma profissão de futuro e para enfrentar com o devido preparo os encargos de uma família.

Os valores descritos e divulgados por Stella de Faro estão em conformidade com os que Amélia defendia na Aliança Feminina, ou seja, o exército feminino estava bem formado intelectualmente para enfrentar a luta na sociedade, divulgando o que acreditavam ser o melhor para a pátria: os bons costumes cristãos e o combate contra os valores opostos, oriundos de outros movimentos.

Todavia, elas não tiveram o mesmo peso junto à sociedade brasileira. Por diversas razões, Stella de Faro se sobressaiu em relação à Amélia Rodrigues, talvez pelo apoio que encontrou nas elites cariocas, à qual pertencia, e pelo apoio de D. Leme, devido a sua entrada para uma congregação religiosa de relevo no movimento católico transnacional e pelo discurso moderado que mobilizava. Faro tinha um perfil mais conservador, sempre subordinada a um projeto maior e à hierarquia religiosa, distinguindo-se nas práticas e em alguns discursos de Amélia Rodrigues, que era mais combativa, mais pessoal, mais próxima de uma representação atribuída aos homens (MARTINS, 2018, p. 43).

No entanto, esses dois exemplos femininos de luta e força na história das mulheres católicas nos revelam algumas formas que as mulheres encontraram para expandir sua atuação e mostrar sua capacidade intelectual e política. Corroborando com esse ponto, temos o relato de Martins (2015)

que fala acerca do interesse da mulher em uma atuação externa ao lar para assumir a vida pública, além do familiar.

Os discursos apelavam para seus sentimentos morais e para a caridade cristã, mas encontravam ressonância entre as mulheres porque algumas delas perceberam que este poderia ser um caminho promissor para colocarem em prática suas ideias reformistas e, como notaram algumas lideranças femininas da época, pela filantropia as mulheres poderiam ser reconhecidas por sua “utilidade” social. (MARTINS, 2015, p. 22).

Concordamos com Martins quando afirma que a aliança entre as mulheres e a Igreja favoreceu a ambas. Muito mais que um atendimento obediente ao chamado clerical, a militância feminina católica proporcionou a valorização da ação feminina e novas formas de participação na sociedade para as mulheres ativistas. Foi por meio do associativismo feminino caritativo que muitas mulheres abriram um espaço de atuação na vida pública. Verificamos isso também no discurso de Amélia Rodrigues, publicado no jornal *A União*, sobre a criação a Aliança Feminina:

As senhoras aliadas farão guerra sem trégua aos livros maus, e aos cinemas pervertidos, protegendo ao mesmo tempo a leitura sã e a arte pura, os filmes bons, o teatro moral, que enriquecem e recreiam o espírito, sem manchar o coração, nem prejudicar os costumes (RODRIGUES, *A União*, 16/10/1919, p. 3).

Percebe-se na escrita de Rodrigues que ao mesmo tempo que propunha para as mulheres uma função de censoras, também as alçava ao mundo da cultura pela arte, pela leitura, pelos artefatos modernos que, ao invés de lhes serem proibidos, deveriam lhes serem confiados, a fim de exercerem a polícia dos costumes salvaguardando a moralidade em seus usos. Não obstante o peso da censura aí explícito, a estratégia de Amélia muda o lugar das mulheres no jogo e nas relações de poder: elas saem de

uma posição de interditadas para quem passa a interditar. Essa mudança de posição justifica a luta para ter ampliado seu acesso à educação e à cultura, fundamental à nova posição que ocupariam na sociedade.

Ao olhar para Amélia e Stella de Faro, podemos entender as raízes fundadoras da LSC como uma aliança tática entre as mulheres e a Igreja. Uma relação que teve maior ênfase no início do século XX, possivelmente em resposta às mudanças que ocorriam em várias partes do mundo e, especialmente, no Brasil, tais como: o fortalecimento da Igreja na sociedade e no campo político, o desbravamento feminino para espaços públicos e a própria industrialização e desenvolvimento da sociedade que trouxeram necessidades emergentes que precisavam de atenção.

Em virtude desse associativismo e formação baseados nos exemplos de mulheres predecessoras, com o objetivo já delineado em outras cidades, as mulheres católicas de Curitiba buscaram se integrar a esse movimento associativista⁹. Com isso, surgiu a Liga das Senhoras Católicas de Curitiba. Trata-se de um grupo de mulheres católicas, leigas, que atuavam como intelectuais e mediadoras culturais, também entre a Igreja e o povo a partir de suas posições políticas e sociais. Elas deram continuidade ao trabalho de Amélia e Stella, pela mesma formação recebida da Igreja, e defendiam a presença das mulheres na vida pública por meio da caridade e filantropia.¹⁰

⁹ Defendemos, nesse conceito de associativismo feminino, mulheres com os mesmos objetivos de luta se unindo em uma associação, o que Martins (2016b) nos apresenta como uma forma privilegiada e sancionada socialmente para que as mulheres de elite pudessem atender o papel delas esperado como indivíduos capazes e sensíveis para amenizar os problemas urgentes da questão social, sendo também por via do associativismo a forma encontrada pelas mulheres para defender outras causas, como as feministas, da Igreja, civis e políticas.

¹⁰ Filantropia seria todo serviço voluntário para angariar recursos para as boas obras, organizar associações benemerentes, atender e assistir os necessitados, trabalho esse, que devido à segmentação da sociedade entre o lar e o mundo civil no final do século XIX, mais orientado para as mulheres as quais eram consideradas com maior tempo livre e naturalmente mais talhadas para fazer o bem (MARTINS, 2015). Enquanto a Caridade, em decorrência da paisagem emocional que começa a se descortinar no século XVIII, algumas mulheres de classes médias usaram a seu favor qualidades que até então eram menos valorizadas pelo discurso racionalista, como a bondade. Tanto do ponto de vista da filosofia moral, quanto dos valores cristãos, a bondade era considerada uma virtude. Demonstrar por gestos e palavras a excelência moral pela bondade passou a ser cada vez mais valorizado (MARTINS, 2015, p. 18).

Presença de uma identidade feminina na Liga das Senhoras Católicas de Curitiba

Em Curitiba, a LSC nasceu oficialmente no dia 12 de abril de 1953 a partir da iniciativa da Igreja Católica. O então arcebispo de Curitiba nesse período, Dom Manuel da Silveira D´Elboux, e algumas mulheres da sociedade foram convocados pela Igreja para essa missão. Dessa forma, a ampliação das ações da Igreja em Curitiba também ocorreu, em um primeiro momento, pela forte liderança do arcebispo Dom Manuel, à frente da Igreja em seu mandato no período de 1950 a 1970. No caso da extensão feminina da Ação Católica, seguiu-se o mesmo movimento que vinha acontecendo no Rio de Janeiro de modo que se fundou a Liga das Senhoras Católicas de Curitiba, envolvendo as mulheres da elite curitibana na mediação dos valores e da cultura do cristianismo.

Nesse período, algumas mulheres católicas curitibanas, por sua vez, também conectadas a seu tempo religioso e às conquistas femininas, já eram líderes em outras associações ou paróquias. Determinadas a ampliar seu raio de ação, abraçaram a Liga e se dispuseram a angariar fundos que permitiriam ampliar sua contribuição social e cultural, além de abrir novos caminhos para as mulheres residentes em Curitiba, trazendo a mesma crença e valores divulgados por Amélia Rodrigues e Stella de Faro.

Vários pontos de intercessão ocorriam entre as mulheres da sociedade curitibana no período em foco, pois as que participaram da LSCC, em especial as líderes, também faziam parte ou apoiavam outros movimentos femininos como a União Cívica Feminina (UCF), Centro Paranaense Feminino de Cultura (CPFC), Confraria das mães, dentre outros, sendo que

algumas dessas mulheres estudaram no colégio Nossa Senhora de Lourdes¹, importante formador de opinião para o público feminino de elevado nível social.

Percebe-se assim que esse associativismo já ocorria na sociedade curitibana, aproximando mulheres mediante o status social do qual faziam parte. Elas participavam dos eventos sociais promovidos pelas associações como forma de apoio e em conformidade com várias pautas apresentadas por cada movimento. Compreendemos a LSCC como um movimento, em primeiro momento, de caráter católico conservador, voltado a representar os valores cristãos na sociedade; já a UCF, como movimento atuante nas ações cívicas da sociedade; e o CPFC conectado à vida intelectual e cultural através da literatura feminina, preocupado com a conquista de espaço para mulheres escritoras, meio muito utilizado pelas mulheres no período. O ponto comum em todas essas associações é que todas se constituíam como espaços que viabilizavam e davam visibilidade ao trânsito das mulheres no espaço público e na vida intelectual, cultural e social da cidade. Eram, portanto, caminhos possíveis e legitimados de acesso a sua emancipação como sujeito, conforme veremos a seguir, ainda neste capítulo.

Embora o feminismo² nem sempre tenha sido assumido publicamente como pauta específica das associações femininas, como, por exemplo, as já listadas, é possível perceber uma pauta comum que passava por questões,

¹ Em reportagem ao jornal *Gazeta do Povo*, em 17 de julho de 2014, a presidente em exercício, Dona Vera Lins, relata ter estudado nos colégios Divina Providência, Nossa Senhora de Lourdes e no “Caça Marido” (apelido do colégio Educação Familiar do Paraná), como parte das características das mulheres que pertenceram a LSCC. O Colégio Nossa Senhora de Lourdes (Colégio Cajuru) foi fundado em Curitiba em 1907, originário da França, tinha um objetivo diferenciado para suas estudantes, com a incumbência de educar as meninas da elite. A educação nesta instituição seguia o modelo europeu francês, agregava o status desejado pela elite, capaz de diferenciar as meninas que estudavam nesses colégios.

² Conforme escreve Michelle Perrot (2007) em seu livro *Minha História das Mulheres*, o feminismo nem sempre gozou de boa reputação, muitas mulheres se defendem de assumirem esse papel dizendo não serem feministas, por mais que devam muitas conquistas a esse movimento. Essa postura provavelmente devido à origem da palavra feminismo, por mais que seja plural e variado, no início de sua história foi conectado à vulgaridade e às mulheres adúlteras. (PERROT, 2007, p. 154).

como: emancipação da mulher, sufrágio universal, educação, formação e participação na vida social e política do país. Na definição de Perrot (2007, p. 154): “feminismo ou feministas designam aqueles ou aquelas que se pronunciam e lutam pela igualdade dos sexos”. Sendo assim, os movimentos ou associações femininas – mesmo conservadores em muitos pontos, pois não defendiam a igualdade dos sexos abertamente –, por vezes, não apoiavam ou negavam este ponto, mas apresentavam aproximações com as feministas ao aderir várias das pautas do movimento para conseguir ampliar o espaço de atuação das mulheres. Essa moderação na narrativa pode ser, inclusive, considerada uma estratégia retórica para conseguir o apoio de pessoas-chave para o sucesso de suas propostas, o que demonstra uma compreensão política das relações de força instituídas nesse processo.

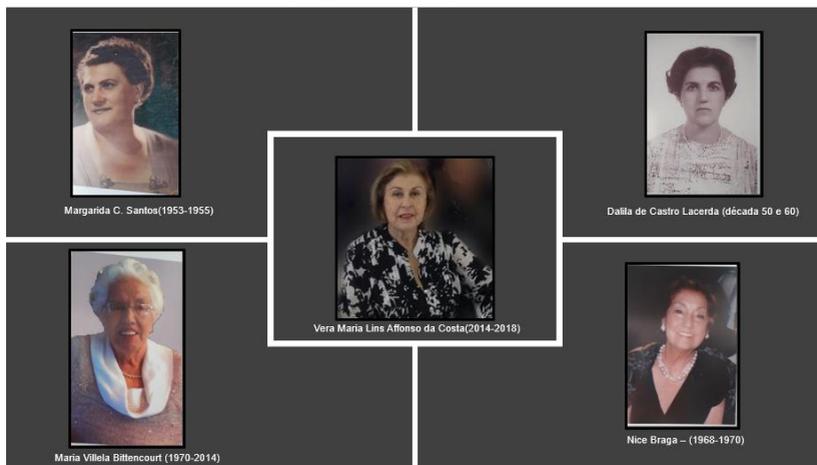
Segundo Perrot (2007), foram variadas as formas encontradas pelas mulheres para estarem aliadas a esse movimento feminista, sabendo que sua ação é graças a pessoas, personalidades e militantes, e por alianças formadas, por exemplo, com o liberalismo, visto como um prolongamento da liberdade. Por esse motivo, encontramos militantes no protestantismo que deu muitas dirigentes ao feminismo, defendendo alguns pontos como o controle da natalidade, embora evitassem abordar questões sobre sexualidade. Também existia o feminismo católico, que alimentava o sindicalismo cristão, mesmo sendo contra a contracepção e dividido na opinião quanto às funções da mulher. Confirmando assim que os movimentos femininos muitas vezes estavam divididos em suas pautas, nasciam e nutriam-se com mais força baseado na cultura local de cada grupo ou características da sociedade feminina ao qual pertenciam, mas exceções de pautas à parte, todos apoiavam os avanços sociais das mulheres.

Em Curitiba, como parte do feminismo católico, algumas mulheres se uniram em torno da LSCC, algumas assumindo sua liderança por mais ou menos tempo. Conforme documentos da instituição, a primeira

presidente da LSCC foi Margarida Caillet Santos, seguida por Dalila de Castro Lacerda Nice Braga, Maria Bittencourt e, atualmente, Vera Maria Lins Affonso da Costa.³

Conforme o estatuto, o mandato teria duração de dois anos, com reeleição para escolha da nova presidente após esse período, com a aprovação da Igreja do nome indicado. Algumas presidentas foram reeleitas, com isso mantiveram um mandato de longos anos, ou retornaram ao cargo várias vezes. Importante perceber que mesmo não estando no cargo de presidente, sempre estavam na diretoria ou muito próximas da rede de sociabilidade da LSCC. Na Figura 3, apresentamos as fotos das presidentes que estiveram à frente da LSCC até 2020:

Figura 3 – Mulheres dirigentes da LSCC



Fonte: acervo da LSCC.

³ Esses são os nomes listados no acervo da LSCC. Segundo as reportagens dos jornais da época, tinham outras presidentes também, mas como oficiais estaremos trabalhando com as que constam no acervo. Sendo assim Margarida assumiu a presidência em 1953, na fundação, Dalila de Castro Lacerda assumiu vários anos diferentes, mas também nos anos 1950 e 1960. Nice Braga também assumiu entre 1968 e 1970, logo após assumiu Maria Bittencourt que ficou na presidência por 44 anos, e a última presidente em exercício até o momento é Dona Vera Lins.

Com uma base de formação cristã, essas mulheres, como tantas outras, atuaram na caridade e na filantropia. Não ficaram no silêncio, nem passaram despercebidas da história, principalmente pela imprensa local (a qual utilizamos como registro de pesquisas para evidenciar o destaque dado às suas realizações e às campanhas), em geral, apoiando e convocando outras senhoras da sociedade a colaborar com o trabalho assistencial, além de divulgar que essas senhoras tinham o apoio de políticos. Dessa forma, as publicações em jornais e o acervo da LSCC foram extremamente relevantes para o *corpus* documental utilizado neste trabalho para refletirmos sobre o associativismo feminino em Curitiba e atuação dessas mulheres com intelectuais.

De acordo com o primeiro estatuto da LSCC, a missão estava assim definida:

A Liga tem por finalidade desenvolver a ação social católica em todos os seus aspectos, estreitar os laços de amizade cristã e promover o aperfeiçoamento intelectual, moral e religioso, não só de suas associadas, como também de todos aqueles que com elas queiram cooperar na prática da caridade cristã. (LSCC, 1953).

O que nos chama atenção em relação à finalidade do estatuto é que, além de projetar e estender a ação social católica, projetavam o aperfeiçoamento intelectual, moral e religioso de suas associadas, corroborando com o objetivo do feminismo de buscar o desenvolvimento da mulher para poder capacitá-la e com isso introduzi-la no meio social com maior influência. Entendemos que o papel da presidente da Liga, a exemplo das líderes de associações Amélia Rezende e Stella de Faro, seria o melhor foco de análise para identificar as características principais que moviam e influenciavam a LSCC como suas integrantes. O papel delas era fundamental para que suas próprias ações fossem modelo para as demais, criando,

assim, uma cultura e incentivando o desenvolvimento feminino; pois esse era um novo meio para as mulheres católicas ampliarem a sua participação nas ações da Igreja. Essa seria uma extensão do objetivo do feminismo e uma das grandes preocupações de Amélia Rodrigues e Stella de Faro que, como presidentes da Liga Feminina da Ação Católica, traziam essa missão e direcionamento. Sobre isso Martins nos afirma que,

A formação doutrinária era outra importante base da Liga, estabelecendo contato com outros círculos da Ação Católica e recorrendo a material bibliográfico produzido e/ou chancelado pelo clero. Também fazia parte da formação o que Stella chamava de programação cultural, que consistia na organização de palestras e conferências com especialistas sobre temas selecionados. Essa formação cultural era importante para mulheres que pretendiam exercer influência no seu meio social, em particular entre as dirigentes da Liga. (MARTINS, 2016a, p. 203).

A preocupação com a formação das mulheres, desde a criação da Liga com Amélia Rodrigues, foi uma das bases de sua fundação na década de 1950, em Curitiba. O argumento consistia em que somente pela educação as mulheres poderiam sair de suas casas, de forma a contribuir com a sociedade de forma culta, podendo articular e discutir diferentes assuntos, imporem suas opiniões e serem aceitas e respeitadas socialmente. Nota-se também que esse crescimento cultural e intelectual não era para todas. Quais seriam, então, as mulheres que teriam acesso à programação cultural pregada pela ação social como fundamental? Seriam somente as mulheres com maior viabilidade, que dispusessem de tempo, condições de acesso e de interesse em se engajar nessa ação? Inferimos que sim, porque as mulheres de classes menos privilegiadas trabalhavam para ajudar suas famílias no sustento diário e não dispunham dos diferentes capitais

necessários para esse engajamento. Na verdade, elas eram o público-alvo dessas ações.

É esse o nicho de mulheres que vai se desenhando em nossa pesquisa como participantes da Liga das Senhoras Católicas de Curitiba: mulheres da elite⁴ cultural, social e econômica da sociedade. Elas uniram sua rede de sociabilidade com os valores culturais católicos assumidos e associaram-se em prol da filantropia.

É importante percebermos que esse movimento permitiu novos posicionamentos de algumas mulheres na sociedade – com destaque para a posição de líderes que passam a assumir na esfera pública –; contudo, era algo que ocorria em outros estados brasileiros e em outros países. Logo, as mulheres curitibanas, com foco privilegiado para as católicas, não se distanciaram do movimento comum do público feminino de outras regiões, pois estavam conectadas a seu tempo. Nesse sentido, participavam, muitas vezes, de uma rede de sociabilidade comum e sofriam influências da sociedade em que viviam.

As publicações da mídia curitibana, nos principais jornais da cidade, destacavam essa importante iniciativa do nascimento da Liga das Senhoras Católicas na capital paranaense. O jornal *Gazeta do Povo*, em 25 de março de 1953, p. 4, divulgou na coluna católica que: “[...] sob os auspícios da Igreja, as senhoras da mais alta sociedade se reuniam para dar início na capital uma associação digna de aplausos e louvores”.

Percebe-se que no início quem divulgava esse movimento era a própria Igreja, em sua coluna católica⁵ nos jornais, mostrando que o interesse

⁴ Segundo Sirinelli (1998, p. 261), da elite cultural seriam os criadores e mediadores culturais: a primeira categoria pertence aos que participam da criação artística e literária ou no progresso do saber; na segunda junta-se os que contribuem para difundir e vulgarizar os conhecimentos dessa criação e desse saber. Ainda adiciona que as elites de mediação cultural poderiam ser, com efeito, entendidas como dotadas de uma certa capacidade de ressonância e de amplificação, noutros termos, de um poder de influência.

⁵ No jornal *Gazeta do Povo*, toda edição tinha uma parte destinada à coluna católica, na qual geralmente constava uma reportagem sobre assuntos da Igreja, nessa edição, o tema foi específico sobre a LSCC.

de lançamento desse movimento partia da Igreja, assim, contava com o seu apoio e o respaldo masculino, representado pelo arcebispo. Este se colocava como líder espiritual, sendo que a decisão final nos estatutos era a sua. Disso se infere que a chancela da Igreja e do masculino eram necessárias naquele momento da história que essas mulheres se encontravam, o que dava legitimidade às ações femininas.

Outro ponto para considerarmos: a rede de sociabilidade que estava se formando e a urgência dos projetos da Igreja no Paraná. Dom Manuel da Silveira D'Elboux, arcebispo de Curitiba de 1950 a 1970, alinhado com os objetivos da Igreja e com a Conferência Nacional Bispos do Brasil (CNBB), criada em 1952, demonstrava que a fundação da LSCC, a divulgação dos objetivos católicos nas mídias e a convocação das senhoras da alta sociedade estavam em acordo com a Ação Católica no Paraná.

Na revista do Clube Curitibano, de junho de 1954, em matéria sobre a abertura do evento promovido pela LSCC (Figura 4), na exposição das bandeiras do Brasil e da LSC, exibia-se o alinhamento das mulheres curitibanas com o lema de Amélia Rodrigues e da Ação Católica: “Pela Igreja e pela Pátria”. Iniciava na sociedade de Curitiba também o trabalho da LSCC em prol da moral e dos bons costumes⁶ divulgados pelo catolicismo; visto como ato de patriotismo para a salvação da Pátria, inundada, segundo a visão da Igreja, por ideais não cristãos, como veremos em algumas ações realizadas por suas dirigentes.

⁶ A educação da Igreja orientava que as ações dos movimentos femininos deveriam expandir largamente em todas as localidades, com o intuito de fortalecer os ideais cristãos, lutar contra a expansão do comunismo, combater os avanços das ideologias revolucionárias oriundas das mudanças da vida moderna. A Igreja nessa posição contra o comunismo alinhou-se para defender o ideal da ordem, do não radicalismo e obediência, resultando tudo isso no que chamavam de bons costumes cristãos.

Figura 4 – Abertura do evento de apresentações artísticas promovido pela LSCC



Fonte: *Revista Clube Curitibano*, versão 5, n. 28, p. 14, jun. 1954.

Com o objetivo de identificar ações da Liderança da LSCC ou de associações femininas conectadas em Curitiba a LSC, intentamos mediante pesquisa identificar características pessoais da liderança em especial, pois eram seus nomes e ações que se apresentavam na sociedade mediados pela LSCC. Encontramos poucos ou quase nada de escritos proferidos pelas presidentes no acervo, até porque a instituição somente possui registros em seus arquivos após os anos 1970. Recorremos então aos jornais do Paraná⁷ para mapeá-las, selecionando as reportagens de maior relevância para esse objetivo.

Concentramos nossa análise na mobilização feminina via as lideranças da LSCC com influência política e social. Essas encontraram na Liga outro espaço de promoção social, conectado ao cenário nacional e internacional. Identificamos que as presidentes da LSCC, de forma geral, já atuavam em suas paróquias, comunidades ou outras associações com diferenciada liderança, criando ou apoiando iniciativas sociais para o

⁷ Ver Quadro 1, p. 17.

amparo aos mais necessitados da sociedade e apoio aos eventos da Igreja, promovendo seus valores. Eram mulheres que demonstravam poder de ação social, capacidade de criação, organização e influência no meio em que conviviam. Podemos dizer que atenderam à convocação de Amélia Rodrigues e Stella de Faro ao se alistarem para o que entendiam como um exército feminino de guerra contra os maus costumes⁸. Com essa forte formação cristã, tudo que fosse contrário aos bons costumes cristãos foi enfrentado diretamente pelas dirigentes e participantes da LSCC na sociedade Curitibana, conforme podemos constatar em algumas reportagens do jornal *Gazeta do Povo* em 2014, em que o jornalista relata uma retrospectiva da cultura e dos acontecimentos da LSCC em nossa sociedade. Relatamos a seguir parte da entrevista de Dona Vera Lins da Costa, presidente atual da LSCC, sobre o afrontamento que faziam a todo meio de comunicação na sociedade que pudesse fazer mal a família, trazendo o que se entendia à época como maus exemplos ao papel da mulher:

Na alegria e na tristeza, algo faziam sempre igual – perdiam a classe, se preciso fosse, para defender “a moral e os bons costumes”. Davam os camaféus para impedir que entrassem em cartaz filmes como *E Deus criou a mulher*, de Roger Vadim, com BB, e *Hiroshima, meu amor*, de Alain Resnais.

A propósito, ninguém foi tão alvejada pela Liga quanto Norma Bengell, ao fazer em *Os cafajestes* o primeiro nu frontal do cinema brasileiro. O anúncio de jornal que dizia “sem cortes” as colocava em guerra santa. Na Curitiba de 1962 só não deu quebra-quebra na Cinelândia porque o longa ficou miseráveis duas semanas em exibição, suspeito que por medo antecipado da fúria das senhoras. (FERNANDES, *Gazeta do Povo*, 17/7/2014, não p.).

⁸ Os maus costumes considerados como males de formação da sociedade eram catequizados pela visão da Igreja Católica e seus aderentes, pois viam as transformações, evoluções e conquistas de liberdade e desenvolvimento, oriundos da modernidade; por exemplo, o cinema nacional que era visto como uma ameaça aos valores morais da família, ao pudor. Eles eram contra o poder de representação dos atores que expunham a sexualidade, o que era encarado pela Igreja como fora dos valores pregados no período em questão. Seriam considerados maus costumes todos os valores morais que não coincidissem com os que a Igreja entendia serem corretos para a sociedade, feminina em especial. Para a Igreja, as mulheres deveriam continuar a serem a rainha do lar, recatada, mãe de família.

Protestado pelas mulheres pertencentes à LSCC, guardiãs dos bons costumes cristãos, no filme *E Deus criou a mulher*, de Roger Vadim, encontravam-se cenas de nudez, presença de um papel feminino mais desregrado, com total liberdade, sob à influência da revolução juvenil que se passava em outros países naquele período (meados de 1950). Era algo novo no meio teatral, revolucionando os padrões tradicionais de comportamento feminino da sociedade. O papel feminino desempenhado pela atriz Brigitte Bardot nesse filme, certamente era o centro do protesto, pois ela, expondo alta sensualidade, representava uma trama de traição. Já o papel da mulher nos filmes *Hiroshima, meu amor* e *Os cafajestes*, também dos anos 1950, reforçava às mudanças no comportamento feminino devido às cenas de nudez e sensualidade do casal, totalmente fora dos costumes pregados pelas mulheres cristãs para a época. Uma verdadeira guerra santa estava formada contra o que entendiam como feminismo revolucionário, como dizia Amélia Rodrigues: “[..] o papel da mulher catholica, chamada, neste momento histórico, a combater as forças brutaes da revolução anti-social e anti-cristian, que se abatem sobre o mundo, como então poder calar-se [...]?” (RODRIGUES, *A União*, 16/10/1919, p. 3).

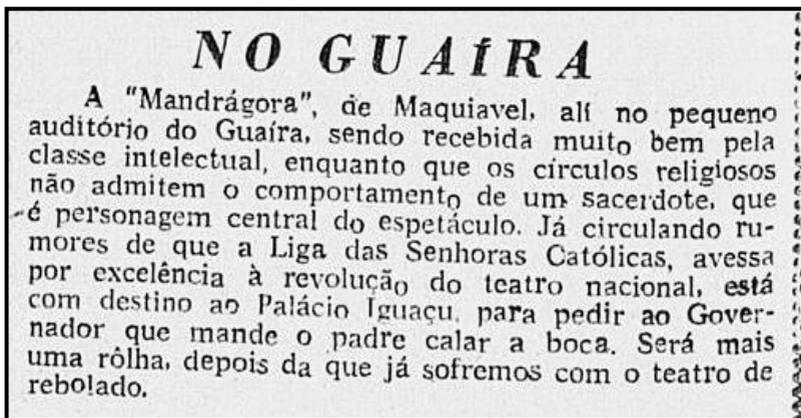
Encontramos na revista *Nicolau*, de 1989, outro exemplo de atuação da LSCC que reforça o papel feminino conservador. Nesse periódico, há o relato de que o quadrista e escritor Alceu Eloy Chichorro, famoso por suas charges e cartuns, considerado pelo periódico como crítico feroz e mordaz da burguesia Curitibana nas primeiras décadas do século, apresentava seu trabalho de forma a provocar a moral e os bons costumes. Ele ousou incorporar o nu em suas tiras, merecendo represálias e tomates podes da Liga das Senhoras Católicas (REVISTA NICOLAU, 1989, p. 24).

A posição das líderes e integrantes da LSCC contra peças teatrais e filmes na cidade de Curitiba, na perspectiva de assumir o papel de se impor

contra o mau uso dos costumes enraizados na sociedade pela fé católica, reafirma a mensagem de D. Leme de que o povo não se calaria perante uma sociedade sem Deus. Como fonte de formação da sociedade brasileira (LEME, 1916). A LSCC foi uma representante dessa voz na sociedade Curitiba, não se calando e se posicionando contra determinadas práticas culturais ou sociais que não observassem a fé ou os costumes católicos.

Em outra ocorrência na luta contra os maus costumes, observa-se quando a LSCC dirigiu-se ao Palácio Iguazu para solicitar ao governador que mandassem o padre, da peça teatral intitulada *Mandrágora*⁹, “calar a boca”, pois a atuação divulgava comportamentos não exemplares, conforme registrado pelo *Correio do Paraná* (Figura 5):

Figura 5 - LSCC contra os valores não cristãos



Fonte: *Correio do Paraná*, p. 4, 16 jul. 1963.

Percebemos pelo descrito na reportagem que a “rolha” provavelmente iria funcionar novamente no sentido de barrar as apresentações na cidade ou pelo menos reduzir a temporada programada, visto que as mulheres da LSCC, além de serem militantes convictas de seus valores cristãos, usavam a rede de sociabilidade a qual pertenciam para terem suas

⁹ Essa peça teatral, escrita por Maquiavel, retratava o papel de um frei sem escrúpulos.

reivindicações atendidas pelo governador. Podemos inferir que a LSCC funcionou como forte censora da cultura na cidade de Curitiba, moldando os termos dos avanços da modernidade.

Outro exemplo muito significativo do poder da posição política das mulheres da LSCC pode ser visto no pedido da presidente em exercício, Dalila de Castro Lacerda, à primeira dama Eloan Quadros. Em nome da instituição, ela solicitou uma medida moralizadora sobre os vestuários dos desfiles de Miss em 1961. A seguir a íntegra da carta:

A Liga das Senhoras Católicas de Curitiba, associação que representa a Mulher Cristã, solicita-lhe uma medida moralizadora sobre a maneira com que se apresentam as jovens que concorrem aos concursos de beleza, quando se expõem da maneira mais deprimente e aviltante, em diminuição ao nosso valor, para um apreçamento não do belo mais sim do ridículo comprometendo a educação das novas gerações e influenciando no futuro das nossas filhas e netas. (LACERDA, 3/8/1961).¹⁰

Percebemos em Dalila de Castro Lacerda um perfil de feminismo conservador e católico aos moldes de Amélia Rodrigues e Stella de Faro. Elas tinham força mobilizadora e consciência política do lugar social ao qual pertenciam e não hesitavam em mobilizar seu capital na defesa de uma nação católica.

Vemos que novamente a LSCC, na figura de sua líder, faz uso de sua rede de sociabilidade para combater o que acreditava ser o “mal” causado pelo liberalismo, ação que nos remete novamente ao lema de Amélia: “Pela Igreja e pela Pátria”. Esse sentimento de patriotismo, de ações e posturas femininas para valorizar os bons costumes cristãos, a família, o papel da mulher católica de incansável defensora do lar e do país conformaram o feminismo curitibano cristão.

¹⁰ Carta muito comentada hoje pela diretoria da LSCC como exemplo de ações e alcance feminino da Liga.

Não obstante a militância católica, essas mulheres foram muito além das ações católicas. Elas criaram caminhos para a emancipação da mulher em Curitiba, conquistando e criando seu espaço no meio político e social.

Para continuarmos traçando um pouco mais do perfil das líderes da LSCC, percorremos alguns jornais anteriores aos anos 1950, para identificar mais características dessas mulheres e entendermos melhor seus posicionamentos.

3.1 Margarida Caillet Santos (1953-1955)

Na seção católica, do jornal *O Dia* (13/9/1936), encontramos o anúncio da festa de Nossa Senhora, em que Margarida Caillet Santos foi sorteada para preparar a festa de Nossa Senhora da Luz do ano posterior. A relevância desse fato se dá porque percebemos a sua presença em um evento organizado pela Arquiconfraria das Mães, instituição feminina de cunho católico. Não sabemos ao certo se ela estava como participante do evento ou integrante da instituição, mas, por estar envolvida com determinada responsabilidade, entendemos que ela já vinha se relacionando com movimentos associativistas antes de assumir a LSCC, podendo ser vista, assim, como uma católica atuante.

Em outra publicação do jornal *O Dia* (5/11/1937), Margarida Caillet é referida como distinta senhora do mundo social porque apoiava as iniciativas da Igreja e participava ativamente na recepção de donativos, ações essas lideradas pelo padre Germano Mayer. Um desses feitos é citado naquele periódico e elogiado por conta do seu desempenho satisfatório: o de receptora de donativos em uma festa de quermesse da Igreja do Cristo Rei.

Em 1944, Margarida Caillet aparece na manchete do jornal *O Dia* (1º/6/1944), na qual é mencionada a sua atuação enquanto assistente do grupo feminino na Associação de Assistência à Criança do Paraná. É válido ressaltarmos que uma das características dos movimentos femininos

católicos da época era ter uma dama de honra da alta sociedade, alguém que dispusesse de influência política. Na ocasião, a presidente de honra dessa associação era Darcy Sarmanho Vargas, esposa do então presidente Getúlio Vargas. Além de demonstrar a unidade feminina, o nome da presidente de honra sempre representava um poder político que possivelmente facilitaria ou abriria portas para as ações do movimento.

As mulheres que assumiram a presidência da LSCC já haviam participado de outros movimentos relacionados ao associativismo feminino. Isso pode ser considerado indicativo de seus perfis: mulheres que buscavam seu espaço na sociedade, católicas engajadas, com grande poder de influência e de mobilização. Para essas mulheres, participar desses movimentos também auxiliava na visibilidade social e nas oportunidades de engajamento, o que corrobora com a afirmação de Martins:

significava também a ampliação das atividades que as mulheres podiam se envolver, afinal as associações promoviam quermesses, arrecadavam recursos para a caridade e para atender as necessidades mais imediatas das paróquias, organizavam reuniões para decidir sobre assuntos de interesse das associações e tomar decisões. Eram demandas coletivas que exigiam organização e o aprendizado de procedimentos. (MARTINS, 2016b, p. 10).

Concordamos com o apontado por Martins, pois, voltando nosso olhar para as líderes, encontramos o desempenho de papel de arrecadadoras e organizadoras de eventos de alto nível social que as promoviam junto à sociedade. Como exemplo, no período de Dona Margarida, as atividades da LSCC que tiveram maior destaque foi a divulgação católica, constatado em alguns anúncios de jornais. Um deles foi a divulgação, no jornal *O Dia* (3/6/1953), do lançamento social da LSCC no clube Curitibano que ocorreria em 6 junho de 1953 com a presença do palestrante professor Pedro Calmon, então reitor da Universidade do Brasil. Esse evento, além de ter

alto cunho social, em um clube de renome na sociedade, demonstra a preocupação com o papel de formação das senhoras envolvidas, pois o palestrante era reconhecido por seu trabalho como intelectual e político.

O anúncio ainda noticiava ao público a ocorrência de um desfile de trajes internacionais e fazia uma convocação às sócias para marcarem presença com suas famílias. Inferimos, então, uma preocupação da LSCC com a formação estética de suas associadas, porque reforça a rede de integrantes da Liga e o grupo social com o qual dialogavam mais estreitamente. A rede possibilitava poder de influência, segundo Sirinelli (1998). O interesse por esse tipo de desfile com certeza alcançaria a participação da alta sociedade feminina, a qual tinha gosto requintado e poder de acesso aos modelos apresentados. Por parte da Liga, esse tipo de evento permitia estreitar os laços entre o próprio grupo, ao mesmo tempo que instituía um conjunto de hábitos, gostos e comportamentos veiculados com uma estética e cultura modelares. Nesse sentido, também se colocavam como mediadoras culturais, com forte apelo social e político, conforme define Sirinelli (1998, p. 261):

os mediadores culturais seriam os responsáveis pela circulação da cultura. As elites culturais estão ligadas a sociedade que as rodeia e são precisamente esses laços, especialmente políticos que lhe confiem uma identidade. As elites de mediação cultural podem ser entendidas como dotadas de poder de influência.

Esse poder de influenciar valores, de instituir modelos comportamentais e estéticos, de cunho fortemente conservador, não as impediu de avançar em algumas pautas sociais. Segundo Martins (2016b, p. 10):

O conservadorismo político de mulheres católicas não as impediu de se aproximar da pauta política do feminismo, apoiando as mulheres trabalhadoras e disponibilizando a muitas delas, a maioria jovem e sem recursos, escolas e mesmo espaços de sociabilidade e de lazer.

Corroborando com a afirmação de Martins quanto ao associativismo das mulheres católicas e ao feminismo mediante ações de suporte e apoio, identificamos que as ações sociais da LSCC, para a população feminina, ocorreram também nesse período. Por exemplo, o curso de Alfabetização a ser realizado na Escola de Serviço Social de Curitiba¹¹, que promoveu um auxílio fundamental às mulheres trabalhadoras que buscavam melhorar sua condição de vida e de trabalho por meio da educação.¹²

3.2 Dalila de Castro Lacerda (décadas de 1950 e 1960)

Dando continuidade à análise das lideranças, voltamos nosso olhar para a presença feminina de Dalila de Castro Lacerda¹³. Para construirmos o seu perfil como líder na LSCC, também tivemos que verificar o que escreveram sobre ela, bem como levar em conta os títulos recebidos e suas realizações.

Nosso interesse nesse capítulo é identificar os perfis de liderança das presidentes da LSCC, e não fazer a biografia de suas presidentes; contudo, faz-se necessário levantarmos algumas características que possam nos dar uma visão de suas personalidades. Entendemos que, como líderes, seus perfis acabaram por refletir na própria instituição, nas pautas que colocaram em sua agenda, as quais seguiram com maior vigor.

¹¹ Cf. jornal *O Dia* (14/2/1954, p. 5), a matéria nos revela que as mulheres de Curitiba estavam conectadas a outros movimentos católicos, como o de serviço social que também estava se formando em nossa cidade.

¹² Encontramos, na mesma página do jornal, uma reportagem em que várias ações estavam sendo conduzidas paralelamente pela Igreja em nossa capital para colaborar com a Ação Católica, entre elas, o convite para a Terceira Semana dos Intelectuais Católicos, com a conferência do professor Edgard de Amarante. Evento era considerado como acontecimento cultural e devia seu patrocínio ao arcebispo D. Manoel da Silveira D'Elboux. É importante observar como todas essas ações estavam voltadas a um mesmo ideal da Igreja: o engajamento dos leigos como mediadores culturais da moral e dos valores cristãos.

¹³ Conforme o estatuto da Liga, a presidência seria exercida por dois anos, após esse período seria realizada nova eleição. Dalila de Castro Lacerda foi presidente da Liga das Senhoras Católicas de Curitiba em várias fases diferentes em meados da década de 1950 e 1960, isso foi concluído a partir dos anúncios de jornais da época.

No caso de Lacerda, foi difícil decidirmos por onde começar por conta da existência de tantas realizações registradas em sua história. Alguns pontos fortes de sua atuação, durante sua gestão como presidente em 1961, foi uma presença de luta em prol da moral e bons costumes em nome da Liga das Senhoras Católicas em Curitiba.

No jornal *Viver*, de 1999¹⁴, encontramos uma entrevista com Dalila de Castro Lacerda falando sobre sua personalidade e suas motivações. Nessa entrevista, ela comenta sobre algo de sua vida que acredita ser um pouco intrigante para o mundo feminino: ela foi a primeira mulher a possuir carteira de habilitação em Curitiba, datada de 27 de novembro de 1925. Esse fato suscitou o seguinte questionamento: ao falar de si, ela estaria se colocando como desbravadora de caminhos a ser percorrido por todas as mulheres, como exemplo a ser seguido em sua época, ou apenas se afirmando pela distinção social?

No mesmo período em que exercia a função de presidente da LSCC, Dalila Lacerda também atuava em outras entidades, sempre na liderança, todas de cunho associativista como a UCF de Curitiba, em que ela e Rosy Pinheiro Lima foram fundadoras. A revista *A Divulgação* fez a cobertura de uma elegante recepção em homenagem a Dalila Lacerda, na qual consta a presença de destacadas figuras do círculo feminino da alta sociedade Curitiba: b

Todas tecendo merecidos elogios ao espírito filantrópico e as virtudes cívicas de Dona Dalila Lacerda, cujas iniciativas vigorosas em defesa da nossa democracia cristã são bem conhecidas, ressaltando-se a sua atuação como fundadora da União Cívica Feminina do Paraná. (*A DIVULGAÇÃO*, set. 1964, p. 26).

¹⁴ Documento encontrado na Casa da Memória em Curitiba.

Percebe-se que Dalila de Castro Lacerda já era bem conhecida na sociedade pelas suas ações de liderança. Corroborando com a visão de iniciativas vigorosas em sua personalidade, encontramos os estudos de Reginaldo Souza (2018), o qual escreve que Lacerda apoiou o golpe de 1964, estando à frente da Marcha das Famílias com Deus pela Liberdade, quando atuava como presidente da União Cívica Feminina de Curitiba. A Marcha da Família, como é conhecida, mobilizou entidades femininas e setores do clero em várias capitais brasileiras, em nome dos valores tradicionais cristãos, a conterem qualquer perigo que pudesse ameaçá-los. Em Curitiba, com a Igreja apoiando os movimentos femininos com esse ideal, o arcebispo Dom Manuel não tardou também a dar seu apoio que junto às mulheres dos movimentos, como a União Cívica Feminina, saíram às ruas da cidade.

O apoio da Igreja era uma posição nacional¹⁵, mesmo estando dividida internamente sobre esse ponto de vista, como podemos ver no documento da Comissão Nacional da Verdade (CNV) no qual afirmam o apoio e reforçam a divergência de pensamentos:

O golpe militar de 1964 correspondeu aos desejos de um grupo numeroso da hierarquia e do clero católicos. Liderados pelo cardeal dom Jaime Câmara, arcebispo do Rio de Janeiro, por dom Vicente Scherer, arcebispo de Porto Alegre, e por monsenhor Sigaud, bispo de Diamantina, os setores conservadores apoiaram a deposição do presidente João Goulart certos de que somente a ação dos militares seria capaz de frear a expansão do comunismo e preservar a ordem moral no país. Também temiam o avanço das ideias progressistas, emanadas do concílio Vaticano II e orientadas, no Brasil, pelo arcebispo de São Paulo, Carlos Carmello Motta, pelo bispo auxiliar do Rio de Janeiro, dom Hélder Câmara e pelo arcebispo de Aracaju, dom José Távora. Ideias que exprimiam a

¹⁵ Importante frisar que mais tarde a Igreja revê seu apoio à Ditadura, após sofrer evidências de expurgos coercitivos. Em 1967, a prisão de alguns monges em Campinas, a invasão policial em um Convento de São Paulo, o que dificultou o relacionamento entre Estado e Igreja. (CNV, 2014, V. II, p. 396).

crença em uma vivência evangélica que só se completaria pela luta por uma ordem social mais justa, contra a degradação da condição humana (CNV, 2014, V. II, p. 396).

Mesmo a Igreja estando dividida em sua posição, as mulheres da LSCC apoiaram o golpe militar, provavelmente devido às classes sociais envolvidas no golpe de 1964; pois toda a rede de sociabilidade estava nessa direção, apoiada por grandes empresários e políticos, além da Igreja, unidos em volta desse mesmo ideal. Também encontramos a confirmação desse apoio, visto pelo prisma da iniciativa de uma presença feminina de luta. Na entrevista realizada pelo jornalista Jose Carlos Fernandes, publicada em sua coluna no Jornal *Gazeta do povo*, a entrevistada Dona Vera Lins, presidente atual, relembra as principais marcas da LSCC:

Os mais antigos – ou os mais atentos – passam um cineminha na cabeça logo que ouvem falar na Liga das Senhoras Católicas. Sabem do que se trata. Na Revolução de 1932 elas estavam lá – amparando órfãos e estropiados. No golpe militar de 1964, não se trancaram na sacristia. Arrumaram o coque banana, o tailleur de cetim e se juntaram aos que fizeram a Marcha da Família com Deus pela Liberdade. “Abaixo os comunistas”, gritavam nossas vovós Cotinhas e tias Maricotas. (FERNANDES, *Gazeta do Povo*, 17/7/2014, não p.).

Expomos assim a unidade entre as mulheres da LSCC, com Dalila de Castro Lacerda à frente da presidência, e da UCF em prol de uma pauta em comum, como o apoio ao golpe de 1964¹⁶. Não esgotamos aqui o assunto, porque esse não é o objetivo desta pesquisa; porém, algumas reportagens específicas da UCF Paranaense nos confirmam a uniformidade com as UCF de outras cidades, estando internamente alinhadas com

¹⁶ Encontramos em outros trabalhos a respeito da presença da UCF na marcha em Curitiba, que relatam que ocorreu mais com cunho educacional, protestando contra livros didáticos, não especificando a participação com o mesmo lema da marcha de São Paulo. (CODATO; OLIVEIRA, 2004).

os objetivos nacionais, conforme apresentamos na Figura 6. Isso foi verificado na reportagem referente à instalação da UCF no Paraná, em 1963, na qual se relata a presença das comitivas de São Paulo e do Rio de Janeiro na oficialização da UCF em Curitiba.

A participação na UCF, por Dalila de Castro Lacerda, no período que ainda era presidente da LSCC, confirma sua presença política e civil junto à sociedade Curitibana, influenciando e liderando suas seguidoras na Liga. De forte cunho político e civil e posicionamento contra o comunismo, a UCF o via como inimigo comum da “boa sociedade” e por parte da Igreja e dos cidadãos da classe média e empresários. Em várias reportagens dos jornais mencionados no Quadro 1, podemos verificar o posicionamento da UCF contra o que chamavam de antidemocracia (Figura 7). Com a presença de 500 mil pessoas na Marcha das Famílias com Deus pela Liberdade, dá-se a confirmação da presença de representantes da UCF em São Paulo, no dia 19 de março de 1964, em apoio ao golpe militar:

Figura 6 – Instalação da UCF em Curitiba

Instalação da União Cívica Paranaense

Integrada por elevadas expressões sociais e culturais de nosso Estado, em que se destacam vultos femininos como as sras. Rosy Pinheiro Lima e Paulina Lamartine Brow, será solene e oficialmente instalada, hoje, às 20.30 horas, na sede da Casa do Expedicionário, à rua da Paz, 187, a União Cívica Feminina Paranaense, que objetiva, principalmente, em movimento dos mais amplos, o aprimoramento do nível democrático brasileiro e a melhoria das condições de vida do nosso povo.

A fim de assistir ao importante ato, já se encontram em nossa Capital delegações femininas de São Paulo e da Guanabara. Hoje deverão chegar com o mesmo objetivo, representantes de entidades congêneres de outras Unidades federativas.

Fonte: *Correio do Paraná*, p. 5, 15 dez. 1963.

Figura 7 - UCF atuação política

UCF CONTRA CONCESSÃO DO TÍTULO DE CIDADÃO CURITIBANO A JANGO

Alegando que a comissão do Presidente João Goulart em todos os problemas da Nação e, principalmente, seu descaso para com o Paraná, não são condições essenciais para que receba o título de "Cidadão Honorário" de Curitiba, integrantes da União Cívica Feminina estiveram na Câmara de Vereadores, ontem, exigindo dos edis a revogação da Lei que concede esta distinção ao Chefe da Nação.

ARGUMENTOS

A presidente da União Cívica Feminina, dra. Rosi Pinheiro Lima, em declarações formuladas ao DIÁRIO DA TARDE, disse que a revogação da lei, pelos vereadores, é necessária, "para que o sr. João Goulart sinta a tomada de consciência da população de Curitiba, que ainda guarda sua omissão quando o Paraná foi assolado pelos incêndios. Asseverou, também, que "não se pode conceder o título de cidadão honorário, a quem está tramando contra a Constituição e os princípios democráticos".

COMICIO

A União Cívica Feminina, segundo informou a presidente da entidade, "que trabalha ativamente para salvaguardar a democracia", através de representantes, deverá participar do comício a realizar-se em São Paulo, amanhã, no qual mulheres de todo o Brasil, civicamente despertas, analisarão a administração do Presidente João Goulart e a situação nacional.

Fonte: *Diário da Tarde*, ed. 20127, p. 5, 19 mar. 1964.

O posicionamento político dessas mulheres é indicativo da forma como exerciam pressão política em nome do que acreditavam. Imbuídas de um discurso salvacionista da Pátria e fortemente articuladas aos setores mais conservadores da Igreja, não é de se estranhar que assumissem a mesma postura de defesa contra o que consideravam um inimigo comum. Jânio, pintado como a encarnação do mal comunista, ainda deixava de ajudar o Paraná, o que reforçou o posicionamento a favor de sua destituição, uma vez que não se viam representadas por seus valores e suas práticas. Seu poder de combate e de mobilização, os quais já eram conhecidos, fez-

se notar mais uma vez na ocasião do golpe militar de 1964, mais uma vez “Pela Igreja e pela Pátria”.

As palavras de Souza (2018) delineiam bem esse perfil feminista de Dalila de Castro como presidente da LSCC e de outras associações filantrópicas como liderança:

A trajetória dessas mulheres foi marcada por uma firme inserção no espaço público, por seu desempenho intelectual e formador de opinião e, sem dúvida, pela defesa do comportamento moral, em particular aqueles referentes ao papel da mulher como esposa e mãe de família. (SOUZA, 2018, p. 7).

Os valores descritos por Souza como a defesa do comportamento moral, do papel da mulher como esposa e mãe, eram pautas do feminismo católico vigente no período, em especial de Dalila de Castro Lacerda que, como as demais dirigentes da LSCC, estava alinhada nesse mesmo ideal.

Dalila de Castro esteve junto à diretoria da LSCC desde a sua fundação. No início, como 2ª vice-presidente, depois como presidente. O que podemos desenhar de seu perfil é um forte espírito de liderança, consciência política, militante engajada nas causas da Igreja, expressivo poder de mobilização e defensora da moral e dos bons costumes.

As maiores atuações de Dalila Lacerda¹⁷ foram no campo assistencial como fundadora, participante ou presidente de instituições e programas assistenciais, a saber: foi fundadora da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae), do Instituto Pestalozzi, da Liga das Senhoras Católicas de Curitiba, da Casa da Estudante Universitária de Curitiba e da União Cívica Feminina do Paraná, da Associação de Mães Cristãs do Paraná, da Associação Cristã Feminina, do Centro Paranaense Feminino de Cultura, da Associação das Oficinas de Santa Rita de Cássia. Além disso presidiu a

¹⁷ As fontes de pesquisa utilizadas sobre Dalila de Castro Lacerda foram extraídas da Casa da Memória e de jornais como *O Estado do Paraná*, 29/7/2004, p. 3.

fundação de Assistência aos Psicopatas do Paraná, o Centro de Apoio da Escola para Excepcionais Mercedes Stresser, o Movimento Popular Pró-Hospital Nossa Senhora da Luz; e integrou o Conselho de Assistência Social do Paraná.

Além de estar presente em diferentes instituições e movimentos, Dalila de Castro recebeu alguns títulos. De acordo com Maria Nicolas (1977), ela foi premiada como Cidadã Benemérita do Paraná, Mulher do Ano em 1967, Pinhão de Ouro em 1970.

Em jornais e revistas da época, encontramos a divulgação de algumas de suas ações no período em que foi gestora da LSCC, listamos aqui alguns exemplos de ações voltadas às mulheres: criação do Restaurante da Liga das Senhoras Católicas para atender, principalmente, ao público feminino; distribuição de alimentação para os pobres, ou, em outras palavras, a “Sopa dos pobres”; fundação do Instituto de Beleza para auxiliar no provimento de bens para auxílio nas obras de caridade; promoção de cursos de Nutricionista e trabalhos manuais oferecidos às mulheres da sociedade menos favorecidas; criação de um setor de auxílio imediato. (NICOLAS, 1977, p. 79).

Um olhar lançado para as ações empreendidas por Dalila Lacerda põe em evidência o que Martins (2018) afirma sobre a filantropia, a qual não era vista somente pelo prisma da bondade, mas como força mobilizadora das mulheres em prol de objetivos mais amplos e ambiciosos, como a participação no âmbito social, político e no progresso e aperfeiçoamento da cultura e dos costumes.

Dalila de Castro Lacerda foi uma mediadora cultural, intelectual em suas especialidades e líder da LSCC, assim como de outras instituições. Ao falar de sua atuação na vida pública, no entanto, atribuíam seus esforços a algo maior e divino, tal como podemos notar na entrevista que concedeu ao jornal *Viver*:

VIVER – A sua folha de serviços é de fazer inveja a qualquer ser humano. Onde busca força para tanto?

DALILA – Aos pés de Deus, na missa diária que assisto e na qual nada peço para mim. Só agradeço. A Deus peço pelo mais necessitados (VIVER, fev. 1999, p. 3).

Esse discurso de Dalila pode ser lido como um discurso retórico, que tira de si o foco e o transfere para uma entidade espiritual. Seria uma forma de não sofrer nenhum cerceamento de suas práticas e ainda legitimá-las, já que são feitas em nome de um ser maior. Entretanto, também pode corresponder a um sentimento real de fé e, nesse sentido, sua crença corrobora com o descrito por Zanlochi (2001) no que se refere à fé; pois, embora Dalila tenha sido uma líder cívica e atuante na sociedade, ela foi além do seu papel desempenhado na Igreja. Essa característica era comum a algumas mulheres do seu tempo, visto que

Para as mulheres leigas a ação da fé ganha sentido quando elas realizam materialmente, fisicamente os serviços do Reino de Deus, a ação na prática cotidiana de auxílio ao próximo mais necessitado. A fé se concretiza quando elas mudam as condições de justiça, de moradia, de escolaridade, e de saúde da comunidade, isso independente de movimento social ao qual estão inseridas nas paróquias, quando elas intervêm e modificam uma realidade social. A plenitude da fé se expressa e se materializa nessas mediações realizadas por elas (ZANLOCHI, 2001, p. 196).

As mulheres, naquele contexto, faziam uso do seu prestígio social para concretizar ações em favor dos mais necessitados, sendo a Igreja a mediadora na realização de dois trabalhos: o da fé e o da caridade.

3.3 Nice Braga (1968-1970)

Nice Braga foi outra presidente da LSCC que esteve presente na cena pública paranaense. Era esposa do político Ney Braga e utilizou de sua

posição social para promover os eventos da Liga, dando-lhes maior visibilidade. Ela atuou no serviço filantrópico e caritativo, participou das ações da LSCC como dama de honra e apoiou os eventos por ela promovidos. Nice Braga também conseguia parcerias para divulgar os trabalhos de fins sociais (DIÁRIO DA TARDE, 17/2/1961, p. 6). Como exemplo dessa dinâmica, encontramos uma notícia em que é divulgada a Campanha de Emergência, desenvolvida e liderada por Nice Braga para auxiliar os menores desamparados, apontada pela revista *A Divulgação* (1961, ed. 159) como uma ação de fins caritativos e profunda piedade cristã.

Especialmente preocupada com o aperfeiçoamento profissional das mulheres trabalhadoras, empenhou-se na luta pela educação feminina. Em 1969, durante sua gestão na presidência da LSCC, promoveu um curso de especialização para empregadas domésticas a fim de qualificá-las ao trabalho e ao serviço em casas de família.

Mediante notícias veiculadas em jornais e revistas da época, percebemos que o espírito de serviço social e filantropia praticado por Nice Braga exemplifica sua liderança feminina. Ela apresentou uma postura de combate perante o momento vivido em sua época, porém, aliada a uma personalidade envolvida em valores e crenças cristãs:

Sob diversas facetas podemos abordar a marcante personalidade de Exma. Sra. Nice Braga. Desde a mãe extremosa, condutora e orientadora do seu lar, até a liderança feminil do Estado, para a qual vem dedicando grande parte de sua existência em campanhas assistenciais. (A DIVULGAÇÃO, 1961, p. 10-11).

Sendo esposa de um político que ocupou diferentes cargos (prefeito, governador e senador), Nice Braga sempre esteve à frente dos movimentos sociais e femininos. Esse seu comportamento foi percebido por jornalistas da época, a exemplo de Carlo Jung, que a expõe como um dos destaques femininos de 1964. Sua participação na LSCC, como presidente

no período ilustrado, surge como mais uma de suas ações em prol da sociedade curitibana.

É importante destacarmos que durante sua presidência na LSCC, em 1968, segundo Luiz A. Souza (2004), a Igreja estava passando por acontecimentos que marcariam sua trajetória como instituição religiosa e sua atuação diante das ações sociais. Como exemplo, podemos citar o Concílio Vaticano II (1962-1965) e a reunião de Medellín em 1968. Nesse período os pobres foram indicados como preocupação central na vida da Igreja e da sociedade, além de serem denunciadas as estruturas de desigualdade social e anunciada uma visão de futuro. Outro ponto marcante seria a reunião de Puebla, dez anos depois, que confirmou as discussões ocorridas em Medellín e reafirmou a preferência pela assistência aos pobres.

Com isso repercutindo nas ações da Igreja e de seus movimentos, muda-se o foco de uma ação voltada à recristianização das elites para uma ação social aos mais carentes. O que permite inferir que esse novo rumo da Igreja possa ter auxiliado na reinvenção da LSCC, que passa a uma atuação dirigida às privações dos pobres. Novamente reforçando seu papel de apoio ao feminismo, a LSCC assiste as mães pobres dos bairros de maior carestia. A fim de atender as necessidades emergentes, perceberam que as creches seriam o apoio necessário para as mães deixarem seus filhos durante o horário de trabalho.

Esses acontecimentos intensificaram ainda mais as entidades e ações realizadas pelos movimentos sociais ligados à Igreja Católica, a exemplo da LSCC; pois atuavam, até aquele momento, na inclusão social dos desvalidos, como o restaurante feminino, e em assistência aos projetos sociais de apoio às carências dos cidadãos curitibanos, como o caso do Hospital de Olhos. Essa prática é por nós compreendida como mediação cultural, ou seja, a partir do trabalho assistencial que promoviam, elas também divulgavam os valores e a moral católica. A mediação cultural do catolicismo

era quase uma extensão de si mesmas. Esse novo direcionamento da Igreja em relação aos pobres, interferiu nas ações seguintes realizadas pela LSCC, a qual passou a adotar uma agenda cada vez mais dedicada à assistência social.

As trajetórias das personalidades apresentadas nos permitem entender que a presidência da LSCC tinha o grande papel de amenizar os problemas urgentes da questão social. As presidentes atuavam de maneira privilegiada, posto que os valores expressos em suas ações e comportamentos influenciavam a sociedade, pois eram vistas como líderes femininas de destaque. Assim, concordamos com Martins quando ela afirma

[...] que o associativismo feminino foi uma forma privilegiada e sancionada socialmente para que as mulheres de elite pudessem atender o papel que delas se esperava como indivíduos capazes e sensíveis para amenizar os problemas urgentes da questão social. Também foi por meio do associativismo que as mulheres conseguiram se organizar para defender outras causas, como a abolição da escravidão, educação feminina e a proteção à maternidade e à infância, além dos direitos políticos e civis das mulheres. (MARTINS, 2016b, p. 4).

Esse movimento associativista feminino católico permitiu o empoderamento de muitas mulheres que assumiram na vida pública uma representação de destaque.

3.4 Maria Lima Villela Bittencourt (1970-2014)

Maria Lima Villela Bittencourt permaneceu no cargo como presidente da LSCC por 44 anos, sendo reeleita a cada dois anos. No ano de 1970, Maria Bittencourt e Dalila Lacerda faziam parte da União Cívica Feminina (DIÁRIO DA TARDE, 7/7/1970, p. 1). Isso pode ser entendido como um indício da rede de sociabilidade da qual participava e corroborava com os valores defendidos pela UCF.

A gestão de Maria Villela Bittencourt foi marcada pela fase de reestruturação da LSCC. Durante sua gestão, a Liga passou de ações caritativas na sociedade, de conexão total com a Igreja, para uma fase mais voltada ao serviço social e à educação com a presença menos incisiva da Igreja, embora esta continue sendo até hoje a marca identitária da instituição.

Foi com Maria Bittencourt que iniciou o estudo, projeto e funcionamento das creches da LSCC, o que se tornou o principal ponto de atuação da presidente da Liga, desde os anos de 1970 até o momento atual. Em 1973, ocorreu a inauguração oficial da creche Nossa Senhora da Luz que já estava em construção desde 1970.

Em vista da análise dos estatutos da LSCC, da década de 1970, concluímos que a conexão com a Igreja foi enfraquecendo com o tempo. Talvez a mudança dos tempos e as próprias conquistas das mulheres, a partir dos anos de 1970, tenham contribuído para essa mudança. Talvez os tempos já não exigissem mais a tutela masculina e eclesiástica para a circulação dessas mulheres na vida pública sem corromper sua moral, talvez suas ações já falassem por si só e dispensassem esse dispositivo de legitimação. Também é possível que a adesão de novas associadas não católicas tenha arrefecido essa marca, uma vez que deixaram de ocorrer os cursos de formação sobre catolicismo para as associadas. Inferimos que, como o interesse de ação da Igreja havia mudado o foco para os mais necessitados, as ações desses movimentos também mudaram de encaminhamento. A “reforma pelo alto” proposta de D. Sebastião Leme, reconquistando, recristianizando e engajando a alta sociedade deixou de ser sua estratégia primordial. Com isso, percebemos uma atuação da LSCC de uma maneira mais independente, no entanto a Igreja não deixou de ser sua apoiadora e incentivadora incondicional.

Essa característica é percebida a partir da gestão de Maria Bittencourt. Como presidente, ela adotou a educação infantil, através das

creches, como principal agenda. De certo modo, essa preocupação estava em sintonia com o Concílio Vaticano II, no que se refere a voltar os olhos para atender os mais necessitados da sociedade.

Maria Bittencourt recebeu vários prêmios individuais durante sua gestão, como: Moção de Honra e Congratulações, pela Assembleia Legislativa do Estado do Paraná em 2011; prêmio de Empenho em Construção de Uma Sólida Identidade Curitibana e Plena Cidadania, emitido pela Prefeitura Municipal de Curitiba, em 1996; Propulsora do Desenvolvimento Brasileiro, emitido pelo órgão Empresa e Empresários, em 2002. Tais premiações nos auxiliam a confirmar a importância de Maria Bittencourt diante das ações da LSCC no período de sua gestão e sua representação junto à sociedade curitibana.

Ademais, observamos, pelas pesquisas nos jornais da época, que, assim como as outras, ela também foi influente em movimentos femininos no período anterior, durante ou posterior ao seu mandato. Todas as mulheres integrantes da LSCC possuíam em comum alguns pontos: eram mulheres curitibanas, de elite, que lutaram pelos ideais femininos de emancipação nos moldes cristãos, mediadoras dos valores que acreditavam, participantes do associativismo feminino caritativo como forma escolhida de atuação no meio social.

A luta pelas causas femininas de reconhecimento, como o direito ao voto e à cidadania da mulher, a intermediação dos valores cristãos entre o clero e o povo, as lutas para que o poder político fosse exercido da forma que acreditavam ser justa, a partir de sua visão de mundo, e a busca pela participação das mulheres na vida social de maneira mais digna, todas foram demonstrações de algumas das pautas que essas mulheres adotaram quando assumiram a presidência da LSCC. Desse modo, não refletiam apenas seu perfil de liderança, mas também os temas que as sensibilizavam e as mobilizavam. Conforme Martins (2016b), a participação feminina e a

sua representação foram, além de uma atividade caritativa, um meio encontrado para a inserção das mulheres no espaço público. E o alcance e influência feminina iriam mais adiante, pois,

[...] mesmo na margem do poder as senhoras de caridade ou filantropas desenvolveram uma série de habilidades e estabeleceram redes de sociabilidade a partir das quais não só conseguiram realizar seu trabalho assistencial, como foi o ponto de partida para o que chamamos de uma consciência de solidariedade com outras mulheres, como as mães pobres e as jovens trabalhadoras urbanas. Foi também a partir das associações caritativo-filantrópicas que algumas mulheres de elite passaram a apoiar a causa feminista, especialmente o apoio à produção de uma legislação de proteção à maternidade, à infância e ao trabalho feminino. (MARTINS, 2016b, p. 8).

Em prol da proteção da infância e trabalhos da Liga, eram realizadas anualmente pela LSCC feijoadas em benefício das creches atendidas pela liga. Tais eventos ocorreram no período da presidência de Maria Bittencourt em sua residência. Conforme relatos dos membros da diretoria (DIÁRIO DA TARDE, 16/5/1977, p. 3), políticos, como o governador e prefeitos, e a alta sociedade eram convidados, de modo que se tornava, assim, um evento com alta influência política e visibilidade social. Esses eventos tinham o objetivo de divulgar as ações, fortalecer e ampliar a rede de sociabilidade da LSCC, além de arrecadar fundos para os serviços sociais prestados pela instituição. É curioso notar a mudança no tipo de evento produzido: de desfiles de moda para a alta sociedade à organização de uma feijoada, prato típico das classes populares. A nova face da instituição mudou não apenas suas ações, mas também o seu discurso. Adotar uma feijoada como o evento de arrecadação de fundos produz uma marca de aproximação daqueles que participam do evento com o que é considerado como cultura popular. Não se muda os interlocutores no evento, afinal é a

alta sociedade que financia boa parte das ações da LSCC, porém se muda a representação da instituição e daqueles que dela participam.

3.5 Vera Maria Lins Affonso da Costa (2014-2020)

De 2014 a 2020 (o ano da escrita deste trabalho), a presidente da LSCC é Vera Maria Lins Affonso da Costa. Em entrevista ao jornal *Gazeta do Povo* (17/7/2014, não p.) e ao programa *Perfil do Clube Curitibano* (30/6/2017, não p.), Vera Maria Lins expõe um caráter voltado ao trabalho voluntário na Igreja, que fica ao lado de sua residência. Reeleita como presidente da Liga desde 2014, é oriunda de uma família tradicional em Curitiba, católica e neta do fundador do jornal *Gazeta do Povo*. Convidada por Maria Bittencourt para integrar a LSCC, ela encontrou no serviço voluntário, conforme afirma ter maior alegria em servir do que em ser servida e em poder fazer o trabalho nas creches. Ela relata que a alegria dela é maior do que a das crianças assistidas. Essa representação de modéstia é outra marca das mulheres à frente da Liga. Esse aspecto está associado à postura da Stella de Faro que jamais chamava atenção para si ou para um projeto pessoal, mas para um bem maior, um projeto divino ao qual ela apenas servia.

Vera Maria Lins, assim como outras presidentes, também recebeu alguns prêmios. Dentre esses, podemos listar o de Honra ao Mérito, concebido pela Associação dos Centros Comunitários de Educação Infantil e Serviços Sócios Educativos (ACCEIS) em 2014.

A LSCC, nesse período de século XXI, não está mais conectada à Ação Católica ou a todos os movimentos de quando iniciou conforme o estatuto 2018. A instituição se reinventou, como relata o jornalista colunista José Carlos Fernandes, durante entrevista realizada com Vera Maria Lins à *Gazeta do Povo*:

A associação sobreviveu para rir de si mesma, um santo remédio. Reinventou-se. Na capital as senhoras são donas do Diagnóstico Avançado por Imagem (DAPI), serviço de saúde cujos lucros sustentam nada menos do que seis creches, nas quais são amparadas 700 crianças.

Cansamos de passar o livro de ouro, brinca a presidente Vera Maria Lins Afonso da Costa, referindo-se à tradição de coletar esmolas para a caridade, dando em troca uma assinatura de honra. Um tédio. Com tanta gente para amparar, precisavam de dinheiro. Pois, as “madames”, como se dizia, foram à luta e compraram equipamentos médicos de última geração. De iniciativa associada à domesticação da mulher e à direita histórica¹⁸, passou a ser apontada como modelo de gestão do voluntariado, uma espécie de “caridade.com”. (FERNANDES, *Gazeta do povo*, 17/7/2014, não p.).

Podemos inferir que mesmo se reinventando, se atualizando, se apoiando de cada momento a partir de suas condições objetivas, o caminho de filantropia e assistencialismo foi a forma escolhida de atuação na sociedade Curitiba. Posteriormente, a LSCC busca no serviço social uma forma de manter a tradição de sua fundação de assistência à comunidade, continuando com o programa de atender aos mais necessitados da região em funcionamento.

Neste trabalho, por meio do mapeamento das ex-presidentes da LSCC, procuramos apresentar vestígios de suas ações na liderança dessa instituição. Não tínhamos aqui o interesse de escrever uma biografia ou prosopografia, mas sim perceber como essas mulheres se valeram desse lugar de associativismo para imprimir suas marcas em cada fase de sua gestão.

Concordamos com Orlando (2017) que, pelo fato da presença dessas mulheres ainda ser tão obscurecida na historiografia, suas ações políticas, intelectuais e de mediadoras culturais precisam ser encontradas e

¹⁸ Direita histórica se refere às ações de censura da LSCC a algumas peças de teatro, a carta referente à vestimenta das modelos nos desfiles de maio, dentre outras, apresentado nas ações da Liga nas décadas 1950 e 1960.

contextualizadas em seus projetos, em sua condição feminina, nos lugares ocupados como sujeitos que participaram e movimentaram o fluxo da história.

Por intermédio das atitudes, ações e engajamento feminino encontrado nas líderes da LSCC, podemos comprovar que elas participaram e movimentaram o fluxo da história das mulheres em Curitiba. Dessa maneira, criaram e inspiraram uma identidade feminina, de influência na cultura e divulgação de valores, sendo esse o ponto-chave que nos interessou colocar em relevo nesse capítulo. Segundo Perrot (2007), o silenciamento das mulheres na história ocorre,

Porque são pouco vistas, pouco se fala delas. E esta é uma segunda razão de silêncio: *o silêncio das fontes*. As mulheres deixam poucos vestígios diretos, escritos ou materiais. Seu acesso à escrita foi tardio. Suas produções domésticas são rapidamente consumidas, ou mais facilmente dispersas. São elas mesmas que destroem, apagam esses vestígios porque os julgam sem interesse. Afinal, elas são apenas mulheres, cuja vida não conta muito. Existe até um pudor feminino que se estende à memória. Uma desvalorização das mulheres por si mesmas. Um silêncio consubstancial à noção de honra [...]. (PERROT, 2007, p. 16).

Em relação ao período inicial da LSCC e mesmo sobre algumas presidentes, concordamos com Perrot (2007) acerca do silenciamento das fontes, porque tivemos dificuldades em localizar registros documentais sobre o papel das mulheres na LSCC. O que encontramos foram vestígios que nos auxiliaram na contextualização da Liga para, então, entendermos as ações empreendidas por essas mulheres no período em estudo. Até 1970 há uma falta de documentação, de registro da história, também na própria LSCC. A Liga teve uma presença forte, de iniciativa na sociedade, mas não concebeu completamente a dimensão do poder feminino que estava diante

dos acontecimentos do período e parece não ter escrito, ou documentado, sua história.

Apesar dessa ausência, encontramos nos registros de jornais e revistas rastros de representação e da influência das presidentes da LSCC destacadas nesta dissertação. Com essas fontes, percebemos que essas lideranças femininas não ficaram completamente no silêncio da história. As fontes, por mais limitadas que tenham sido, mostraram a personalidade ativa de cada uma delas e a opção e o papel de mediadoras culturais que exerceram a partir do trabalho caritativo filantrópico. Entendemos que por meio das práticas associativas femininas da época, essas mulheres ajudaram a escrever parte da história de um protagonismo público de mulheres da elite, dando continuidade e construindo novos rumos para o feminismo.

Com base no apresentado neste capítulo, compreendemos que as mulheres que atuaram como líderes da LSC, das primeiras dirigentes nacionais até as de Curitiba, destacaram-se em sua ação intelectual e mediação cultural pelo pioneirismo e atitudes de quem não se calou perante o silenciamento institucionalizado do seu tempo. Elas encontraram apoio ora em sua rede de sociabilidade, ora na Igreja, por fazer parte da escrita de suas próprias histórias e da história da capital paranaense, servindo de modelo para outras mulheres. Se por um lado, hoje, podemos questionar o modelo que elas impuseram, por outro, não podemos negar que elas se fizeram presente na vida social e cultural da cidade, mobilizando todas os recursos que dispunham, recusando-se ao anonimato e à exclusão da participação política. A seu modo, fizeram política e afirmaram-se como intelectuais na cidade de Curitiba.

A presença de uma identidade social na Liga das Senhoras Católicas na sociedade Curitibana (1953-1970)

Depois de compreendermos o perfil das mulheres que assumiram a presidência da instituição em diferentes momentos, buscando traçar um panorama a partir das diferentes expressões femininas que a lideraram, buscamos nesse capítulo analisar a trajetória da LSCC e sua presença na sociedade de Curitiba – Paraná nas duas primeiras décadas de sua existência, entre os anos de 1953 a 1993, focando mais no serviço social prestado à comunidade e no trabalho de suas representações na sociedade. Conforme já mencionamos, a LSCC surgiu em 1953 e mantém suas atividades até os dias atuais.

Optamos por dividir nossa análise em duas partes porque, nas duas primeiras décadas de atuação, a LSCC apresentou características de conexão, direção e objetivos aliados à Igreja Católica e a sua Ação Social. Após os anos 1970, essa relação direta com a Ação Católica enfraqueceu, uma vez que a própria Ação Católica também arrefeceu como movimento. Ao verificarmos esse aspecto, optamos por desenvolver nossas reflexões a partir dos conceitos de representação de Chartier (2002) e dos mediadores culturais de Sirinelli (1998), bem como através dos apontamentos de outros autores que nos possibilitaram pensar acerca da rede de sociabilidade estabelecida entre a LSCC, a Igreja e o Estado.

As fontes que embasaram a discussão deste capítulo foram o estatuto de fundação da LSCC de 1953, os jornais da época disponíveis na hemeroteca digital listados no Quadro 1, as revistas e o jornal *Gazeta do Povo*, bem como atas, registros e fotos pertencentes ao acervo da instituição.

No referido período, ocorreu um volume significativo de ações da Liga em conjunto com a Igreja na sociedade, fossem de caráter filantrópico ou moralizadoras, com o intuito de divulgar valores cristãos. Segundo Chartier (2002), a História Cultural tem como principal objetivo identificar o modo como, em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Por meio desse fazer historiográfico, podemos voltar nosso olhar para uma determinada sociedade e analisarmos as representações e apropriações de seu tempo em cada acontecimento que nela interfere, quais sejam: maneiras, formas de manifestação, público ao qual dirige seus discursos e redes de sociabilidade. Além disso, é preciso ressaltar saberes e práticas em uma determinada época para com isso criarem uma identidade social a ser difundida para um público alvo.

Conforme Chartier (2002), voltamos nosso olhar historiográfico às primeiras décadas de fundação da LSCC para depois analisarmos os acontecimentos que lhes são inerentes: o seu modo de ação empreendido na realidade social – como ela foi construída, pensada e dada a ler/noticiada na sociedade curitibana.

Para pensarmos a representação dos anos iniciais da LSCC, principalmente no que se refere à promoção de eventos, levamos em consideração o discurso da Igreja no período inicial de atuação da Liga. Algo que se tornou o principal instrumento de condução dos objetivos da LSCC, conforme os estatutos, a maior interessada em divulgar, por meio dos movimentos leigos, valores, missão e ação social. Acerca desses aspectos, a obra *A Igreja Católica na Formação da Sociedade Brasileira*, de Azzi (2008), possibilitou-nos compreender a visão da Igreja nesse período e analisarmos os fatos ocorridos em que a LSCC marcou presença.

Para tal, consideramos, também, o conceito de apropriação, pois, em nossa análise, percebemos alguns agentes envolvidos na leitura do jornal

que, em grande medida, divulgava notícias, entrevistas e anúncios a respeito das ações da LSCC. Em sua maioria, as notícias nas quais a Liga era a temática central faziam parte da coluna Sociedade dos jornais. Em função desses aspectos, recordamos a maneira como esses periódicos buscavam afetar o leitor e o conduzir a uma nova norma de compreensão de si e do mundo que o cerca (CHARTIER, 2002). Entendemos que a presença da LSCC nas mídias era uma forma de se dirigir à alta sociedade, pois suas notícias eram divulgadas em colunas voltadas para esse segmento social, tanto nos jornais como na *Revista do Clube Curitibano*, na revista *A Divulgação*, dentre outras. Era uma forma de demonstrar o poder de influência com relação aos seus leitores, seja criando e divulgando cultura ou mesmo utilizando os meios de comunicação para serem modelos de valores e apreciações: embora houvesse um claro destinatário para essas mensagens, isso não significa que as notícias fossem lidas apenas por esse grupo.

O início dessa representação ocorre a partir de sua fundação divulgada no jornal *Gazeta do Povo* (Figura 8), em que retrata o relato da reunião de início da LSC em Curitiba com a apresentação do seu estatuto, formulado a partir do modelo nacional criado por Stella de Faro, como mencionado. Podemos confirmar com a dissertação de Moussallem (2008) que o estatuto da LSC de São Paulo continha as mesmas informações do estatuto da LSCC. Inicialmente apresentava submissão total ao arcebispo da cidade; porém, mais tarde ele foi reestruturado. A seguir podemos verificar o anúncio da reunião para discussão do estatuto, provavelmente já oriundo da central do Rio de Janeiro, onde Stella se encontrava, para análise e aceitação das senhoras envolvidas na Liga em Curitiba:

Figura 8 – Reportagem de aprovação de estatutos e lançamento da LSCC

COLUNA CATÓLICA

<p>LIGA DAS SENHORAS CATÓLICAS</p> <p>Acaba de surgir nesta Capital uma Associação digna dos melhores aplausos e louvores: a Liga das Senhoras Católicas.</p> <p>Sob os auspícios da Autoridade Eclesiástica, reuniram-se, dia 12 de corrente, no Salão Nobre da Escola de Serviço Social do Paraná, destacados elementos da mais alta sociedade curitibana, para se inteirarem da finalidade da novel Associação.</p> <p>Apresentado, em linhas gerais, um projeto de estatutos, e com a aquiescência de tôdas as Senhoras e Senhoritas presentes, foi declarada fundada a Liga das Senhoras Católicas de Curitiba devendo a Assembléa Geral, convoca-</p>	<p>cada para o dia 8 de Abril, aprovar os estatutos definitivos da Associação.</p> <p>Foi nomeada a primeira Diretoria, cujos membros já tomaram posse dos seus cargos. Esta assumiu constituída a Diretoria:</p> <p>Presidente de Honra: Da. Flora Camargo Munhoz da Rocha</p> <p>Presidente: Da. Margarida Cailliet dos Santos</p> <p>1ª Vice Presidente: Da. Walkiria Chaves Motta</p> <p>2ª Vice Presidente: Da. Dalila de Castro Lacerda</p> <p>Secretárias: Da. Demise Lourenço de Azevedo; Da. Odette Gonçalves Mocellim;</p> <p>Tesoureiras: Da. Mercedes Seiler; Da. Maria Luiza Aranha.</p> <p>Conselho: Da. Mena Marçalho Camargo; Da. Lourdes Marçalho Valente; Dr. Mercedes Fontana.</p>
--	---

Fonte: *Gazeta do Povo*, p. 4, 25 mar. 1953.

Além do *Jornal Gazeta do povo*, outros jornais também noticiaram esse lançamento na alta sociedade curitibana, com demasiadas expectativas devido ao que chamavam de seu papel precursor e de valor social associado à Igreja Católica, uma vez que o chamado foi atendido e as senhoras da sociedade se inscreveram para essa jornada. A reportagem inaugural delinea o modo de ação e em qual realidade social se apresentava a LSCC na sociedade, pois vemos que a instalação da Liga em Curitiba foi possível a partir de uma iniciativa da Igreja, sob os auspícios da autoridade eclesial. Além da autoridade eclesial, o público alvo era formado pelos membros dessa associação cujo objetivo seria apresentar sua realidade social, ou seja, os destacados elementos da mais alta sociedade curitibana.

Como foco nos membros que faziam parte dessa associação, na primeira diretoria, a presidente de honra da LSCC era esposa do governador do Estado, Dona Flora Camargo Munhoz de Rocha. Em conjunto, toda a

diretoria formada inicialmente pelas senhoras, listadas no anúncio da Figura 8, tinham como um dos objetivos desenvolver por meio da LSCC a ação social católica¹ e corroborar com o projeto de recristianização da sociedade, a começar pelas elites.

Essa confirmação podemos encontrar também no estatuto de 1953, no qual se declara que a LSCC estava a serviço e sob domínio da Igreja e que, além da finalidade de promover a ação social católica, prezava pelo desenvolvimento intelectual e religioso de suas integrantes. A Diretoria era obrigatoriamente composta por mulheres católicas, as sócias poderiam ou não ser católicas; caso não fossem, teriam que seguir as orientações da Igreja para essa fundação. De acordo com o estatuto, mesmo para a função de assistente eclesiástico, era necessário a aprovação final da Igreja. Assim como para posse da Diretoria, reuniões, uso do direito de veto de qualquer decisão tomada fora do contexto de seu objetivo de fundação.

Alguns pontos do Estatuto inicial da LSCC de 1953 foram:

Capítulo I

Art. 3.º - A Liga tem por finalidade desenvolver a ação social católica em todos os seus aspectos, estreitar os laços de amizade cristã e promover o aperfeiçoamento intelectual, moral e religioso, não só de suas associadas, como também de todos aqueles que com elas queiram cooperar na prática da caridade cristã.

Capítulo II

Art. 6.º - Sócias: Ser católicas ou ter sentimento religioso e não criar obstáculos à orientação católica da Liga.

Departamentos:

Art. 21 - Haverá dois departamentos: Social e Religioso

Capítulo III

Art.12 - Os cargos de presidente, vice-presidentes, secretarias, tesoureiras, secretaria e membros do conselho consultivo, serão preenchidas por eleição da assembleia geral ordinária.

¹ Na edição do jornal *Gazeta do Povo*, de 25 de março de 1953, é possível confirmar que um dos objetivos da criação da Liga era a ação social da Igreja.

§ Único – Só poderão ser eleitas para esses cargos as sócias reconhecidamente católicas.

Do conselho Consultivo:

Art. 28 – Ao Assistente Eclesiástico compete:

- a) Dar posse a Diretoria e ao conselho consultivo
- b) Presidir as assembleias gerais, ordinárias e extraordinárias
- c) Comparecer em todas as reuniões da Diretoria e do Conselho Consultivo
- d) Emitir parecer sobre a matéria que lhe for afeta pelos Estatutos;
- e) Usar do direito de veto contra qualquer deliberação da Diretoria e do Conselho Consultivo, quando contrária aos interesses da Liga.

§ Único – Do veto a qualquer deliberação da Diretoria cabe recursos ao Exmo. Sr. Arcebispo Metropolitano. (LSCC, 1953).

Conforme estatuto supracitado a LSCC possuía duas divisões, a saber: social e religiosa²; cada qual com suas responsabilidades de eventos e objetivos, confirmando mais uma vez a importância dada a Igreja, nessa fase das duas primeiras décadas, e a divulgação dos seus valores, conforme objetivo da Igreja em reestabelecer a presença cristã na sociedade por meio dos leigos, com ações de envolvimento político. Nesse seguimento, a LSCC foi um importante instrumento para a concretização desse objetivo na sociedade curitibana.

Iniciamos as análises a partir das ações que, referente à realidade social, ou divisão social a qual a LSCC foi planejada na capital paranaense, a exemplo de outras capitais onde a LSC já existia há alguns anos, como consta na reportagem da *Revista do Clube Curitibano* (Figura 9), também noticiada em jornais como o marco inicial da primeira reunião social da instalação da LSCC que ocorreu em 6 de junho de 1953. Segundo a revista, é possível vislumbrar que havia ocorrido naquela data o lançamento de uma identidade social que a LSCC tinha interesse de expandir:

² O jornal *O Dia*, de 23 de outubro de 1955, p. 5, relata mais divisões da Liga, mas entendemos como oficial o que estava no acervo da LSC, visto que as notícias de jornal poderiam sofrer diferenças de informações dependendo de quem as escrevia ou poderia ser uma forma mais simples da instituição prestar contas à sociedade e ser entendida por suas ações.

Sob os auspícios de S. Excia. Rvma. Dom Manuel da Silveira Delboux, arcebispo metropolitano de Curitiba foi fundada em nossa capital, a LIGA DAS SENHORAS CATÓLICAS DE CURITIBA.

Dadas a nobres finalidades a que se destina, a novel instituição despertou, desde logo, entre as senhoras de nossa sociedade o maior interesse, contando, desde logo com o apoio integral de número grupo de pessoas. Sendo do mais amplo o programa de ação social dessa entidade, programa em verdade, de legitima benemerência, não podia estar ausente dos limites de sua atividade o Clube Curitibano. E foi para emprestar sua integral cooperação à Liga, que os salões de nossa sede social, a o6 de junho, foram cedidas para que precedesse a sua primeira reunião social, a novel instituição. (REVISTA DO CLUBE CURITIBANO, 1953, p. 28).

Figura 9 – Festa social de inauguração da LSCC no Clube Curitibano



Fonte: *Revista do Clube Curitibano*, ano IV, n. 25, p. 28, jun./jul. 1953.

Durante a pesquisa esse foi um dos registros fotográficos mais significativos que identificamos das primeiras décadas da LSCC, pois no centro está a figura do arcebispo metropolitano e de representantes políticos da cidade, representando a aliança esperada entre Igreja e Estado como elemento central da criação da Liga. As mulheres ao lado, como seus braços,

suporte para essa aliança, uma analogia possível à representação da “mulher ajudadora figurada na Bíblia”³.

Ao refletir sobre o conceito de representação, Chartier (2002, p. 23) nos apresenta como “[...] as práticas que visam reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade”. Sendo assim, compreendemos esse evento de lançamento social da LSCC como uma apresentação da identidade social da LSCC, com o objetivo de marcar de forma bem visível a existência do grupo e a nova aliança que se formava. Essa veiculação não visava apenas dar visibilidade ao novo projeto, mas, sobretudo, cooptar novas aderentes a essa missão.

É possível observar também a presença e apoio do presidente do clube, pessoas de influência na sociedade, além do prefeito de Curitiba daquela época. Essa é uma característica marcante do movimento das LSC: a articulação entre Igreja, Estado e alta sociedade, sendo o Estado pelo interesse de dar suporte às ações sociais, a Igreja pela forma de atuação e presença na sociedade. Quanto às mulheres, por via desse estilo de evento, mostravam à população uma unidade necessária para se legitimarem como “mulheres públicas”, a serviço de Deus e da Pátria. Segundo Rio-lando Azzi (2008, p. 114),

As associações que surgiram a partir desse movimento católico de ação social, envolviam famílias da burguesia e contavam geralmente com o apoio e a colaboração do Estado. Isto porque, se tratava de obras sociais, marcadas, desse modo, por maior amplitude e nível técnico, dando legitimidade às ações promovidas pela Igreja.

³ A presença da mulher como auxiliadora as obras da Igreja já ocorriam no tempo de Jesus, como podemos ver na passagem do Evangelho de São Lucas: “Os doze estavam com ele, como também algumas mulheres que tinham sido livradas de espírito malignos e curadas de enfermidades: Maria, chamada Madalena, da qual tinham saído sete demônios. Joana, mulher de Cuza, procurador de Herodes; Suzana e muitas outras, que o assistiram com as suas posses.” (Bíblia Sagrada, Lucas, 8:2-3).

Ainda segundo Azzi (2008), a assistência aos necessitados era um dos pontos-chave dessas atuações. Nessa perspectiva, manifestações de solidariedade deveriam ocorrer de forma mais adequada à nova visão burguesa, marcada pela ideia de racionalização das suas atividades mediante planos e projetos bem definidos. Tal medida contribuiu para estabelecer uma diferença entre o antigo assistencialismo e a nova ação social da Igreja. A primeira era baseada pela necessidade de certas pessoas, com foco mais preventivo. O assistencialismo da Igreja levava o médico ao ferido, ao passo que a ação social iria procurar saber sua causa para combater o mal em sua fonte, marcando com essa visão uma nova etapa da atuação católica na esfera social. Com isso, compreendemos que a união apresentada no anúncio entre os poderes políticos da sociedade gerava planos de ação estruturados e de legitimidade pelas lideranças da sociedade com suas devidas representações (AZZI, 2008).

Na noite do lançamento social também ocorreu o desfile de trajes internacionais, dessa forma chamava a participação das senhoras da sociedade e angariava fundos para as obras sociais. Esse tipo de evento, muito recorrente na instituição, diz muito sobre para qual público eram dirigidos. Então, apesar do caráter filantrópico que pretendia, as práticas de associativismo feminino passavam antes por uma unidade de classe e de cultura que permitiriam ações assistencialistas. Em um primeiro momento, mantinham-se fortemente no âmbito da produção da cultura, com o intuito de difundir valores, hábitos e comportamentos de moral católica, como modelos a serem seguidos. Nesse sentido, os jornais e revistas corroboravam para difundir esse projeto, e suas líderes faziam uso desse espaço para produzir uma imagem e uma cultura moral que sutilmente iam educando a população. Essa primeira fase é, portanto, marcada pelo

investimento das senhoras para angariar fundos para as obras de caridade e concretizar as ações sociais que em breve iniciariam.

Outro local onde ocorriam os eventos de cunho social era no restaurante da LSCC. Esses eventos eram anunciados nos jornais, de modo que entendemos como formas sutis de influenciar e marcar seu local de fala. Como exemplo, temos os cafés da tarde com senhoras, as reuniões da própria Liga e principalmente os eventos promovidos para a sociedade. Na Figura 10, a seguir, encontramos um Chá das Cinco, realizado no restaurante, oferecido pelas damas da sociedade e da LSCC em homenagem e despedida da sra. Mocelin. Eventos como esse também tinham o objetivo de dar visibilidade às ações da Liga – o restaurante que sediava o evento era uma ação social importante da instituição – e de reforçar, manter e fomentar sua rede de relacionamentos, de forma a alimentar sua identidade social, uma vez que eram publicados pela imprensa.

Figura 10 – Notícia sobre Chá das Cinco no restaurante da LSCC



Um outro exemplo de evento no restaurante da LSCC, retratado na Figura 11, é aquele em que a Sra. van der Berg, consulesa da Holanda, e seletos grupo de senhoras da sociedade curitibana se reuniram para um almoço em homenagem a Sra. C. van Traa (colaboradora do ministro de Estado para assuntos sociais da Holanda). Na ocasião estiveram presentes as senhoras Raquel Maeder Gonçalves, C. van Traa, Nice Braga e Helena van den Berg. Evento como esse também contribuía para reforçar a distinção social da LSCC entre suas líderes e simpatizantes.

Figura 11 – Registro de almoço no restaurante da LSCC



Fonte: *A Divulgação*, ano XV, n. 178, p. 34, jan. 1963.

Dando continuidade aos eventos com caráter cultural que ao mesmo tempo davam visibilidade a um grupo pelo “gosto de conviver”⁴, selecionamos os seguintes registros pelo nível de aperfeiçoamento técnico que indica, possivelmente, o objetivo de ampliar o público-alvo desses eventos. Dentre eles, listamos a apresentação da Orquestra Sinfônica e do corpo de ballet de Joinville (O DIA, 5/8/1956) que contava com músicas e bailados inspirados

⁴ Expressão tomada de empréstimo de Sirinelli (1996).

em quadros célebres de pintores antigos e modernos, brasileiros, franceses e americanos. Outro evento cultural encontrado foi o concerto de Piano (O DIA, 24/5/1959) na reitoria da Universidade Federal do Paraná. Essa iniciativa atendia às expectativas de Amélia e Stela em formar culturalmente as mulheres para estarem aptas ao convívio social, mas eram também uma das formas de arrecadar fundos para a assistência social da LSCC.

Além dos eventos culturais, a LSCC promovia cursos internos para as associadas com o objetivo de desenvolvimento intelectual e cultural, conforme orientação do estatuto de 1953, como os cursos de dicção (O DIA, 13/2/1959), de inglês e francês (O DIA, 15/4/1959). As palestras proferidas por nomes célebres da sociedade civil auxiliavam no que entendiam ser parte do processo de emancipação feminina sob as lentes da Igreja, já que muitos desses cursos eram ministrados por intelectuais católicos. Como parte do departamento social, selecionamos também o Festival Artístico da Liga das Senhoras Católicas na sede do Clube Curitibano, o qual ocorreu em julho de 1954, contando com a presença do arcebispo de Curitiba, Dom Manuel da Silveira D'Elboux – ladeado por senhoras da sociedade, dentre as quais a presidente da LSCC, e pelo presidente do clube, conforme consta na Figura 12. Percebemos, nos primeiros anos de atuação, a participação constante do arcebispo em todos os eventos da LSCC. O laço de união entre essas duas frentes, por meio de apoio, presença e divulgação, auxiliavam nos objetivos propostos pela Liga, os quais tinham como premissa a forte participação feminina, mesmo que tendo suas ações controladas pela Igreja.

Figura 12 – Festival artístico da LSCC com a presença do Arcebispo e damas da sociedade



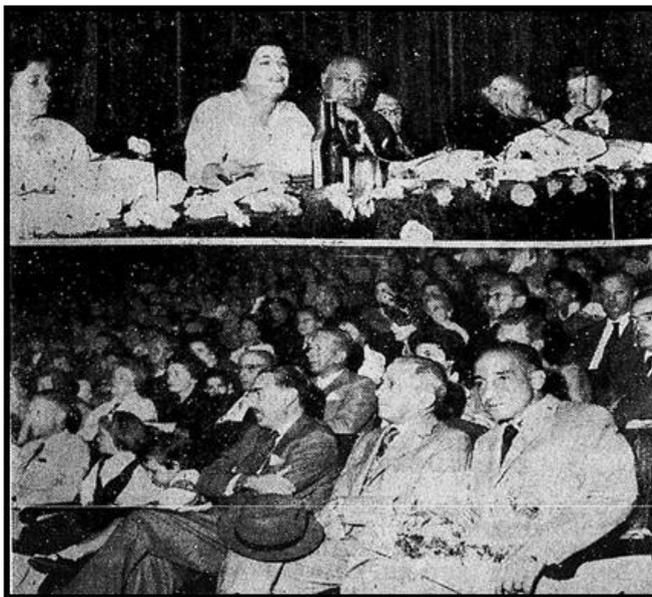
Fonte: *Revista do Clube Curitibano*, v. 5, n. 28, p. 14, maio/dez. 1954.

Com o apoio da Secretaria da Educação e Cultura, o Departamento de Cultura da LSCC promoveu em 1955 a vinda do professor Guilherme Fontainha (*O DIA*, 12/7/1955, p. 5), catedrático da Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil, para ministrar conferências sobre interpretação musical e curso intensivo de piano.

Em suas décadas iniciais, os eventos promovidos tinham, ainda, por objetivo arrecadar fundos para as crianças mais pobres, como o recital de Natal que foi realizado no teatro Guáira (*O DIA*, 29/11/1957) em prol da construção do Hospital Psiquiátrico Infantil (*O DIA*, 30/10/1958).

Ainda como evento social promovido na sociedade, anualmente ocorria a eleição da mãe do ano, que deveria pertencer ao círculo de relacionamentos da LSCC, reforçando novamente a presença e o papel da mulher cristã, cujo destaque se conferiu na solenidade comemorativa, em 1959, conforme sinaliza a Figura 13.

Figura 13 – Solenidade Dia das Mães Cristãs



Fonte: *Paraná Esportivo*, p. 6, 18 maio 1959.

Segundo o jornal, a Arquiconfraria e a LSCC homenagearam as mães escolhidas naquele ano, como a mãe cristã de maior idade e a mãe cristã de maior prole. O evento foi realizado no auditório da Reitoria da Universidade do Paraná com a presença de políticos e homens públicos da época. Naquela ocasião, teve como orador oficial da solenidade o Sr. Laerte Munhoz e a presidente da celebração Sra. Laura Rebello Queiroz. Esse evento reafirmou a posição da LSCC como mediadora cultural, repassando seus valores de mulheres cristãs com exemplos que julgavam que a sociedade deveria possuir: mãe exemplar, de muitos filhos, dona do seu lar e ainda com notável participação nas atividades da Igreja, reforçando assim seus valores e crenças.

Somando-se ao social, no ano de 1959, foi inaugurado o Instituto Feminino (salão de beleza) da LSCC com o objetivo de arrecadar fundos para as ações sociais promovidas pela Liga (O DIA, 12/6/1959). Esse salão de

beleza, muito conhecido na cidade, manteve-se em funcionamento durante muitos anos.

Ainda nesse ano, a LSCC adquiriu sua sede (O DIA, 12/6/1959) que se localizava no 11º andar do edifício do Banco Nacional do Comércio, a solenidade de transmissão do imóvel contou com a presença do arcebispo de Curitiba, Dom Manuel Silveira D´Elboux. Nesse mesmo ano, novos anúncios ocorreram, a saber: um desfile de penteados – com cabelereiro do Rio de Janeiro, segundo o jornal *Correio do Paraná* (3/8/1960, p. 3) – que contou com a presença de inúmeras senhoritas da alta sociedade. Na sede da LSCC ocorreu, também, um desfile de modas em comemoração do 78º aniversário da sociedade Thalia (Figura 14).

Figura 14 – Desfile de modas na sociedade Thalia promovido pela LSCC



Fonte: *Correio do Paraná*, p. 5, 2 abr. 1960.

Em 29 de setembro, ocorreu a inauguração do Cine São João, segundo o jornal *Correio do Paraná* (29/09/1960), uma das mais modernas casas de espetáculos de Curitiba. Foi um dos grandes acontecimentos sociais do ano, de caráter filantrópico, promovido pela LSCC junto ao Sindicato dos Jornalistas do Paraná. Nele estavam presentes várias pessoas influentes, inclusive o prefeito de Curitiba, conforme registrado na Figura 15. Desse modo, a Liga ia se inserindo cada vez mais forte no campo da cultura, de valor fortemente educativo. É preciso considerar que abrir um cinema de orientação católica era também uma forma de controlar o que seria veiculado à sociedade. Se, de um lado, podemos dizer que a Igreja não fazia frente aos avanços da cultura na cidade; de outro, temos que considerar as estratégias que dispôs para instaurar um freio regulador eficaz.

Figura 15 - Inauguração do Cine São João



Fonte: *Correio do Paraná*, p. 12, 29 set. 1960.

Em 1961, na coluna Sociedade, o jornal *Correio do Paraná* (5/3/1961, p. 4), destaca a personalidade da Consulesa Helena van der Bergen, assim

como outras damas da sociedade, como sinônimo de elegância e filantropia, personagens do mundo social nacional e internacional. A consulesa atuou como patronesse no Cine São João em benefício da LSCC e da Legião Brasileira de Assistência, reforçando a representação das mulheres como sujeitos de cultura.

Em 1964, a campanha de doação “Ouro para o bem do Brasil” foi destaque no jornal *Correio do Paraná* (4/6/1964, p. 4). Na campanha foram doadas joias em ouro, sendo que o primeiro doador foi o governador Ney Braga, seguido por outros políticos e participantes do mundo social. Os valores foram revertidos para as instituições filantrópicas, dentre elas a LSCC.

Nesse mesmo ano, foi destaque no jornal *Correio do Paraná* (25/1/1964, p. 6) a foto de recebimento de arrecadações realizadas no réveillon beneficente realizado na casa da Condessa Eva Britta Aminoff, onde ocorreram bazares em prol das obras de assistências. Para reforçar que os exemplos das mulheres da LSCC influenciavam em sua rede de convivência, outras damas da sociedade também auxiliavam, nos eventos da LSCC, em prol dos menos privilegiados da sociedade. Contudo, não se pode desconsiderar que tais aderências tinham como retorno o aumento de sua visibilidade social.

A LSCC também promoveu nesse ano novamente a escolha e a homenagem a mãe do ano, elegendo na sociedade uma representante à mãe símbolo, conforme Figura 16. A ação reforçava a representação de que, apesar da inserção na vida pública, os valores relacionados à maternidade eram basilares à condição feminina. A mãe era escolhida levando-se em conta ser uma senhora merecedora do mais sincero e profundo respeito pelo seu esforço em educar os seus filhos e auxílio com os dos outros, por sua abnegação às obras sociais e por sua efetiva participação em obras sociais. (CORREIO DO PARANÁ, 6/5/1964, p. 4). Para esse evento, a LSCC realizou paralelamente campanhas junto às empresas de Curitiba com o

objetivo de repassar os valores recebidos para as “mães humildes” de quatro grupos escolares dos bairros onde a LSCC fazia distribuição de sopas, uma forma de assistencialismo perante as necessidades das instituições. Não encontramos, no entanto, nessa edição do jornal, fotos das mães representantes de segmentos populares.

Figura 16 – Mãe símbolo do ano 1964



A sra. Lindamir Maxaroto, esposa do prof. Lauro Esanhoto em companhia de seus filhos, que foi escolhida pela Liga das Senhoras Católicas, como a "Mãe do Ano" de 1964 da cidade de Curitiba.

Fonte: *Correio do Paraná*, p. 4, 12 maio 1964.

Em 1966, a LSCC divulgou em coluna social do jornal *Diário da Tarde* (26/3/1966, p. 2) que estaria promovendo um curso de aperfeiçoamento social. Na inauguração do curso, contaria com a presença da presidente da Liga

das Senhoras Católicas. Muitas inscrições foram realizadas. Nesse mesmo ano ocorreu a exposição “O bom gosto em nossos dias” (DIÁRIO DA TARDE, 30/3/1966, p. 2), realizada como promoção da LSCC e com o apoio do comércio e com a presença de empresas para montar e decorar seus “stands”. Outra ação foi divulgada na coluna social do jornal Diário da Tarde (14/4/1966, p. 2), a campanha para arrecadar armação de óculos usadas para serem reaproveitadas pelo departamento de olhos para doação aos pobres.

Conforme reportagem do jornal *Diário da Tarde* (30/3/1967, p. 7), nota-se a rede de sociabilidade formada não apenas entre as mulheres, no plano individual, mas também entre as associações femininas em Curitiba, como instituições que se apoiavam mutuamente. Segundo o periódico, Dona Jandira Buck Pereira, presidente da Arquiconfraria das mães cristãs, comenta que a associação colaborou para o desenvolvimento da Liga das Senhoras Católicas, Senhoras da Caridade, Damas da Caridade, dentre outras.

A rede de sociabilidade política e social da LSCC possuía uma extensão considerável, principalmente, na área de saúde, como podemos verificar no jornal *Diário do Paraná* (28/5/1968, p. 3), na coluna Sociedade, a reunião da associação das senhoras de médicos do pronto socorro para planejamento de campanha de agasalhos.

Durante os primeiros anos de existência da LSCC, algumas ações destacaram-se e caracterizaram a Liga como uma instituição que cuidava do social, sem perder de vista o lado educacional, como, por exemplo: as ações de criação do restaurante feminino; os cursos de alfabetização promovidos pela LSCC para as mulheres, com o objetivo de formá-las para o mercado de trabalho; e a casa da Estudante Universitária, dentre outros.

Dentre os vários objetivos e alcance das ações e presença da LSCC em nossa sociedade, listamos inicialmente algumas ações voltadas para o público feminino mais carente de assistência, como forma encontrada de promover ações de filantropia aos menos favorecidos da sociedade.

Iniciamos com o anúncio da criação do restaurante da LSCC em 1955 (Figura 17), como uma das realizações assistenciais mais conhecidas, onde eram servidas refeições, inicialmente, restritas às moças, pois as mulheres ainda tinham restrições de acesso a ambientes com a presença masculina em geral; mais tarde o restaurante foi aberto a todos. Com preços mais acessíveis, assistia as mulheres que estavam iniciando no mercado de trabalho, de modo que não precisavam retornar a suas casas no horário do almoço, reduzindo custos com transporte e alimentação.

Figura 17 - Notícia sobre a inauguração do restaurante feminino da LSCC

FEMININO

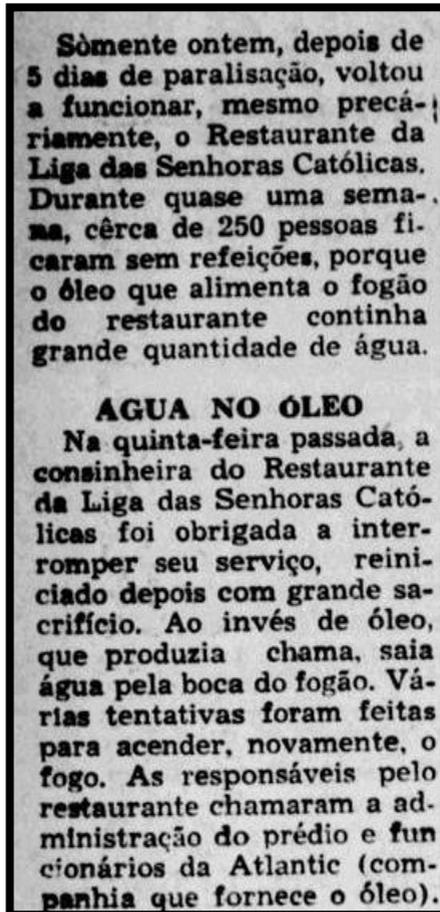
Proxima inauguração - Trabalho da Liga das Senhoras Catolicas - Informações e inscrições

Atendendo a uma de suas múltiplas finalidades, a Liga das Senhoras Católicas fará inaugurar, brevemente, em nossa Capital, um restaurante popular feminino, que funcionará em magnificas instalações localizadas no edifício "CAP", à rua Marechal Floriano, em frente à Caixa Econômica Federal do Paraná.

Procurando resolver o problema de alimentação racional, sadia e econômica para inúmeras moças e senhoras que trabalham no centro da cidade e devem voltar a suas casas, com elevadas despesas de condução, no horário de almoço, a Liga das Senhoras Católicas — a quem já cabe a iniciativa da Casa da Estudante Universitária — por sua presidenta, sra. Dalila de Castro Lacerda, entrou em entendimentos com o Ministério do Trabalho, conseguindo a cessão do aludido local, para funcionamento do Restaurante Popular Feminino.

Apesar do êxito do projeto, devido à troca do óleo de cozinha originário de um fornecedor local por água, o restaurante foi fechado temporariamente, trazendo novamente muitas dificuldades na administração do local para as dirigentes da LSCC, conforme se reporta na Figura 18.

Figura 18 - Notícia relatando os problemas do Restaurante Feminino



Fonte: *Diário do Tarde*, p. 4, 14 set. 1961.

Algumas atas de 1970 também relatam problemas com funcionários do restaurante e dificuldades de mantê-lo aberto devido às contínuas despesas que superavam, sobretudo, as receitas. Encontramos em atas e

relatórios da presidente Nice Braga, em exercício nas décadas de 1960 a 1970, relatos de algumas dificuldades e desafios do restaurante, onde foram necessárias várias ações para mantê-lo em funcionamento com superávit:

O departamento do restaurante, apesar de muitas dificuldades causadas pela elevação do custo de vida, tanto em setor que abrange gêneros da primeira necessidade, como aluguel, despesas do pessoal, etc. pôde continuar beneficiando a classe trabalhadora menos favorecida, fornecendo uma alimentação sadia por preço mínimo....Todas essas benfeitorias foram para aumentar o número de fregueses, sendo positivo, atualmente, o saldo do restaurante, havendo equilíbrio entre a despesa e a receita há alguns meses, superávit que não se verificava a alguns anos. (LIGA DAS SENHORAS CATÓLICAS DE CURITIBA, 1970).

Dando continuidade as ações sociais aos menos favorecidos, preocupadas com a formação – aspecto intrínseco ao primeiro estatuto – e prezando o desenvolvimento intelectual, a LSCC promoveu o curso de alfabetização em 1954. A divulgação coube ao jornal *O Dia* (14/2/1954, p. 5) que anunciou que estavam abertas as matrículas para as aulas de alfabetização e que o curso seria ministrado na Escola do Serviço Social, no Edifício Santa Tereziinha. Notamos, com esse fato, mais uma parte da rede de sociabilidade que havia entre a LSCC e o Serviço Social, pois as reuniões iniciais para a aprovação do Estatuto em 1953 foram na Escola do Serviço Social (GAZETA DO POVO, 25/3/1953, p. 4). Segundo Azzi (2008), a inserção das mulheres no serviço social em outras cidades, como no Rio de Janeiro, foi o movimento que deu origem ao Grupo de Ação Social e início dos cursos de serviço social. Foi na gestão de Stella de Faro que se reforçou a diferença entre a antiga forma de assistencialismo promovida pela Igreja e o Serviço Social agora propagado em nível nacional com formação especializada.

Conforme reportagem do jornal *O Dia* (23/10/1955, p. 5), na qual a LSCC apresenta um breve retrospecto de suas atividades, verificamos mais detalhes dessa ação social, pois relata que o principal intuito da LSCC poderia ser traduzido no “congregar senhoras e moças com um só escopo: estudar e procurar resolver, dentro de suas possibilidades, os inúmeros problemas sociais que se apresentam em nossa capital, como em todos os grandes centros urbanos que pagam assim os juros da civilização”.

Por juros da civilização, entendemos ser o momento no qual Curitiba estava a florescer para a industrialização e para o crescimento da cidade. Entre as décadas de 1940 a 1960, o estado do Paraná cresceu na posição nacional de produção cafeeira de 7 a 52%, tornando-se o líder de produção de café no Brasil e ganhando com isso destaque nacional. Aspecto que trouxe para essa região um grande contingente populacional, gerando efeitos sobre a estrutura demográfica e econômica do Paraná. Isso fez com que a população paranaense dobrasse entre os anos 1940 e 1950; por exemplo, Curitiba como capital passou de 99.000 habitantes para 345.000 (NICHOLLS, 1970). No processo de desenvolvimento do estado, ocorreu o aumento populacional de classes sociais menos privilegiadas com necessidades de assistência emergencial. Em fontes desse período, encontramos registros da conexão da LSCC com a área da saúde, como a criação de postos de atendimento médico, onde ofereciam consultas, injeções, distribuição de medicamentos e leite. Os postos estavam localizados nos bairros Uberaba, Cajuru e Portão (O DIA, 25/10/1955).

Outra presença da LSCC na sociedade por meio de suas ações foi a fundação em 1959 do Banco de Olhos para coletar e transplantar córneas em pessoas com deficiência visual, conforme anúncio do jornal *Diário da Tarde* (Figura 19). Esse procedimento era realizado por um aparelho de alta qualidade e custo adquirido pela LSCC a partir de seus eventos beneficentes.

O Banco de Olhos tinha o objetivo social de atender a população a partir da criação de um banco de doadores de olhos e de córneas, especificamente, para serem transplantadas. Segundo o relato do jornal, esse procedimento era realizado por um aparelho de alto custo e qualidade, tendo sido adquirido pela LSCC a partir de seus eventos beneficentes. Dessa maneira, a Liga demonstrou possuir conhecimento na área médica, provavelmente devido às esposas de médicos simpatizantes da LSCC, o que poderia justificar a futura fundação do DAPI (Diagnóstico Avançado por Imagem).

Figura 19 - Notícia em jornal sobre o Banco de Olhos

INSTITUIÇÃO
Falando ao DIÁRIO DA TARDE a respeito do Banco de Olhos, o Dr. Paula Soares declarou que já foram realizadas "dezenas de transplantes, com ótimos resultados".
O Banco de Olhos foi fundado em fevereiro de 1.959, pela Liga das Senhoras Católicas, presidida pela Dra. Marita França. A instituição tem por finalidade, através de intervenção cirúrgicas gratuitas, restituir a visão a cegos, pelo transplante de córneas, doadas ao Banco.

FINALIDADE
O Banco funciona mediante doações espontâneas de olhos. Dezenas de pessoas já autorizaram o banco a retirar delas, três horas após a morte, a córnea, que será transplantada para os olhos de um cego. A transplantação é feita por cirurgia especializada, usando-se material delicadíssimo (e custoso) adquirido pela Liga das Senhoras Católicas, com fundos angariados e mdiversas promoções beneficentes.

O trabalho do Banco — segundo informou o Dr. Paula Soares Filho — é:

- 1 — recuperação da visão mediante o enxerto da córnea;
- 2 — educacional (conselhos de higiene, para evitar doenças provocadoras da cegueira, como o tracoma);
- 3 — social (com assistência);
- 4 — científico.

Listamos assim algumas ocorrências encontradas nos jornais mencionados, da LSCC como pertencentes do departamento social, tanto de auxílio como de presença na sociedade Curitiba. Não tínhamos aqui o objetivo de esgotar todas as ocorrências e ações da LSCC, até porque não há documentação para isso. Os registros selecionados, no entanto, permitiram identificar a presença social da LSCC com uma atuação em múltiplas frentes o que é indicativo do peso e do papel da instituição na vida da cidade.

Quanto ao departamento religioso, mencionado no estatuto da LSCC, principal fomentador de sua criação, pode-se dizer que foi muita expressivo devido à missão da LSCC nas primeiras décadas de existência. Podemos analisar esse departamento sob o olhar de Chartier (2002), com o conceito de luta de representações. Assim, entendemos que esse foi um mecanismo da Igreja Católica de propagar sua visão e concepção de mundo por meio do trabalho da Liga, seja no campo religioso ou em meio à sociedade curitibana.

As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, ou valores que são os seus e o seu domínio. Traduzem suas posições e interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse (CHARTIER, 2002, p. 17, 19).

A partir desse entendimento, verificamos que os eventos religiosos descrevem a sociedade como a Igreja gostaria e esperava que fosse: uma sociedade fortemente calcada em uma cultura católica. Ou seja, o projeto de recristianização não passava apenas pela dimensão da fé, ele deveria adentrar e enraizar-se também no nível da cultura. Em função disso, listamos alguns eventos desse setor que se tornaram relevantes para a sociedade curitibana nas primeiras décadas de existência da LSCC. O

primeiro evento de Exposição de Arte Sacra (O DIA, 9/5/1954, p. 6), ocorrido em 1954, tinha o intuito de divulgação da ação religiosa e foi caracterizado pelos jornais da época como inédito. Nessa ocasião, houve doação de imagens Marianas do século XVIII e XIX, cedidas pela alta classe curitibana, conforme nomes listados no documento do evento. A apresentação desse evento feita pelo arcebispo Dom Manuel Silveira D´Elboux e a introdução de Newton Carneiro, político e secretário da educação e cultura na época, demonstram a relevância dada ao evento e, novamente, a aliança entre Igreja e Estado na promoção da cultura. Na apresentação do documento os seguintes depoimentos do arcebispo Dom Manuel da Silveira D´Elboux nos relatam mais detalhes do evento:

Maneira delicada, original e piedosa do tributar à excelsa Mãe de Deus vivas e ternas homenagens, neste Ano Centenário da proclamação do Dogma da sua Imaculada Conceição!

Tendo como padroeira a Senhora da Luz, a Liga não poderia mostrar-se indiferente às grandes manifestações mariais do mundo católico, neste ano jubilar. Seja, pois, essa Exposição uma obra de amor, arte e beleza oferecida à Virgem Senhora da Luz pela Liga das Senhoras Católicas de Curitiba. (CASA DA MEMÓRIA, 1954).

Newton Carneiro acrescenta também na Introdução do documento:

Seria difícil pensar num acervo tão grande e tão precioso de arte sacra em Curitiba e devemos o enlevo de apreciá-las à feliz e oportuna iniciativa da Liga das Senhoras Católicas, que envidou os maiores esforços para realizar essa magnífica exposição. Ela nos certifica, como o afirmou um grande crítico português, que a “arte é obra de Deus trabalhada pelo homem”. (CASA DA MEMÓRIA, 1954, p. 9).

Na Figura 20 podemos ver a imagem de Dom Manuel discursando para os presentes, dentre eles autoridades como o governador Munhoz da

Rocha, com o objetivo de demonstrar a importância política e social do evento.

Figura 20 – Dom Manuel da Silveira D’Elboux na I Exposição de Arte Sacra



Fonte: *A Divulgação*, ano VIII, n. 005, p. 39, maio 1954.

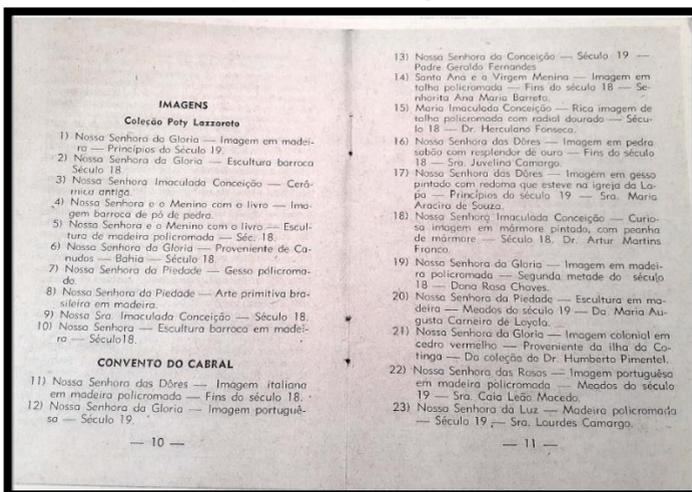
Para visualizarmos a importância do evento para a Igreja e a sociedade envolvida, ilustramos a capa (Figura 21) e as primeiras páginas do documento (Figura 22), que no total contém 28 páginas, com a descrição das imagens expostas e seus proprietários.

Figura 21 – Capa do documento da 1ª Exposição de Arte Sacra



Fonte: Casa da Memória de Curitiba.

Figura 22 – Páginas do documento da I Exposição de Arte Sacra



Fonte: Casa da Memória de Curitiba.

A presença do governador do Paraná no evento, como também a exposição de imagens da Virgem Maria, pertencentes a Sra. Flora Camargo Munhoz da Rocha⁵, esposa do governador, exemplifica novamente a unidade entre Estado e Igreja no período, além da fé cristã da família. Em outra reportagem do arcebispo Dom Manuel da Silveira D´Elboux, é confirmada esse vínculo ao declarar que: “O Paraná católico, portanto, muito deve ao seu grande filho um dos maiores governadores do Estado: Dr. Caetano Munhoz da Rocha.”⁶ (REVISTA DO CÍRCULO DE ESTUDOS DOS BANDEIRANTES, maio 1956, p. 22).

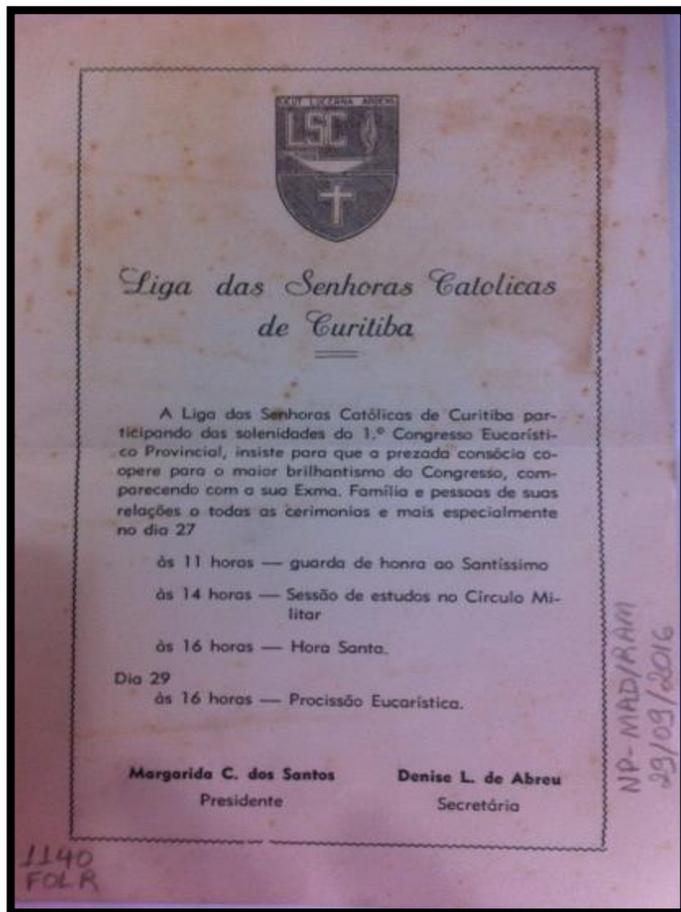
Percebe-se nesses eventos que a LSCC exerceu, nesse período inicial, o papel de mediadora que proporcionou a visibilidade necessária e o elo entre Igreja, sociedade e política, conseguindo unir em seus eventos e ações esses três poderes.

O próximo evento de grande visibilidade religiosa foi a campanha de adesões ao Congresso Eucarístico Internacional em 1955. Na Figura 23, é possível visualizar o convite utilizado pela LSCC para ser distribuído aos participantes especialmente convidados por ela.

⁵ Sra. Flora Camargo foi Dama de Honra da LSCC, participou da União Cívica Feminina e do Centro Paranaense Feminino de Cultura, também iniciou seus estudos no Colégio Cajuru, exemplificando o que já mencionamos no capítulo 3, da rede de sociabilidade da LSCC.

⁶ Na *Revista do Círculo de Estudos Bandeirantes*, maio de 1956, p. 22, Dom Manuel faz uma retrospectiva sobre a Influência da Religião Católica no Paraná, especificamente sobre a contribuição da Igreja nos estudos e colégios do Paraná, desde o início até o ano da publicação.

Figura 23 - Convite da LSCC para o I Congresso Eucarístico Provincial - 1955



Fonte: Casa da Memória de Curitiba.

Para cooptar colaboradores, as integrantes da LSCC visitaram algumas instituições para divulgação e adesão ao congresso, como a Universidade Federal do Paraná, que contou com a adesão do Reitor. Também visitaram o Tribunal de Justiça do Estado, do qual membros demonstraram interesse de adesão e apoio ao congresso (DIÁRIO DO PARANÁ, 4/5/1955, p. 4).

Por meio desses exemplos, podemos identificar ações da Igreja para chegar à sociedade curitibana, tendo a LSCC como braço extensor, pois as

associadas da Liga representavam a Igreja nessas visitas ao poder público. Nesse caso, o intuito não era angariar fundos para suas ações, mas apoiar a Igreja mediante à influência junto aos políticos e às pessoas do governo. Ou seja, o que vemos é uma aliança estabelecida de apoio mútuo. Ao mesmo tempo que a LSCC fazia uso da influência e legitimação da Igreja para endossar seus projetos, a Igreja recorria à influência política dessas mulheres para ampliar seu raio de atuação em seu projeto de evangelização. Dessa maneira, elas saíram do anonimato para um lugar privilegiado de poder pela mediação que exerciam. Um espaço e um jogo político do qual elas pareciam não apenas ter clareza, como utilizavam com maestria. Um espaço que lhe permitia se estabelecer não apenas como mediadoras, mas também como produtoras culturais – ou intelectuais – na concepção de Sirinelli (1996).

Outra ação de cunho religioso foi o evento de divulgação do Livro Santo⁷ (O DIA, 27/9/1956, p. 3) que ocorreu durante a Semana Bíblica, em 1956, em parceria com as livrarias Paulinas. Esse evento também reforça a forte presença de divulgação de valores cristãos na sociedade por meio da doação de bíblias para as classes menos favorecidas, a fim de que o catolicismo chegasse a todos. Conforme depoimento das irmãs Paulinas, de modo algum o objetivo seria aferir outras religiões depreciando-as, mas sim provar que a Igreja Católica não proíbe os fiéis de lerem a Bíblia,

Em declaração a reportagem, as Irmãs Paulinas asseveram, não é intenção do movimento atingir outras religiões depreciando-as, e sim provar que a Igreja Católica não proíbe os fiéis ler a Bíblia, antes pelo contrário, incentiva-os a auferir os benefícios da palavra de Deus, distribuindo Bíblias nas Penitenciarías, Casas de correção [...]. (O DIA, 27/9/1956, p. 3).

⁷ O livro santo seria a Bíblia Sagrada, principal documento da Igreja Católica.

Percebemos com isso, uma provável luta contra comentários contrários à finalidade da ação. Nessa notícia constam ainda os agradecimentos aos homens que tornaram possível o evento, como o governador do Estado, o prefeito da cidade, diretores de faculdades católicas e de filosofia daquela época.

Importante ressaltar que a organização do evento esteve ao encargo da LSCC, sendo que a Igreja e as autoridades políticas davam apenas o seu aval. O apoio masculino ao evento gerava maior legitimidade devido à discriminação da mulher ainda no meio social. Entretanto, a grande capacidade feminina de organização de eventos nesse nível ia crescendo, ganhando visibilidade e angariando adeptas.

Ao percebermos uma diminuição na divulgação da LSCC em jornais na década de 1960, pensamos em inúmeras hipóteses para que isso pudesse ter ocorrido, mas relembramos a questão da ditadura e o perfil das lideranças nesse período histórico, o que pode ter sido a razão para o enfraquecimento da atuação da Liga, embora suas ações conservadoras e em aderência com a Igreja e o Estado não representassem uma ameaça efetiva.

Apresentamos algumas das principais ações, compreendidas como representações da LSCC nas duas primeiras décadas encontradas em jornais e revistas de acervos disponíveis para pesquisa. O foco principal da seleção desses eventos para adicionar em nosso trabalho se deu no sentido de tentar perceber como a Liga atuava no início da sua fundação, baseando-se sempre na sua finalidade mediante estatuto inicial como norma de funcionamento e objetivo para todos os trabalhos desenvolvidos. Segundo Mesquida (2017), esses estatutos foram criados por Stella de Faro com a supervisão de Dom Leme, pessoas-chave a nível nacional e internacional, conforme relatamos no capítulo 2.

As duas primeiras décadas da LSCC foram marcadas pela presença e objetivos da Igreja, como o de ação social; sendo assim, os eventos

religiosos, sociais e de assistência sempre tinham essa linha de orientação e representação na sociedade Curitibana. As líderes que estiveram à frente da LSCC, nesse período, demonstravam por meio de seus eventos, presença de pessoas políticas e da Igreja alinhadas com o objetivo almejado por Amélia Rodrigues e Stella de Faro a nível nacional, conforme já vimos nos outros capítulos.

Em cada acontecimento liderado pela LSCC, consideramos suas formas de manifestação e seus discursos, os quais analisamos buscando ressaltar os saberes e as práticas veiculadas por um grupo de mulheres influentes em uma determinada época. Compreendemos as duas primeiras décadas, a partir da ótica conceitual, sobretudo, por Chartier (2002), o qual nos reforça que com a história cultural é possível voltar nosso olhar para uma determinada sociedade e analisarmos as representações e apropriações de seu tempo. As representações aqui mencionadas foram tratadas como uma amostragem dos modos de atuação de uma instituição e seus sujeitos. No período de 1950 a 1970, a LSCC cumpriu seu papel na cidade de Curitiba, a exemplo da Liga de São Paulo, constituída em 1923 com a apresentação pública de seus valores, conectando-se aos da Igreja, com o apoio da alta sociedade, o que garantia visibilidade, aprovação, financiamento e legitimação no mundo social.

A partir da década de 1970, ocorreram mudanças na sociedade, na Igreja e, conseqüentemente, na finalidade da LSCC. O foco de ação social da Igreja via LSC, definido no estatuto, não vigorava mais. Assim, nos perguntamos: como a LSCC redefiniu-se e colocou-se na sociedade e com quais objetivos? Como as líderes curitibanas se colocaram diante de novas oportunidades de voluntariado? Podemos afirmar que precisavam encontrar novos rumos, os até então listados como ações, já não atendiam mais as necessidades e os projetos atuais, a LSCC precisava se reinventar.

Sem a intervenção e objetivos diretos da Igreja, as senhoras que permaneceram na Liga tiveram a necessidade de reinventar-se na direção da instituição. Constatamos esse aspecto ao analisar os novos estatutos, eventos, foco de trabalho e atuação, recorrentes nos jornais e em documentos pertencentes ao acervo da LSCC a partir de 1970.

Referente ao catolicismo, nas décadas anteriores, a Igreja tinha uma visão, na qual entendia que o processo reformador e de recristianização partia do indivíduo para a família, desta para a sociedade e da sociedade para o Estado. Isso ocasionava o surgimento de associações do modelo da LSC para alcançar esse objetivo. Tal intuito também acontecia por outra vertente, qual seja: a educação das classes via colégios católicos. Utilizando esse meio, a Igreja percebeu que a recristianização da humanidade tornar-se-ia um processo lento e de longa duração, porque o clero precisava, em primeiro lugar, atrair os indivíduos para o seu domínio e neles desenvolver a piedade e, segundo, devolvê-los às famílias para que elas se recristianizassem e assim por diante (AZZI, 2008).

Com a necessidade de mudanças associadas aos acontecimentos políticos no Brasil, como o regime civil-militar (1964) e a industrialização – fatores decisivos para o surgimento de problemas sociais –, a Igreja voltou-se para os pobres, os marginalizados da sociedade, em consonância com um movimento internacional, sobretudo latino-americano, de romper com a representação eurocêntrica e atentar mais especificamente para os problemas da América Latina, cujos problemas pouco se assemelham aos da Europa. A partir do Concílio Vaticano II⁸ e da Terceira Conferência

⁸ O Concílio Vaticano II ocorreu entre 1962 e 1965, no total resultaram em 16 documentos, em que a Igreja se reuniu a nível global para buscar novos caminhos para se modernizar e resgatar os cristãos afastados. Nesse sentido, o concílio Vaticano II marcou fortemente a história da Igreja, partindo de um sistema mais autoritário e fechado, para um sistema menos exclusivo. A partir dele, novos caminhos de ação se abriram para o povo de Deus, tais como: o diálogo ecumênico, o acesso à leitura da Bíblia Sagrada, a missa sendo realizada na língua de cada país (não mais em latim), e principalmente a promoção dos leigos, passando de um papel totalmente passivo para ativo na sociedade, em nome da Igreja.

Geral do Episcopado Latino-Americano de Puebla e Medellín⁹, a Igreja propôs ações para minimizar esses pesares na sociedade. Conforme Azzi (2008, p. 125), “[...] em síntese, a instituição católica mostra-se mais sensível às transformações sociais que estão ocorrendo no país, procurando paulatinamente assumir uma atitude de serviço em favor do próprio povo”.

Segundo o mesmo autor, desde a década de 1950, paralelamente, o intento contínuo da Igreja de influenciar a sociedade desdobrava-se em uma nova fase de preocupação com os moradores das favelas dos grandes centros urbanos, afetados pelo crescimento contínuo devido ao êxodo rural. À medida que as cidades cresciam, criando grandes metrópoles, aumentava os problemas de saneamento básico, moradia, emprego e saúde. Isso fez com que Igreja e Estado buscassem novas formas de cooperação por meio de projetos que pudessem proporcionar bem-estar à população carente e necessitada.

Percebemos, com isso, uma posição da Igreja mais presente na sociedade em função dos problemas sociais. Podemos inferir que a luta não seria pela disputa do mesmo espaço de poder dentro do Estado, mas por um espaço novo, próprio, a ser conquistado e respeitado pela Igreja em parceria com o governo.

Enquanto isso, na LSCC, a partir da análise dos estatutos pós-fundação, foi nos demonstrado uma diminuição da presença e dependência do clero. As atas dos anos 1970 e 1980 revelam a presença do bispo ou algum representante da Igreja, conforme relatado no estatuto original, porém restrito a reuniões de troca de diretoria que ocorriam a cada dois anos. O

⁹ Segundo Brito (2010), a Conferência de Puebla e Medellín foi a sintetização ou diríamos uma reanálise dos objetivos do Concílio Vaticano II na versão latino-americano. Desse evento surgiu na América Latina o documento *Opção Preferencial pelos Pobres*, reforçando, devido às características dos países de terceiro mundo, a preferência pelos despossuídos e a resposta à pobreza latino-americana.

Arcebispo ou seu representante solicitava nesta reunião relatório das atividades e dos projetos e expressava aprovação, ou não, ao nome indicado para presidente da LSCC. É interessante observar que todas as funcionalidades da LSCC eram independentes e foram sempre conduzidas exclusivamente pelas mulheres participantes da Liga. A cargo do clero ficavam os eventos oficiais, como as celebrações das missas ou dos momentos de troca de diretoria. Não há vestígios de que essa presença fosse maior nas décadas anteriores, a não ser do ponto de vista simbólico, pois só temos a evidência do estatuto de 1953. Não sabemos se o estatuto foi efetividade nacional (todos os grupos de LSC, organizados tal como propôs Stella de Faro). No caso da LSCC, o estatuto nacional foi originalmente o plano de fundação, apesar de passar por adaptações diante da realidade curitibana, visto que as LSC não eram unidas a nível nacional, conforme já mencionado no capítulo anterior.

Segundo as atas do período de 1970, percebemos que o departamento religioso teria sido extinto, pois não ocorriam mais eventos de cunho somente religioso, como a organização de congressos eucarístico, a semana do livro santo, a exposição sacra etc. Essa foi uma função da LSCC restrita às décadas de 1950 e 1960. Além disso, não se percebeu mais a presença do clero como autoridade máxima, de modo que a finalidade da LSCC passa por uma nova fase. No entanto, não desconectada totalmente dos valores da Igreja, até porque, conforme mencionado, a presença do clero em suas reuniões de troca de diretoria sempre foi seguida como tradição ou por espírito religioso das participantes da LSCC, como foi possível constatar em algumas atas.

Podemos observar os modos como essa presença se manteve e os limites dessa articulação entre as instituições na carta de Nice Braga transcrita no relatório de atividades da gestão de 1968 a 1970:

Entretanto como tradicionalmente vem sendo observado, é norma da Liga, após ser escolhido o nome da futura Presidente pela Diretoria, levar a escolha ao conhecimento do Sr. Arcebispo, guia espiritual, para sua apreciação. Com o infausto falecimento de Dom Manuel da Silveira D'Elboux, a Diretoria da Liga aguardou a nomeação do novo Arcebispo Metropolitano. A demora da nomeação, entretanto, veio causar algumas dificuldades para o livre exercício das atividades da instituição, especialmente no que se refere a movimentação de contas bancárias, recebimento de auxílio, subvenções e respectivas aplicações (apud LSCC, 1970).

Além da carta, encontramos uma solicitação do arcebispo de Curitiba no ano de 1971, registrada na ata de 7 de julho de 1971, requerendo a presença das senhoras da LSCC nos eventos da Igreja e sua participação em reuniões do órgão responsável pelos leigos:

Presidiu a sessão a Sra. Maria Lima Bittencourt, comunicando as presentes que ela com a vice-presidente Leonor G. de Oliveira Mello, representando a Liga das Senhoras Católicas, estiveram na reunião da CADAL (Coordenação Arquidiocesana do Apostolado Leigo) e nesta reunião ficou acordado que a Liga terá de apresentar um relatório das atividades católicas da Liga, na próxima reunião do CADAL que será realizada no dia 16 de setembro desse ano. A seguir a presidente lembrou as senhoras da Diretoria, que dia 10-06, dia de Corpus Christi haverá missa as 15:00 horas no pátio da Igreja Bom Jesus e após a missa procissão e que Dom Pedro Fedalto pede a presença das senhoras da Liga das Senhoras Católicas (LSCC, 1971).

Quanto à reunião do CADAL citada, encontramos na mitra arquidiocesana de Curitiba um único documento referente à LSCC. Segundo as informações recebidas, tratava-se de esboço de um dos relatórios para o CADAL nos anos 1970, em que relata as atividades da Liga voltadas a creches, cantinas, restaurantes, salão de beleza e retiro espiritual para suas integrantes como atividade religiosa. Sendo assim, entendemos que essa

fonte lista as funções e as atividades filantrópicas da Liga, o que nessa década se inicia com o foco nas creches, conforme já relatamos.

Podemos concluir, também, que por ser um movimento fundado pela Igreja, as integrantes cultivam em si uma grande simpatia pela entidade, algumas como seguidoras fiéis da doutrina, outras como simpatizantes, contudo, diríamos de modo independente. Elas passam a se afirmar como uma instituição filantrópica dirigida por mulheres da sociedade curitibana que encontram novos caminhos efetivos de atuação.

O sentimento religioso permanente na LSCC pode ser visto na carta de Nice Braga supracitada. A autora destaca o pensamento de Michel Quoist, presbítero e escritor francês: “Tudo é dom de Deus, mesmo as coisas mais pequeninas é o conjunto desses presentes que fazem uma vida bela ou sombria, segundo a maneira de utilizá-los”. (apud LSCC, 1970).

O que podemos perceber do conteúdo das atas de 1970 é que, com base em novos estatutos, a LSCC passou a estabelecer suas próprias ações, mas conforme motivos já expostos, não deixou de lado os valores cristãos, os quais as fundadoras mantiveram afinidade. Essa mudança, respaldada pelos estatutos, aqui classificado como metamorfose, ocorreu de uma forma continuada e intensa a partir dessa década.

4.1 Presença social na área educacional (1970-1993)

Na continuação da análise da presença social a partir de 1970, explanaremos sobre as ações da LSCC na área educacional, especificamente no período de 1970 a 1993. Nesse recorte temporal, é possível perceber o resultado da metamorfose, ou seja, o novo direcionamento da Liga ao voltar-se exclusivamente para a educação infantil na sociedade Curitiba. Para isso, precisamos voltar um pouco no tempo, antes da década de 1970, e identificarmos o momento em que iniciou a presença de ações específicas na área de educação infantil em Curitiba. Verificamos que a atuação na

educação infantil não ocorreu a partir da década de 1970, mas muito antes. Embora em menores proporções, e não exclusivamente, a Liga já atuava em conjunto com outras entidades para fundar centros de atendimento a menores de 6 anos, focando nas creches.

Os jornais do Quadro 1 e o jornal *Gazeta do Povo* continuaram sendo os principais subsidiários das fontes desta pesquisa. O jornal *Última Hora*, em novembro de 1960, relata que ocorreu no cine Centenário o lançamento do filme *O Lago Encantado*, do qual toda a renda foi destinada à creche da Vila Virgínia, mantida pela Liga das Senhoras Católicas. Também, antes da década de 1970, a notícia do *Diário da Tarde* (12/4/1971, p. 2) relata que a escola Mercedes Stresser foi fundada em 10 de abril de 1961 por um grupo de senhoras lideradas por Dalila Lacerda a fim de atender crianças excepcionais. Dona Dalila Lacerda tinha um interesse particular por cuidados com crianças excepcionais, o que pode ter sido um dos fatores preponderantes para que surgisse na LSCC a semente que mais tarde viria a se multiplicar. Isso porque a LSCC manteve mais de um ponto de atendimento a crianças na educação infantil.

Ainda nos anos 1968, a LSCC era responsável também pelo projeto de creche para atender ao albergue São João Batista, conforme podemos verificar no relatório de gestão de Nice Braga:

A meta inicial da Diretoria sob a presidência de Nice Braga, foi dar prosseguimento a grande obra da Diretoria anterior, colocando em funcionamento a creche da Liga das Senhoras Católicas, junto ao Albergue São João Batista. Primeiramente foi nomeada uma comissão de senhoras integrantes do conselho consultivo da Liga, presidida pela Sra. Sara Rezende, a fim de avaliar as necessidades existentes, para depois supri-las. **Em primeiro de outubro de 1968, foram abertas as inscrições, abrangendo crianças de 6 meses a 6 anos.** A direção coube a irmã Maria Graciosa, vinda do Rio Grande do Sul especialmente para essa chefia, pois sua experiência em estabelecimentos similares era de seis anos (LSCC, 1970, grifo nosso).

O local na cidade chamado de Albergue São João Batista, fundado em 1959¹⁰, representava para a capital paranaense um dos pontos fundamentais de auxílio aos moradores de outras cidades que vinham a Curitiba em busca de tratamento de saúde ou a procura de emprego e não tinham onde ficar ou passar a noite, esse local os acolhia por tempo determinado. O abrigo atendia, em 1972, cerca de 250 pessoas por dia, o que ultrapassava sua capacidade. Sempre com muitas dificuldades para atender os que o procuravam, conforme informação da própria irmã Maria Graciosa ao jornal *Diário do Paraná* (26/11/1972, p. 12). A creche nesse local se tornou uma necessidade e, por conta disso, a LSCC prestou assistência educacional ao atender crianças na idade de 6 meses a 6 anos. Além disso, ofertava cursos para as mães que, em sua maioria, eram domésticas e procuravam o albergue para cursos de aperfeiçoamento.

A busca de uma profissional como a Irmã Maria Graciosa para dirigir a creche do Albergue nos remete a concluir que a Liga ainda precisava se aperfeiçoar nesse papel de direção escolar, pois o foco da Liga no período ainda era a preparação da mulher para o trabalho, ofertando cursos profissionalizantes.

A creche do Albergue São João Batista foi mais tarde doada para a casa dos pobres São João Batista, conforme consta no relatório de Maria Villela Bittencourt, escrito durante a gestão 2002/2005. Neste ela declara que: “A Liga continuou esse trabalho até por volta de 1973, quando construiu a creche Liga das Senhoras Católicas, ao lado do Albergue São João

¹⁰ Conta-se a lenda que o Albergue São João Batista teve início com um sonho e procura de recursos desde os anos 1950, quando o bilheteiro Januário Alves de Souza observava o grande número de viajantes que chegavam na Estação Ferroviária em busca de atendimento médico. Januário tentou descobrir onde eles dormiam e se alojavam durante o tempo de tratamento e quando descobriu iniciou a campanha na região solicitando ajuda para construir um albergue. Mais tarde, com o apoio de empresários, inaugurava-se o Albergue São João Batista, que mantém a função de teto aos necessitados até hoje. (GAZETA DO POVO, 10/11/2016. Disponível em <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/colunistas/jose-carlos-fernandes/a-moradora-da-casa-dos-pobres-reg4rdkbiddl11hlojogiz/>. Acesso em: 7 nov. 2019).

Batista, em seguida doando para a casa dos pobres São João Batista” (LSCC, 2002/2005). Deste modo, inferimos que provavelmente o projeto da construção da creche da Liga na Vila Nossa Senhora da Luz já seria o projeto prioritário desde sua inauguração, pois a creche do Albergue foi doada em 1973 e no mesmo ano inaugurou-se a nova Creche Vila Nossa Senhora da Luz, cujo planejamento iniciou em 1970.

O que se percebe é que após 1973, a Liga das Senhoras Católicas focou seu serviço social especificamente na educação infantil, especialmente numa creche que seria da Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, conforme declaração de Maria Vilella Bittencourt no mesmo documento supracitado: “passando então a se dedicar integralmente ao trabalho com crianças em creche” (LSCC, 2002/2005). Podemos mostrar isso também no estatuto de 2018, o qual enfatiza a atuação da LSCC na educação infantil, pela construção de creches em funcionamento até os dias atuais.

Finalidade: precíua a prestação de assistência social nas áreas educacional e da saúde, nesta através de realização de diagnósticos avançado por imagem requisitados por profissionais de diversas especialidades médicas, podendo ainda exercer atividades diversificadas, como os resultados em favor de suas obras assistências, observando o princípio da universalidade do atendimento, com especial atenção a crianças e adultos em vulnerabilidade social. (LSCC, 2018).

Ainda se mantém, segundo o estatuto de 2018, os seguintes centros de educação infantil:

- CEI - Centro de Educação Infantil Senhora da Luz (creche e pré-escola)
- CEI - Centro de Educação Infantil Feliz Senhora da Luz (creche, berçário e maternal)
- CEMIC – Centro do menor integrado na comunidade Nossa Senhora da Luz (crianças de 6 a 14 anos)
- CEI – Centro de Educação Infantil Virgem da Salette (creche e pré-escola)

- CEMIC – Centro do menor integrado na comunidade Virgem da Salette (crianças de 6 a 14 anos)
- CEI – Centro de Educação Infantil Santa Maria mãe de Deus (creche e pré-escola) (LSCC, 2018).

O relato no estatuto, na seção Finalidade, sobre a atuação de assistência social na saúde, refere-se ao DAPI (Diagnóstico Avançado Por Imagem), órgão pertencente à LSCC, em que parte do lucro é revertido para a manutenção das creches listadas, além do serviço social de atendimento gratuito via solicitação médica e dentro das regras do estabelecimento. Não iremos focar no DAPI nesse estudo, pois ele não faz parte do objeto de pesquisa para este trabalho.

Comparando os principais pontos desse estatuto com o primeiro na fundação, percebemos algo realmente transformado não somente no objetivo, como também na forma de administração e de tomada de decisão. A Liga segue sua carreira de serviço social mais vinculada à rede de sociabilidade e de política de suas integrantes; poderíamos dizer que em sincronia com as necessidades sociais do momento. Pertencentes e convivendo muito de perto com o meio político, suas dirigentes tinham conhecimento da gestão da cidade para poderem atuar e acompanhar suas carências emergentes, confiando à LSCC os grandes projetos sociais.

A mudança de foco e o acento privilegiado nas creches, embora não tenhamos localizado um evento ou causa específica, permitiu-nos inferir possivelmente que tenha ocorrido em função do aumento no número de favelas na cidade de Curitiba, entre as décadas de 1960 e 1970 como consequência do crescimento populacional das cidades em desenvolvimento (MANTAGUTE, 2009). Assim, famílias chegavam e alojavam-se em lugares provisórios e impróprios na esperança de condições de trabalho e cidadania. Curitiba nessa época passava por um processo de crescimento

acelerado com a industrialização, aumentando o número de habitantes, oriundos em maior número do interior do Paraná. Isso criava uma grande e nova demanda nos anos 1970, a saber: um local para as mães que trabalhavam deixar seus filhos durante o horário de trabalho.

A necessidade de atendimento aos menores de 6 anos já era uma preocupação para a educação nacional, conforme Silva (2016, p. 5) nesse período o foco aos menores passou a ser a grande preocupação:

A década de 1970 significou, no Brasil, um período de gestação de importantes mudanças no que se refere às concepções de infância e de educação das crianças nos primeiros anos de vida. O sucesso na alfabetização das crianças de camadas populares que, então, chegavam maciçamente à escola pública, tornou-se a grande preocupação.

A Liga conforme relato dos jornais, desde 1960, com a presença em pequenos centros educacionais infantis, já estava alinhada a essa necessidade e acompanhando em nossa cidade o crescimento e surgimento de demandas ainda não atendidas pelas políticas públicas do momento. A Liga trazia como característica desde sua fundação a preocupação com as necessidades das mulheres em sua expansão de atuação externa ao lar.

O surgimento de favelas nas grandes cidades geralmente é visto como um grande problema habitacional devido às más condições de existência e dificuldades em infraestrutura básica. No final dos anos 1960, em Curitiba, a grande preocupação da administração local era controlar a localização dos casebres que iniciavam um crescimento em alto número, preocupando os administradores locais com a visibilidade estética da cidade. Ao mesmo tempo que vários projetos iniciavam com o objetivo de acumular em um único local todas as favelas, também vários outros problemas teriam que ser tratados: como esgoto, saúde, educação. A seguir a descrição de um projeto demonstrando a situação preocupante que se iniciava em Curitiba em 1966:

Um verdadeiro cinturão de homens, mulheres e crianças, vivendo em condição praticamente sub-humanas, estava cercado Curitiba e, ao mesmo tempo, ganhando maior amplitude. Também em alguns pontos da cidade esses aglomerados começavam a ter maior feição, ameaçando a cidade de um acelerado e irreprimível crescimento do grave problema social. Enquanto os edifícios empunham como testemunho de um progresso gigantesco, mais de 1.500 famílias sentiam na carne o drama do frio, da fome e do desamparo. (IPPUC, Folheto 352.0981621, v695,1966, p. 15).

No contexto de consequência social no município e a busca de uma visibilidade adequada aos novos tempos, surgiu o projeto da criação da Vila Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, planejada após alguns anos de pesquisa do governo junto as outras cidades¹¹, com verbas oriundas inclusive do exterior. A Vila foi construída para ser o modelo nacional de desfavelamento, localizada no bairro Barigui do Portão e tendo como patrono da Vila, na época, o Presidente Castelo Branco. Podemos constatar isso nas palavras de Bill Willians, assessor de habitação da USAID-Brasil, que veio ao Brasil para inauguração da Vila Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, conforme declara ao jornal *Diário da Tarde* (11/11/1966, p. 8):

Afirmando estar muito bem impressionado com as obras, disse que após visitar a Vila, não poderia deixar de registrar o progresso da Companhia de Habitação Popular de Curitiba, que é, no momento a melhor e mais operante COHAB do Brasil. O financiamento fornecido pela USAID à COHAB-CT, teve sua finalidade plenamente satisfeita. Curitiba é um exemplo nacional em matéria de habitação popular e merece ser imitado por todo o Brasil.¹²

¹¹ No jornal *Correio do Paraná* (16/10/1964, p. 4), há o relato da visita de alguns representantes do governo junto à sede no Rio de Janeiro para aprender com as soluções urbanas de outras metrópoles, que já apresentavam o problema de crescimento das favelas.

¹² Segundo Bombarda (2019), os acordos internacionais ocorriam no campo dos direitos sociais, no que abrangia o direito à educação. Foi firmada uma série de acordos, conhecidos como os acordos MEC/USAID, com os Estados Unidos. Esses acordos, além da colaboração financeira, também atuaram no planejamento e na execução orçamentária da educação, porém trouxeram uma mercantilização da educação, trazendo uma concepção produtivista. Os salários dos professores foram reduzidos e o ambiente de trabalho foi precarizado.

A Vila Nossa Senhora da Luz dos Pinhais foi o primeiro núcleo residencial da COHAB em Curitiba, como parte do planejamento de habitação popular. Esse projeto faria parte de um plano maior do município chamado, segundo Mantagute (2009), de Plano Diretor do Município, criado em 1965 e executado em 1971, na administração de Jaime Lerner. Esse plano que, segundo a autora teve início na cidade de Curitiba, na década de 1970, promoveu a criação da imagem de Curitiba como moderna, urbana e bela. O desfavelamento faria parte do programa de elevação de Curitiba, pelo qual o centro da cidade seria revitalizado e as favelas removidas para locais afastados, conforme notícia na Figura 24:

Figura 24 - Casas novas aos favelados

Favelados vão morar logo em casas novas

Cerca de 500 famílias de favelados deverão ser removidas, até o fim do mês de março, para a Vila Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, no Barigüi do Portão, onde a COHAB constrói o primeiro núcleo residencial de seu plano de habitação popular.

DISCIPLINAS
As habitações naquela Vila serão entregues já com mobílias e com a disciplinação do plantio de produtos de horticultura. Os móveis rústicos serão construídos pela própria COHAB, para o que a companhia já iniciou a instalação de uma marcenaria a fim de fabricar aqueles materiais. O presidente da COHAB, engenheiro Jéiter, son Wanderley, ao mesmo tempo em que processa os últimos estudos para o aproveitamento humano dos favelados no próprio núcleo, afirma que os armazéns, açougues e demais estabelecimentos que atenderão as famílias obrigatoriamente, terão que ter como empregados elementos moradores no local. Apenas um representante do titular da empresa empregadora será admitido para dirigir os trabalhos. Explica o

presidente que esta medida visa estimular o emprego do homem favelado e dar maior consistência ao sentido comunitário das famílias.

ÔNIBUS
O atendimento da Vila residencial por uma empresa de transportes coletivos está sendo estudada pelos diretores da Companhia. O pensamento inicial é o de se constituir uma organização com capital de 51 por cento subscrito pela COHAB e o restante subscrito pelos próprios chefes de família residentes na Vila. Os trabalhos nos ônibus (motorista cobradores, mecânicos etc.) terão o aproveitamento de membros da comunidade, com a empresa dirigida por um conselho constituído, também, por elementos do próprio núcleo residencial, cabendo à Companhia apenas uma tarefa de supervisão.

Conforme relatório do IPPUC, o plano com a construção da Vila Nossa Senhora da Luz dos Pinhais era remover todos os favelados¹³ para essa região e poder criar um centro de autossuficiência para que todos pudessem ter casa, trabalho e escola:

No dia 1º de outubro várias equipes iniciaram a remoção de centenas de famílias faveladas e que passarão a residir na Vila Nossa Senhora da Luz dos Pinhais. Estima-se que ali serão abrigadas perto de 11 mil pessoas, população esta que terá vida própria, dentro da aplicação do plano previamente estruturado pelo setor social da COHAB-CT. (IPPUC, Folheto 352.0981621, v695,1966, p. 16).

Também informado pelos jornais,

O grupo de trabalho encarregado da remoção dos favelados da zona urbana da cidade estará completo no início da próxima semana, quando então iniciará os atendimentos que abrangerá uma faixa de 1.500 famílias. (DIÁRIO DA TARDE, 26/7/1966, p. 5).

Sendo assim, dentro desse contexto social e político, foi inaugurada a Vila Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, com alta visibilidade da cidade de Curitiba e da presença política do presidente da república, patrono do projeto, o governador e as autoridades locais, como promessa de projeto modelo para a cidade:

O presidente Castelo Branco, na qualidade de patrono da operação-desfavelamento da COHAB-CT, desembarcou às 09:45 horas do dia 11 de novembro no aeroporto Afonso Pena, sendo recebido pelo governador Paulo Pimentel, prefeito Ivo Arzua, vice-governador Plínio Costa, todo o secretariado do Estado,

¹³ Importante registrar o projeto higienista que a vila compreendia e o modo como ela afasta da cidade os pobres e os imigrantes que afetavam sua paisagem com a desordem que traziam consigo, levando em conta o projeto urbanista da cidade, cuja implementação foi na década de 1970 com a criação da imagem de Curitiba, a cidade modelo. São vários trabalhos sobre essa análise, citamos alguns que utilizamos, como Souza (1999, 2001).

presidente e secretário da Assembleia Legislativa, comandante da 5º região militar, além de outras autoridades civis e militares. Logo após sua chegada, o presidente Castelo Branco dirigiu-se a Vila Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, no Barigui do Portão, onde presidiu as solenidades inaugurais do núcleo habitacional construído pela COHAB-CT (IPPUC, Folheto 352.0981621, v695,1966, p. 11).

Figura 25 – Inauguração da Vila Nossa Senhora da Luz em 1966 – vista aérea



Fonte: Projeto Nossa Vila. Fundação Cultural de Curitiba. Disponível em: <https://projetonossavila.wordpress.com/fotos-e-videos/> Acesso em: 2/11/2019.

Podemos constatar pelos anúncios de jornais e registros fotográficos da inauguração da Vila Nossa Senhora da Luz, que foi um grande projeto, com objetivos bem claros. A presença e o apoio dos governantes e da Igreja, dando seu aval e apoio junto aos projetos sociais do município, demonstram a importância dessa Vila para a cidade.

A presença da Igreja e do meio político neste empreendimento poderia ser um dos motivos para que a creche da LSCC fosse inaugurada nessa Vila. Da parte das autoridades, delegar essa tarefa à LSCC, significava, mais uma vez, atribuir à instituição a salvaguarda da ordem. Entretanto,

também podemos considerar que o aceite da tarefa pode ter se dado em função do que sua presença representava para a instituição naquele local e momento; pois, fazer-se presente em um dos principais projetos político-urbanístico da cidade revelava sua capacidade de responder às principais demandas sociais. Se a opção pelas creches já vinha sendo uma construção dentro da instituição, pode-se dizer que a implantação de uma creche nesta Vila foi uma escolha política, uma vez que a LSCC abriu mão de outra creche já em andamento para se dedicar a essa, de maior impacto e visibilidade social não apenas na cidade de Curitiba.

A construção da creche na Vila Nossa Senhora da Luz com a LSCC teve início na década de 1970, conforme verificamos em relatórios internos da LSCC:

A meta final da gestão da Diretoria Nice Braga foi assinar convênio com a Prefeitura Municipal de Curitiba, a fim de ser construída uma creche, em terreno doado pela prefeitura, tendo como local a Vila Nossa Senhora da Luz dos Pinhais. A Prefeitura entrará com o terreno, parte da quantia orçada e a Liga com o restante, equipando-a e dirigindo-a. Tal convênio está para ser aprovado pela Câmara Municipal, o que deverá ocorrer dentro de breves dias. (LSCC, 1970).

Conforme relatório de Nice Braga, o planejamento do projeto de construção da creche direcionada para a LSCC iniciou nos anos 1970, já quando a LSCC dirigia a creche do Albergue São João Batista, crescendo nessa fase em experiência e gestão escolar na educação infantil. Os breves dias relatados por Nice Braga ocorreram no ano seguinte da nova gestão, pois, segundo a ata lavrada no dia 7 de julho de 1971, o contrato foi assinado entre prefeitura e LSCC oficialmente em 1971:

Na reunião da diretoria da LSCC, realizada no dia 07 de junho de 1971, a presidente sra. Maria Lima Bittencourt relatou a diretoria, haver sido assinado

novo convênio por parte da Liga das Senhoras Católicas de Curitiba e a Prefeitura Municipal desta cidade, para construção de um prédio destinado a instalação de uma creche na Vila Nossa Senhora da Luz dos Pinhais. No dia 03 de junho de 1971, no Palácio de 29 de março, para firmação do novo convênio foram recebidas pelo sr. Prefeito desta cidade as senhoras da Diretoria da Liga: presidente: Maria Lima Bittencourt; Vice-presidente: Helena Ferraz de Carvalho e Secretária: Evy Macedo Carneiro. A planta da futura creche foi elaborada pelo Dr. Jaime Lerner e por ele apresentada e explicada as senhoras presentes dizendo ainda que haverá planos e possibilidades de mais tarde ser ampliada em novo convênio. (LSCC, 1971).

Percebe-se realmente que a creche já tinha sido planejada e estruturada para atender a grande população da Vila Nossa Senhora da Luz mesmo antes de oficializado o convênio. O prefeito da cidade, arq. Jaime Lerner, além de entregar esse grande projeto, entregava um projeto arquitetônico que teria sua assinatura, confiando-o às mulheres da LSCC os detalhes de planejamento. Para a assinatura do convênio com a prefeitura foi feito um registro fotográfico pelas senhoras da LSCC, conforme na Figura 26.

Figura 26 – Foto da assinatura do convênio entre LSCC e prefeitura



Fonte: acervo da LSCC.

Estava confiada à LSCC a administração da primeira creche na Vila. Para a LSCC, esse novo empreendimento poderia representar um grande desafio, pois podemos constatar nas reportagens que a creche, alinhada ao projeto da própria vila, tinha sido planejada para ser modelo para o país, conforme se pode constatar na Figura 27:

Figura 27 – Creche modelo para o país

Creche da Vila, modelo para País

Noventa por cento das obras de alvenaria da creche modelo que a Prefeitura Municipal está construindo na Vila Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, em convenio com a Liga das Senhoras Católicas, já foram executadas, bem como 80 por cento dos serviços de aterro.

Com cerca de 800 metros de área útil e coberta, a nova instituição terá condições de abrigar perto de 100 crianças, desde recém-nascidas até aquelas cujas idades não ultrapassem cinco anos. Em forma circular, obedecendo a mais moderna concepção arquitetônica, o núcleo assistencial foi projetado pelo

**IPPUC,
MODERNA**

Idealizada com vistas ao melhor atendimento possível às crianças cujas mães desenvolvem atividades profissionais fora do lar, a Creche da Vila Nossa Senhora da Luz dos Pinhais contará inclusive com duas salas de recuperação. Tem uma área central destinada à recreação, com play ground e cancha de esportes além de berçário com 150 metros quadrados. Entre cada dependência administrativa da

Creche da Vila Nossa Senhora da Luz, que exigirá investimentos no valor aproximado de 300 mil cruzeiros, haverá um pátio coberto, onde seus futuros assistidos poderão passar as horas de lazer. Sua construção será em círculo, devendo ser o pátio principal revestido com tijolos impermeabilizados. Constituir-se-á numa das mais modernas do Brasil, com berçário dotado de várias inovações e capaz de suprir as necessidades mais exigentes no campo da profilaxia. No setor de administração, a creche disporá de dependências para secretaria, gabinete de direção, almoxarifado, copa e cantina.

OBRAS

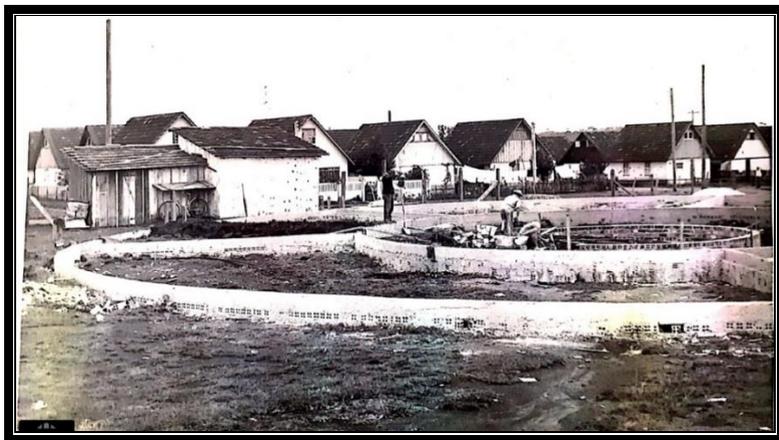
Conforme o projeto do IPPUC a Creche da Vila Nossa Senhora da Luz deverá ser uma instituição modular no Brasil, face às suas características arquitetônicas e ao serviço de assistência que será prestado à infância naquele conjunto habitacional. Cabe à Prefeitura de Curitiba administrar a construção do prédio enquanto a manutenção e a aquisição de equipamentos ficará a cargo da Liga das Senhoras Católicas de nossa Capital.

Fonte: *Diário da Tarde*, p. 4, 31 dez. 1971.

As duas grandes fases, política e de planejamento da cidade de Curitiba, ocorreram com a construção da Vila Nossa Senhora dos Pinhais nos anos 1960. A vila fazia parte do projeto de desfavelamento da cidade e do plano de implantação da COHAB-CT. Tratava-se da fase dos projetos iniciais em Curitiba, a outra fase seria o embelezamento da cidade, com a revitalização do centro. A implantação do projeto pela prefeitura nos anos 1970 traria a Curitiba a fama de uma grande e desenvolvida metrópole.

Segundo as pesquisas de Mantagute (2013), as creches oficiais da prefeitura nasceram a partir dos anos 1975, com isso as creches criadas por instituições filantrópicas em parceria com a prefeitura nos dão indícios de que a creche da LSCC, na Vila Nossa Senhora da Luz, teria sido planejada como a primeira creche de Curitiba, conforme consta em relatório do acervo interno: “Em 1970 a Liga deu um grande passo: com a colaboração da Prefeitura Municipal iniciou a construção daquela que seria a 1º creche de Curitiba”. (LSCC, 2002/2005). Entre a assinatura do contrato e a finalização da construção, passaram-se dois anos. O projeto da creche foi construído entre os anos 1971 e 1973, conforme se pode observar pelas fases de construção noticiadas em alguns jornais e pelas fotos do acervo interno, como a da Figura 28.

Figura 28 – Creche em construção – fase inicial



Fonte: acervo da LSCC.

Durante a fase de construção da Vila, os jornais e atas relatam muitos eventos realizados pela LSCC para fins de obtenção de verbas para equipar a creche assim que estivesse em funcionamento, dentre os quais podemos citar feijoadas, doações, campanhas, feiras.

Verificamos o registro, na ata de 26 de março de 1973, de um dos eventos para arrecadar fundos, assim como o relato da inauguração da creche, com a presença das senhoras e senhores da sociedade e apoiadores do projeto, a seguir:

Presidiu a sessão a Sra. Maria Lima Bittencourt que iniciou pedindo que constasse em ata a promoção do chá de panela, que foi realizado no dia 22 próximo passado em sua residência, para auxiliar a equipar a creche. Compareceram quase uma centena de senhoras da sociedade curitibana que levaram suas contribuições. Foi um sucesso e o resultado foi fabuloso, foram recolhidos: colchõezinhos, cobertores, mantas, painéis, liquidificador, ferros de passar, talheres, mamadeiras, aquecedor de ambiente, jarras, louças, painéis e muitos outros objetos necessários a creche. **No dia 24 de março próximo passado houve a inauguração da creche da Liga na Vila Nossa Senhora da Luz dos Pinhais. A cerimônia constou com a presença do Arcebispo da capital, Dom Pedro Fedalto que usou da palavra enaltecendo o trabalho da presidente e de suas companheiras da diretoria. A seguir ouviu-se a palavra da presidente que emocionada agradeceu a todos que colaboraram, citando o dr. Jaime Lerner, nosso prefeito, que desde o início da obra, deu todo o apoio, resolvendo, orientando e atendendo com presteza todos os problemas que surgiam durante a construção. Disse também que há ainda muito o que fazer, mas que sem medir esforços e com a ajuda de Deus continuaremos trabalhando para manter e bem atender as necessidades da creche. A seguir foi aberto a fita do ato inaugural pelas senhoras do governador do Estado: Deputado João Mansur e do prefeito da capital: Dr. Jaime Lerner, ambas representando seus esposos.** Estiveram presentes na cerimônia: Sr. e Sra. Senador Ney Braga, Sr. e Sra. Luis Fernando Beltrão este representando o Dr. Ivan Fontoura, secretário da saúde, Sr. Osmario Zilli, secretário do trabalho e assistência social, Sr. e Sra. Gabriel Ferreiro de Miranda, juiz de menores da capital, sr. Greire diretor da I.A.M, srta. Maria Mader Gonçalves, diretora da biblioteca pública, sr. e sra. Orlando Villela Bittencourt, sr. e sra. Plínio de Mattos Pessoa, sra. Dalila de Castro Lacerda, sr. e sra. José Guy Munhoz da Rocha, sr. e sra. João Batista Faria, sr. e sra. Levy Miró Carneiro, sr. e sra. João Abrão, sr. e sra. Osvaldo Faria da Costa, sra. Leonor

de O. Nuello, sra. Terezinha Maranhão, sra. Justina Maranhão, sra. Bermair Savio da Costa e mais funcionários da prefeitura municipal e pessoas que residem na Vila (LSCC, 1973, grifo nosso).

O grifo na ata da LSCC se deve a destacar a presença de mulheres notáveis da sociedade para a inauguração, como as esposas do prefeito e de outras autoridades locais, mais uma vez indicando a força do investimento feito pela LSCC na sua rede de sociabilidade como força-tarefa.

Quanto aos jornais nesse período, não encontramos fotos ou notícias muito específicas sobre a inauguração, somente a informação de que 22 obras seriam entregues à cidade de Curitiba, dentre elas uma seria a creche do núcleo habitacional Nossa Senhora da Luz do Pinhais, a ser realizada no dia 23 de março de 1973, a qual atenderia inicialmente 80 crianças com idade pré-escolar (DIÁRIO DO PARANÁ, 22/3/1973, p. 3). A mesma informação foi encontrada no Jornal *Gazeta do Povo*, sem, contudo, ter encontrado o registro da inauguração em fotos.

A construção da creche sempre esteve alinhada ao projeto de construção da Vila e visava proporcionar melhores condições de vida para aquelas pessoas que viviam anteriormente em condições sub-humanas em favelas e aglomerações, conforme se pode constatar com a declaração da presidente da Liga ao jornal:

Non queremos fazer da creche Vila Nossa Senhora da Luz um simples local de colocação de crianças, mas, um estabelecimento que trabalha para o bem-estar social e melhorias das condições de vida da população da Vila Nossa Senhora da Luz dos Pinhais. Essas palavras são da senhora Maria Bittencourt, presidente da Liga das Senhoras Católicas e Diretora da citada creche, referindo-se as atividades desse estabelecimento [...] Todas essas crianças são filhos de pessoas residentes na própria Vila e o estabelecimento se destina somente a elas, isto é, não são aceitas crianças de pais residentes em outras áreas, isto porque,

o trabalho da creche, estabelecida dentro da própria Vila, visa a população local especificamente (GAZETA DO POVO, 16/3/1974).

Todavia, não podemos desconsiderar que manter essas pessoas dentro desses limites significava resolver um dos problemas ao projeto de embelezamento da cidade. Criar uma região autossuficiente em todos os campos que permitisse o menor deslocamento possível era fundamental para produzir uma Curitiba modelar e com ares de metrópole.

A LSCC, a partir da creche Nossa Senhora da Luz, cresceu em conhecimento e capacidade de gestão escolar, pois, além de consolidar essa creche no atendimento da Vila, a partir de 1974, novas creches foram agregadas a sua administração. A creche Vila Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, administrada pela LSCC confirmou-se em suas funcionalidades e, conforme alguns jornais, tornou-se referência de ótimo trabalho.

Figura 29 – Creche bons serviços



Fonte: jornal *Gazeta do Povo*, 16 de março de 1974.

Enquanto a creche da Vila apresentava bom andamento, a Vila que tinha o sonho inicial de ser a Vila Nossa Senhora da Luz como modelo para o país, segundo alguns jornais, foi desfeito mais tarde, como podemos constatar na reportagem do jornal *Diário da Tarde* (14/1/1974, p. 8):

Quando o presidente Castelo Branco veio a Curitiba para a inauguração da Vila Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, em 1967, a obra era encarada pelos técnicos como a melhor solução para os problemas das favelas, existentes não só em Curitiba como em todas as grandes cidades brasileiras. O prefeito de então, Ivo Arzua Pereira, chegou a escrever um livro sobre habitação em que colocava a Vila (obra realizada em sua gestão) como a panaceia para os problemas de moradia no Brasil. Hoje o panorama da Vila é o de uma grande favela. E as outras, que ela quis acabar, continuam existindo. E são até maiores.

Não obstante a falta de êxito do projeto da Vila Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, a creche administrada pela LSCC continuou crescendo e abrangendo mais crianças e adolescentes. Em 1978, foi incorporado à creche o CEMIC Nossa Senhora da Luz para atender em contraturno crianças de 7 a 14 anos. Já em 1989 também foi criado o Berçário Nossa Senhora da Luz, com doações de empresas do CIC.

A creche Nossa Senhora da Luz dos Pinhais é a maior creche atendida pela LSCC. Devido ao êxito, a LSCC continuou crescendo na gestão escolar de educação infantil, de modo que passou a administrar outras creches: em 1974, assumiu a creche Nossa Senhora da Salette, a qual pertencia à paróquia de mesmo nome, passando nesse momento somente a administração para a LSCC, conforme registrado na ata de 17 de março de 1975:

Como presidente da creche Nossa Senhora da Salette, a senhora Leoni Marques entregou, oficialmente, a direção da creche à Liga das Senhoras Católicas de Curitiba, na pessoa de sua presidente Maria Lima Bittencourt. Segundo os estatutos sociais da creche Nossa Senhora da Salette, art. 7º, parágrafo 1º, a

Liga passou a administrar a creche com os mesmos direitos e deveres expostos em seus respectivos estatutos (estatuto da Liga das Senhoras Católicas), conservando a creche o caráter de obra assistencial da Paroquia Nossa Senhora da Salette e Santa Rosa de Lima. Em poucas palavras a sra. Leoni Marques disse da satisfação da associação das Senhoras de Caridade de São Vicente de Paula da Vila América, organizadora da creche Nossa Senhora da Salette, em entregar a mesma a uma associação que tanto tem feito pela assistência social em nossa cidade. (LSCC, 1975).

Em 1992, essa creche também recebe o CEMIC, como contraturno para os alunos de 7 a 14 anos. No mesmo ano, a LSCC acrescenta mais uma creche sob sua gestão, a creche Santa Maria, construída pelo programa vale-creche do Instituto Pró-cidadania, fisicamente localizada junto à creche Nossa Senhora da Luz.

Em 1993, a creche Nossa Senhora da Salette recebeu uma nova sede, construída pelo programa vale-creche do instituto pró-cidadania de Curitiba no jardim social, com o objetivo de atender as filhas de domésticas do bairro¹⁴, conforme ata de 13 de outubro de 1993:

Ata de inauguração das novas instalações da creche Nossa Senhora da Salette. As dezessete horas do dia treze de outubro de 1993, com a presença das autoridades abaixo assinados e da diretoria do conselho da Liga das Senhoras Católicas, tiveram início a cerimônia de inauguração das novas instalações da creche Nossa Senhora da Salette, na rua república do Líbano, esquina com rua Teodorico Bittencourt. As cerimônias tiveram início com a apresentação da banda Lyra. A creche é a décima terceira feita pela instituição do vale creche. Com a chegada do sr. prefeito, Rafael Greca, tomaram lugar no palanque as diversas autoridades, não sendo possível a sra. Margarida Lanson, mui digna esposa do prefeito e presidente do Instituto Pró-cidadania. Foi apresentando um número de canto e dança pelas crianças da creche. Tomou então a palavra

¹⁴ Escrito da própria LSCC em seus relatos internos, que o objetivo dessa creche foi de atender aos filhos das domésticas que trabalhavam nesse bairro.

a sra. Maria Bittencourt, presidente da Liga das Senhoras Católicas de Curitiba, mantenedora da creche. Falou em seguida o vereador Jair Soares, seguindo-a o sr. Fany Lerner, secretário municipal da criança, ambos elogiando o trabalho da prefeitura, em todos os seus órgãos, no que se refere as pessoas carentes, e falando sobre o Provopar, hoje Instituto Pró-cidadania, e o trabalho de auxílio dado pelos empresários de Curitiba, no que se refere ao Vale creche. Passou ao uso da palavra o sr. Prefeito Rafael Greca, falando sobre as crianças assistidas, que fazem nas creches seu futuro digno, e sobre as ações de entidades assistências que permitem o desejo da Prefeitura de servir, cada vez melhor, a população carente. Sob a proteção de Nossa Senhora da Luz, a Prefeitura fará tudo, às claras, pelo bem das crianças e de Curitiba. O padre Anacleto Ortigara, da paróquia Nossa Senhora da Salette, pronunciou algumas palavras, lembrando os vinte anos em que a creche funcionou nas dependências da Igreja, e deu a benção as novas instalações e as pessoas presentes. Passou em seguida, ao descerramento da placa inaugural, pedindo ao sr. Prefeito e uma criança que a fizesse (LSCC, 1993).

A LSCC novamente oferece apoio às mulheres; nesse momento o beneficiado foi o bairro Jardim Social, com maior presença de classe social elevada¹⁵. Esse bairro foi escolhido para receber a nova creche para beneficiar as mulheres que trabalhavam nas casas das senhoras da sociedade, porque assim poderiam manter os filhos próximos ao trabalho, o que era salutar para as senhoras da alta sociedade. Dessa forma, ambas classes sociais eram atendidas: as mulheres domésticas por terem onde deixar os filhos, e as patroas que não perderiam suas ajudantes nem enfrentariam os inconvenientes com redução de horários ou atrasos.

O recorte temporal desta pesquisa se encerra em 1993, por ser o ano de ativação da última creche fundada pela LSCC, o foco de nossa pesquisa. As creches listadas ainda exercem sua função social e somam um

¹⁵ Conforme história do bairro, o Jardim Social nasceu de uma ocupação de uso estritamente residencial e de baixa densidade, resultando na formação de um padrão construtivo refinado que se destacou na paisagem urbana da cidade. Disponível em: <http://www.ippuc.org.br/nossobairro/anexos/18-Jardim%20Social.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2020.

total de 700 alunos atendidos pela Liga, contando com a presença da presidente da LSCC em suas rotinas diárias de creche.

Na linha do tempo, a LSCC se recriou em toda sua história de vida. Suas líderes e diretoria apresentam, de diferentes modos, o perfil de mulheres empreendedoras. As ações dessas mulheres revelam uma alta consciência e competência política que lhes garantiu diferentes modos de intervenção na cena pública e na vida da cidade por meio de uma instituição que existe, em pleno funcionamento, até os dias atuais.

Considerações finais

A partir das análises apresentadas nos capítulos da dissertação, buscamos compreender como as ações das mulheres da LSCC colocam em evidência um projeto de participação política do movimento feminino católico na cultura, na educação e na sociedade curitibana. Esse nosso problema inicial vinha acompanhado de outras questões: quais estratégias foram utilizadas pela LSCC para estar presente na cultura da sociedade curitibana? Quem as apoiou? De que maneira? Como se consolidaram enquanto instituição e foram se integrando à paisagem cultural curitibana? Se por um lado, conseguimos responder a essas questões, não podemos negar, contudo, que foram gerados mais questionamentos e desdobramentos possíveis, o que nos fez delinear mais profundamente o trabalho.

As mulheres da LSCC colocaram em evidência, sim, seu apoio a algumas pautas do feminismo, embora jamais tenham se afirmado como feministas. Percebe-se que a liga não foi um movimento feminino isolado. Ela partilhava de objetivos em comum com outros movimentos femininos que surgiram no mesmo contexto: o da busca de associativismo feminino brasileiro para obter maior espaço e participação das mulheres no meio social e político.

Pelo associativismo feminino, as ações da LSC eram voltadas à inserção da mulher no espaço social, da seguinte forma: o direito ao voto; a contínua e grande importância dada para a formação e a capacitação da mulher, tanto na inclusão na cultura como na sua formação; o apoio e a ampliação do campo de trabalho.

Reforçamos a mediação cultural dessas mulheres católicas que, através da Igreja, exerceram papel marcante nesse período, porque elas se

representavam em suas atuações junto à sociedade, sendo assim se percebe que a religião ocupava um lugar central na construção mental, política e cultural na capital do Paraná. A religião católica, através da LSCC, educava o povo, criando meios e mediando valores católicos que foram impregnando a cultura de catolicidade. As vozes ecoantes das precursoras desse movimento - Amélia Rodrigues e Stella de Faro - de se fizeram valer também na capital curitibana, onde encontraram, nas mulheres católicas de Curitiba, os caracteres necessários - liderança, objetividade e destemor -, para formar o que Amélia chamava de “exército do dever”.

O discurso de Amélia se concatenava com as mulheres de Curitiba, mesmo em períodos diferentes, mas demonstrava o ímpeto que guiava essas mulheres católicas a saírem de seu lar, em defesa dos valores da Igreja e da restauração de Cristo na sociedade. Aliadas a seus objetivos de luta pela conquista de espaço e reconhecimento feminino, não nos moldes do feminismo sem Deus e sem regras como muitas delas diziam, mas com obediência às boas condutas cristãs.

A participação das mulheres na LSC - desde o início na Bahia, por Amélia Rodrigues, até as dirigentes em Curitiba - apresentava um caminho de filantropia validado pela sociedade e com respaldo do masculino, representado pelos bispos e dirigentes políticos da cidade, consolidado na sua presença e apoio nos eventos promovidos pela Liga. Não obstante a militância católica, essas mulheres foram muito além das ações recristianizadoras. Elas criaram caminhos para a emancipação da mulher em Curitiba, conquistando e criando seu espaço no meio político e social. A seu modo, fizeram política e afirmaram-se como intelectuais na cidade de Curitiba.

A partir dessa presença feminina - conquistando espaços e credibilidade, utilizando-se de sua rede de sociabilidade, atentas às necessidades do momento social a que participavam na capital paranaense -

ingressaram no trabalho filantrópico com creches, assumindo novamente um lugar de destaque, quando a elas foi confiado a Creche Vila Nossa Senhora da Luz, a qual, conforme exposto, tinha alta visibilidade política e um grande projeto na cidade. De acordo com os registros das fontes, as creches apresentavam-se necessárias como via de apoio às mulheres que precisavam trabalhar fora do lar; além disso, as creches, ao mesmo tempo, eram uma resposta política às solicitações do desenvolvimento da cidade. Para a manutenção dessas obras, ingressaram no ramo da saúde, com a criação do DAPI, em que parte do lucro é voltado para a manutenção das creches.

As mulheres da LSCC foram muito além de encontrar um caminho no associativismo feminino para circular e participar da vida pública. Elas criaram e deixaram sua marca na intervenção que realizavam na sociedade, seja quando defendiam os valores que acreditavam, atuando como censoras de eventos, seja quando apoiavam os movimentos políticos que ocorriam – como a Ditadura, a Marcha da Família com Deus, outras associações femininas. Participaram da história da cidade, criando, apoiando e se posicionando como modelos de mulheres líderes, incentivadoras da participação efetiva da mulher na sociedade. Esse protagonismo deixado como marca da identidade feminina, não permitiu que fossem obscurecidas na história. Associando-as à História das Mulheres, poderíamos dizer “história das mulheres do Paraná”, mais especificamente em Curitiba, que fizeram delas mulheres intelectuais atuantes em causas sociais, culturais e políticas muito além de suas especialidades. Nesse sentido, elas agiam em prol de causas sociais – ou mesmo feminina –, de modo que se autopromoviam e demonstravam a força e a capacidade feminina.

Quanto às estratégias utilizadas pela LSCC para estar presente na cultura da cidade, identificamos que, a partir de uma estratégia de expansão da ação social da Igreja, o movimento apresentava uma identidade única.

Isso se verifica pelo recurso a eventos católicos, promovidos e divulgados pela LSCC, associado aos eventos que promoviam o desenvolvimento cultural, a assistência aos mais necessitados, principalmente nas duas primeiras décadas de sua existência. Desse modo, expunham-se através das mídias da época na alta sociedade, em busca de divulgação, visibilidade e representação em seus projetos, como forma exclusiva de se apresentar na sociedade, com objetivos bem específicos, conforme a visão de Chartier (1991, p. 183),

As práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de ser no mundo [...], as formas institucionalizadas e objetivadas em virtude das quais representantes marcam de modo visível e perpétuo a existência do grupo, da comunidade ou da classe.

A identidade social da LSCC foi uma marca desenvolvida, criada por meio de suas ações em eventos sociais, religiosos, culturais e filantrópicos, que marcaram de forma concreta seus objetivos em cada promoção, criando e divulgando valores, marcando sua forma própria de ser na nossa sociedade. Com isso encontramos em Curitiba, na Liga, um movimento de forte poder de influência político e social. O Estado presente nas primeiras décadas como validador – como anúncio da parceria entre Igreja, Estado e LSCC –, também nos reforça o poder de influência numa forma política de realizar caridade, usando sua rede de sociabilidade, como apoiadores e destinadores finais das ações de cunho social e cultural. Desse modo, angariavam não somente fundos para as obras sociais, mas também se apresentavam a essa sociedade unificada com os poderes que as legitimava.

Essa posição corroborou a visão inicial de Amélia Rodrigues, quando criava as LSC na Bahia – onde defendiam bem que poderia fazer à sociedade e ao meio político, o retorno de Cristo no Estado. Assim, demonstrava o

objetivo da ação social da Igreja, de reunificar Igreja e Estado: “Uma Liga Católica das Senhoras Brasileiras! Ah quanto precisamos disso, quanto bem pode fazer na política dos costumes, e para a restauração do Cristo na administração pública (A UNIÃO, 6/2/1916, p. 1).

Por intermédio dessa rede, a imprensa, em especial no século XX, foi sempre uma grande aliada para a divulgação da LSCC, com suas devidas representações, pois fazia parte de uma estrutura mediadora de impacto e de ações de valores políticos e culturais. Segundo Vieira (2007, p. 15),

para a intelectualidade a imprensa, em geral, e o jornal, em particular, representam um ofício, um meio de expressão e uma forma de promoção social. Ele permitiu ao intelectual, em diferentes contextos, marcar presença na cena pública para além dos espaços restritos.

Sendo essa uma das grandes estratégias utilizadas pela LSCC para estar presente na cultura da sociedade curitibana e expor suas ações, sabendo-se que “as notícias são expressão de uma realidade que se impõe como fato objetivo e que é narrada de forma isenta pelos profissionais do jornalismo.” (VIEIRA, 2007, p. 16).

Com isso concluímos a análise de algumas ações marcantes que a LSCC apresentou para nossa comunidade e que deixou marcas tanto na história cultural da cidade como para a história das mulheres em Curitiba, e que ainda continuam atuando com forte presença na sociedade. As presidentes da Liga desbravaram caminhos e oportunidades para as suas aderentes e influenciaram outras mulheres com suas ações.

Apesar da escassa documentação, pensamos ter contribuído para inserir na historiografia educacional um movimento associativista de forte expressão na cidade de Curitiba, com atuação em muitas frentes. Portanto, consideramos que se trata de uma pauta vasta que abre caminho para que novas pesquisas sejam desenvolvidas no que se refere à presença da Igreja

no Paraná, às interconexões das mulheres curitibanas em movimentos associativistas, às conexões políticas utilizadas e os variados modos de intervenção na cultura, na educação e na sociedade em diferentes tempos históricos.

Referências

- AZZI, Riolando. **A Igreja Católica na formação da sociedade brasileira**. São Paulo: Santuário, 2008.
- BOMBARDA, Alex Ricardo. A influência das agências internacionais no Brasil: os acordos MEC/USAID no contexto da ditadura militar de 1964. **Revista Educação e Emancipação**, São Luís, v. 12, n. 3, p. 246-268, set./dez. 2019.
- BRITO, Lucelmo Lacerda. Medellín e Puebla: epicentros do confronto entre progressistas e conservadores na América Latina. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 10, n. 111, p. 81-89, ago. 2010.
- CAMPOS, Névio de. História intelectual e história cultural: um recorte em Roger Chartier. **Revista Documento-Monumento**, v. 16, n. 1, p. 94-122, 2015.
- CARDOSO, Mauricio Estevam. Por uma história cultural da educação: possibilidades de abordagem. **Caderno de História da Educação**, v. 10, n. 2, p. 287-302, 2011.
- CARNEIRO JÚNIOR, Renato Augusto. A Liga Eleitoral Católica e a participação da Igreja Católica nas eleições de 1954 para a prefeitura de Curitiba. **História: Questões & Debates**, n. 55, p. 137-161, 2011.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, 11(5), p. 173-191, 1991.

CODATO, Adriano Nervo; OLIVEIRA, Marcos Roberto de. A marcha, o terço e o livro: catolicismo conservador e ação política na conjuntura do golpe de 1964. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 24, n. 47, p. 271-302, 2004.

COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE. **Relatório**. Texto temático nº 9. Volume II. Disponível em: <http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/> Acesso em: 18 nov. 2019.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. **Estudos Avançados**, v. 17, n. 49, p. 151-172, 2003.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Instrução elementar no século XIX. In: LOPES, Eliane Marta; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 135-150.

FERNANDES, José Carlos. A moradora da Casa dos Pobres. **Gazeta do Povo**, Vida e Cidadania, 10/11/2016. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/colunistas/jose-carlos-fernandes/a-moradora-da-casa-dos-pobres-1eg4rdkbiddlst11hlojogi7z/>. Acesso em: 7 nov. 2019.

GELBCKE, Vanessa Raianna. A educação, imprensa e intelectuais: um estudo dos periódicos Gazeta do Povo e Diário da Tarde (1910-1930). In: Congresso NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE, 10., 2011, Curitiba. **Anais...** PUCPR, Curitiba, 2011.

LACERDA, Dalila. **Carta da LSCC a Sra. Eloah Quadros**. 3 ago. 1961. Acervo da LSCC.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução: Suzana Ferreira Borges. Campinas: UNICAMP, 1992.

MACHADO JUNIOR, Cláudio de Sá. **Fotografias da vida social: identidades e visibilidades nas imagens publicadas na Revista do Globo (Rio Grande do Sul, década 1930)**. Tese (Doutorado em História) – Unisinos, São Leopoldo, 2011.

MADUJANO, Graciella. O que a guerra fez pela mulher. **Revista Feminina**, ed. 56, p. 7, 1919.

MANTAGUTE, Elisângela Largas Luzviak. **Educar a infância**: estudo sobre as primeiras creches públicas da rede municipal de educação de Curitiba (1977-1986). Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, UFPR, Curitiba, 2009.

MANTAGUTE, Elisângela Largas Luzviak. A organização dos espaços e mobiliários nas creches em Curitiba/PR – 1975 a 1986. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 14, n. 26, p. 11-41, jan./jun. 2013.

MARTINS, Ana Paula Vosne. A Feminilização da filantropia. **Gênero**, v. 15, n. 2, p. 13-28, 2015.

MARTINS, Ana Paula Vosne. Disciplina e piedade: o movimento feminino católico brasileiro no começo do século XX. **Revista Brasileira de História das Religiões**, ANPUH, ano IX, n. 26, p. 185-207, 2016a.

MARTINS, Ana Paula Vosne. Itinerários do associativismo feminino no Brasil: uma história do silêncio. **Delaware Review of Latin American Studies**, v. 17, n. 2, p. 1-13, 2016b.

MARTINS, Ana Paula Vosne. Força de Atletas e bondade de santas. A participação brasileira no movimento católico feminino internacional no início do século XX e as trajetórias das lideranças Amélia Rodrigues (1861-1926) e Stella de Faro (1888-1972). In: PRIORI, Claudia.; SILVA, Cleusa Gomes da.; VÁZQUEZ, Georgiane Garabely Heil (org.). **Perspectivas transculturais e transnacionais de gênero**. Porto Alegre, RS: Editora FI, 2018. p. 11-48.

MARTINS, Ana Paula Vosne. Qual feminismo? Reflexões sobre o feminismo conservador e a escrita militante de Amélia Rodrigues (1861-1926). **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 2, p. 95-116, maio/ago. 2020.

MESQUIDA, Peri. A educação na restauração lemistada igreja: a missão de Tristão de Athayde e Stella de Faro no Ministério da Educação e Saúde Pública:1934-1945. **Rev. Diálogo Educ.**, v. 9, n. 27, p. 279-295, 2009.

- MESQUIDA, Peri. Stella de Faro: uma luz no caminho da restauração católica. In: Orlando, Evelyn Almeida (Org.). **História da educação católica no Brasil e em Portugal**. Curitiba: Editora Appris, 2017. p. 101-118.
- MOUSSALLEM, Márcia. **Associação privada sem fins econômicos de assistência social: entre a lógica da filantropia e do reconhecimento da cidadania – o caso da Liga das Senhoras Católicas de São Paulo**. 2008. 215 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.
- NICHOLLS, Willian H. A fronteira agrícola na história recente do Brasil: O Estado do Paraná, 1920-65. **Revista Brasileira de Economia**, v. 24, n. 4, p. 33-91, 1970.
- NICOLAS, Maria. **Pioneiras do Brasil** – Estado do Paraná. Curitiba, 1977.
- NOVELLO, Virgínia Damas. **A Liga das Senhoras Católicas de Curitiba e a ação benemerente: Tradição e modernidade no associativismo feminino**. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.
- NUNES, Maria Jose Rosado. Teologia feminista e a crítica da razão religiosa patriarcal: entrevista com Ivone Gebara. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 294-304, jan./abr. 2006.
- OLIVEIRA, Darlene Socorro da Silva. **Liga das Senhoras Católicas de Cuiabá (1924-1935): o movimento de Ação Católica no Brasil e as associações femininas**. 2010. 193 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2010.
- ORLANDO, Evelyn de Almeida. **Histórias da Educação Católica no Brasil e em Portugal**. Curitiba: Editora Appris, 2017.
- ORLANDO, Evelyn Almeida & LEONARDI, Paula. Apresentação do dossiê: história da educação católica: produção e circulação de saberes pedagógicos. **História da Educação Online**, Porto Alegre, v. 21, n. 52, p. 15-20, maio/ago. 2017.

OSCAR, Luísa Cecília Belotti & OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de. Periódicos e Imprensa como fontes para o estudo da educação dos sentidos em minas gerais: o tempo livre como possibilidade de formação (entre as décadas finais do século XIX e as décadas iniciais do século XX). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 7., 2013, Cuiabá-MT. **Anais...** SBHE, 2013.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

PERROT, M. **Os excluídos da história: mulheres, operários e prisioneiros**. 2. ed. Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

RIZZINI, Irma.; SCHUELER, Alessandra Frota Martinez. Entre o mundo da casa e o espaço público: um plebiscito sobre a educação da mulher (Rio de Janeiro, 1906). **Revista de História e Historiografia da Educação**, v. 2, n. 4, p. 122-146, 2018.

RODRIGUES, Amélia. Liga Catholica das Senhoras Brasileiras – o legendário Sêrro. **A união**, Rio de Janeiro, Ano VII, n. 2, p. 1, 6 de fevereiro de 1916. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 10 jul. 2018.

RODRIGUES, Amélia. Movimento feminino. **A união**, Rio de Janeiro, Ano X, n. 40, p. 2, 18 de maio de 1919. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 10 jul. 2018.

RODRIGUES, Amélia. Ação feminina. **A união**, Rio de Janeiro, Ano X, n. 83, p. 3, 16 de outubro de 1919. Disponível em: Acesso em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> 10 jul. 2018.

RODRIGUES, Amélia. **Discurso proferido no dia da inauguração da Liga Catholica das Senhoras Baianas**. Biblioteca Virtual Consuelo Pondé. Bahia. Disponível em: <http://www.bvconsueloponde.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=168> Acesso em: 2 out. 2019.

ROHDEN, Fabíola. Catolicismo e protestantismo: o feminino como uma questão emergente. **Cadernos pagu**, n. 8/9, p. 51-97, 1997.

SERRANO, Ignez. A mulher na ação social. **A união**, Rio de Janeiro, Ano VII, n. 8, p. 2, 19 mar. 1916. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 10 jul. 2018.

SILVA, Caroline Santos. A escrita feminina e feminista de Amélia Rodrigues: educação e infância das mulheres através das páginas de mestra e mãe. **Revista Feminismos**, v. 6, n. 3, p. 156-169, set./dez. 2018.

SILVA, Isabel de Oliveira e. Educação Infantil no Brasil. **Pensar a Educação em Revista**, Curitiba/Belo Horizonte, v. 2, n. 1, p. 3-33, jan./mar. 2016.

SIRINELLI, Jean François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

SIRINELLI, Jean-François. As elites culturais. In: RIOUX, J. P.; SIRINELLI, J. F. **Para uma história cultural**. Lisboa, Editora Estampa, 1998.

SOUZA, Nelson Rosário de; PIERUCCI, Antônio Flávio de Oliveira. **Planejamento urbano, saber e poder: o governo do espaço e da população em Curitiba**. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

SOUZA, Nelson Rosário de. Planejamento Urbano em Curitiba: saber técnico, classificação dos cidadãos, e partilha da cidade. **Rev. Sociol. Polít. Curitiba**, n. 16, p. 107-122, jun. 2001.

SOUZA, Luiz Alberto Gómez de. As várias faces da Igreja Católica. **Estudos Avançados**, v. 18, n. 52, p. 77-95, 2004.

SOUZA, Eliezer Félix de & CAMPOS, Névio de. Imprensa no Paraná e o combate ao analfabetismo: trajetória e pensamento de Raul Gomes (1889-1975). **Revista HISTEDBR on-line**, Campinas, n. 53, p. 133-152, out. 2013.

SOUZA, Reginaldo Cerqueira. Associativismo feminino e participação política: um estudo sobre as bases sociais de apoio à ditadura militar em Curitiba (1964-1985). **Estudos Históricos**, v. 31, n. 65, p. 389-412, 2018.

WEEKS, J. The value of difference. In: RUTHERFORD, J. (Ed.). Identity: community, culture, difference. London: Lawrence & Wishart, 1990.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Jornal diário como fonte e como tema para a pesquisa em história da Educação: um estudo da relação entre imprensa, intelectuais e modernidade nos anos de 1920. In: OLIVEIRA, Marcus Taborda, de. (Org.). **Cinco estudos em história e historiografia da Educação**. 1. ed., Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007, v. 1.

VIEIRA, Carlos Eduardo. História Intelectual e História dos Intelectuais: diálogos acerca da escrita da História da Educação. In: VIEIRA, Carlos Eduardo.; STRANG, Bernadete de Lourdes Streisky; OSINSKI, Dulce Regina Baggio. **História Intelectual e Educação: trajetória, impressos e eventos**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015a. p. 11-28.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Intelectuais e educação. **Pensar a Educação em Revista**, v. 1, n. 1, p. 3-21, 2015b.

XAVIER, Libânea Nacif. Interfaces entre a história da educação e a história social e política dos intelectuais: conceitos, questões e apropriações. In: GOMES, Angela de Castro.; HANSEN, Patrícia Santos (orgs.). **Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. p. 464-485.

ZANLOCHI, Terezinha. **Mulheres leigas na igreja de Cristo**. Bauru/SP: EDUSC, 2001.

ZANLORENZI, Claudia Maria Petchak. História da Educação, fontes e a imprensa. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 40, p. 60-71, dez. 2010.

Fontes

A DIVULGAÇÃO. Curitiba, Ano VIII, n. 005, p. 39, maio 1954, p. 39. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 15 ago. 2018.

A DIVULGAÇÃO. Curitiba, Ano XIV, n. 160, p. 10-11, jul. 1961. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 15 ago. 2018.

A DIVULGAÇÃO. Curitiba, Ano XV, ed. 168, p. 3, mar. 1962. Disponível em:
<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 15 ago. 2018.

A DIVULGAÇÃO. Curitiba, Ano XVI, n. 178, p. 34, jan. 1963. Disponível em:
<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 15 ago. 2018.

A DIVULGAÇÃO. Curitiba, Ano XVII, n. 190, p. 11, janeiro 1964. Disponível em:
<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 15 jul. 2018.

A DIVULGAÇÃO. Curitiba, Ano XVII, n. 198, p. 2, setembro 1964. Disponível em:
<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 15 ago. 2018.

A UNIÃO. Rio de Janeiro, Ano VII, n. 2, p. 1, 6 de fevereiro de 1916. Disponível em:
<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 10 jul. 2018.

A UNIÃO. Rio de Janeiro, Ano VII, n. 8, p. 2, 19 de março de 1916. Disponível em:
<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 10 jul. 2018.

A UNIÃO. Rio de Janeiro, Ano X, n. 26, p. 8, 30 de março de 1919. Disponível em:
<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 15 jul. 2018.

A UNIÃO. Rio de Janeiro, Ano VII, n. 43, p. 1, 19 de novembro de 1916. Disponível em:
<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 10 jul. 2018.

A UNIÃO. Rio de Janeiro, Ano X, n. 40, p. 2, 18 de maio de 1919. Disponível em:
<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 10 jul. 2018.

A UNIÃO. Rio de Janeiro, Ano X, n. 83, p. 3, 16 de outubro de 1919. Disponível em: Acesso
em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> 10 jul. 2018.

A UNIÃO. Rio de Janeiro, Ano XVI, n. 103, p. 29, 25 de dezembro de 1925. Disponível em:
<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 10 jul. 2018.

CASA DA MEMÓRIA DE CURITIBA. Liga das Senhoras Católicas. Acervo. **Folheto da 1ª
Exposição de Arte Sacra.** 1954. 28 fls.

CASA DA MEMÓRIA DE CURITIBA. Liga das Senhoras Católicas. Acervo. **Convite da LSCC para o I Congresso Eucarístico**, 1955.

CORREIO DO PARANÁ. p. 5, 21 fev. 1938. Disponível em:
<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 15 jul. 2018.

CORREIO DO PARANÁ. p. 5, 2 abr. 1960. Disponível em:
<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 20 ago. 2018.

CORREIO DO PARANÁ. p. 3, 3 ago. 1960. Disponível em:
<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 20 ago. 2018.

CORREIO DO PARANÁ. p. 12, 29 set. 1960. Disponível em:
<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 20 ago. 2018.

CORREIO DO PARANÁ. p. 4, 5 mar. 1961. Disponível em:
<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 20 ago. 2018.

CORREIO DO PARANÁ. p. 4, 15 mar. 1961. Disponível em:
<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 20 ago. 2018.

CORREIO DO PARANÁ. p. 4, 16 jul. 1963. Disponível em:
<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 20 ago. 2018.

CORREIO DO PARANÁ. p. 5, 15 dez. 1963. Disponível em:
<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 20 ago. 2018.

CORREIO DO PARANÁ. p. 4, 6 maio 1964. Disponível em:
<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 20 ago. 2018.

CORREIO DO PARANÁ. p. 4, 12 maio 1964. Disponível em:
<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 20 ago. 2018.

CORREIO DO PARANÁ. p. 4, 4 jun. 1964. Disponível em:
<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 20 ago. 2018.

CORREIO DO PARANÁ. p. 4, 16 out. 1964. Disponível em:
<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 20 ago. 2018.

CORREIO DO PARANÁ. p. 6, 25 jan. 1964. Disponível em:
<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 20 ago. 2018.

COSTA, Vera Maria Lins Affonso da. Entrevista. **Clube Curitibano**, Perfil do Clube Curitibano, 30 jun. 2017. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=HjY6CLOcB8> Acesso em: 27 jan. 2018.

DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, p. 4, 4 de junho de 1955. Disponível em:
<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 15 ago. 2018.

DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, p. 6, 17 de fevereiro 1961. Disponível em:
<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 15 jul. 2018.

DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, p.4, 22 de abril de 1961. Disponível em:
<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 15 ago. 2018.

DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, p. 4, 14 setembro de 1961. Disponível em:
<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 15 jul. 2018.

DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, p. 5, 18 de março de 1964. Disponível em:
<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 15 jul. 2018.

DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, p. 3, 3 de fevereiro de 1966. Disponível em:
<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 15 jul. 2018.

DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, p. 2, 26 de março de 1966. Disponível em:
<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 20 ago. 2018.

DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, p. 2, 30 de março de 1966. Disponível em:
<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 20 ago. 2018.

DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, p. 2, 14 de abril de 1966. Disponível em:
<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 20 ago. 2018.

DIARIO DA TARDE. Curitiba, p. 5, 26 de julho de 1966. Disponível em:
<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 15 jul. 2018.

DIARIO DA TARDE. Curitiba, p. 8, 11 de novembro de 1966. Disponível em:
<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 15 jul. 2018.

DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, p. 7, 30 de março de 1967. Disponível em:
<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 20 ago. 2018.

DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, p. 1, 7 de julho de 1970. Disponível em:
<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 15 jul. 2018.

DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, p. 2, 12 de abril de 1971. Disponível em:
<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 21 ago. 2018.

DIARIO DA TARDE. Curitiba, p. 4, 31 de dezembro de 1971. Disponível em:
<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 15 jul. 2018.

DIARIO DA TARDE. Curitiba, p. 8, 14 de janeiro de 1974. Disponível em:
<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 15 jul. 2018.

DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, p. 3, 16 de maio de 1977. Disponível em:
<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 15 jul. 2018.

DIÁRIO DO PARANÁ. Curitiba, p. 15, 27 maio de 1955. Disponível em:
<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 15 jul. 2018.

DIÁRIO DO PARANÁ. Curitiba, p. 4, 4 de maio de 1955. Disponível em:
<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 15 jul. 2018.

DIÁRIO DO PARANÁ. Curitiba, p. 3, 28 de maio de 1968. Disponível em:
<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 20 ago. 2018.

DIÁRIO DO PARANÁ. Curitiba, p. 11, 15 de janeiro 1970. Disponível em:
<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 20 ago. 2018.

DIÁRIO DO PARANÁ. Curitiba, p. 12, 26 de novembro de 1972. Disponível em:
<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 15 jul. 2018.

DIÁRIO DO PARANÁ. Curitiba, p. 3, 22 de março de 1973. Disponível em:
<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 15 jul. 2018.

DIÁRIO DO PARANÁ. Curitiba, 1976.

FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA. Projeto Nossa Vila. Fotografia aérea da Vila Nossa Senhora da Luz, 1966_vista aérea (2). 1966. Disponível em:
<https://projetonossavila.wordpress.com/fotos-e-videos/> Acesso em: 2 nov. 2019.

GAZETA DO POVO. Curitiba, p. 4, 25 mar. 1953.

GAZETA DO POVO. Curitiba, 16 mar. 1974.

GAZETA DO POVO. Curitiba, Vida e Cidadania, [online], 10/11/2016. Disponível em:
<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/colunistas/jose-carlos-fernandes/a-moradora-da-casa-dos-pobres-1eg4rdkbiddlst1ihlojogi7z/>. Acesso em: 7 nov. 2019.

LINS, Vera. Liga das Senhoras Católicas 3.o. Entrevistada por José Carlos Fernandes. **Gazeta do Povo**. Vida e Cidadania, 17/7/2014. Disponível em:
<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/colunistas/jose-carlos-fernandes/liga-das-senhoras-catolicas-3o-eb11iivlnnyv6nuawgxak19ou/> Acesso em: 27 jan. 2018.

INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA (IPPUC). Folheto 352.0981621, v695,1966, p. 15. Acervo do IPPUC.

LEME, Sebastião. **Carta Pastoral 1916**. Manuscrito, não paginado, 1916. Disponível em: <http://www.deuslovult.org/2009/11/18/carta-aos-fies-de-olinda-e-recife-dom-leme/> Acesso em: 3 jul. 2018.

LIGA DAS SENHORAS CATÓLICAS DE CURITIBA. **Estatuto da Liga das Senhoras Católicas de Curitiba**. Curitiba, 1953.

LIGA DAS SENHORAS CATÓLICAS DE CURITIBA. **Relatório de atividades da Liga das Senhoras Católicas de Curitiba** – Gestão de Nice Braga, 1970.

LIGA DAS SENHORAS CATÓLICAS DE CURITIBA. **Ata de reunião**. 7 de junho de 1971.

LIGA DAS SENHORAS CATÓLICAS DE CURITIBA. **Ata de reunião**. 26 de março de 1973.

LIGA DAS SENHORAS CATÓLICAS DE CURITIBA. **Ata de reunião**. 13 de outubro de 1993.

LIGA DAS SENHORAS CATÓLICAS DE CURITIBA. **Relatório de atividades da Liga das Senhoras Católicas de Curitiba** – Gestão de Maria Villela Bittencourt, 2002/2005, não paginado.

LIGA DAS SENHORAS CATÓLICAS DE CURITIBA. **Fotografia das mulheres dirigentes**. Acervo da instituição.

LIMA, Daslan Melo. Sessão nostalgia - misses de 1961, maiôs, saiotes e preconceitos. **Passarela Cultural**, 5 de julho de 2008. Disponível em: <http://passarelacultural.blogspot.com/2008/07/sexo-nostalgia.html> Acesso em: 12 jan. 2019.

O DIA. Curitiba, p. 3, 13 setembro 1936. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 15 jul. 2018.

O DIA. Curitiba, p. 2, 5 de novembro de 1937. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 15 jul. 2018.

- O DIA. Curitiba, p. 4, 1 de junho de 1944. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 15 jul. 2018.
- O DIA. Curitiba, p. 3, 3 de junho de 1953. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 15 jul. 2018.
- O DIA. Curitiba, p. 5, 18 de setembro de 1953. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 15 jul. 2018.
- O DIA. Curitiba, p. 5, 14 de fevereiro de 1954. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 15 jul. 2018.
- O DIA. Curitiba, p. 6, 9 de maio de 1954. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 15 jul. 2018.
- O DIA. Curitiba, 12 de julho de 1955. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 15 ago. 2018.
- O DIA. Curitiba, p. 5, 23 de outubro de 1955. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 15 jul. 2018.
- O DIA. Curitiba, 25 de outubro de 1955. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 15 ago. 2018.
- O DIA. Curitiba, 5 de agosto de 1956. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 15 ago. 2018.
- O DIA. Curitiba, p. 3, 27 de setembro de 1956. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 15 ago. 2018.
- O DIA. Curitiba, 29 de novembro de 1957. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 15 ago. 2018.

O DIA. Curitiba, 30 de outubro de 1958. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 15 ago. 2018.

O DIA. Curitiba, 13 de fevereiro de 1959. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 15 ago. 2018.

O DIA. Curitiba, 15 de abril de 1959. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 15 ago. 2018.

O DIA. Curitiba, 24 de maio de 1959. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 15 ago. 2018.

O DIA. Curitiba, 12 de junho de 1959. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 17 ago. 2018.

O ESTADO DO PARANÁ. Curitiba, p. 3, 10 out. 1937. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 15 jul. 2018.

O ESTADO DO PARANÁ. Curitiba, p. 3, 29 jul. 2004. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 15 jul. 2018.

PARANÁ ESPORTIVO. Curitiba, p. 6, 18 maio 1959. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 17 ago. 2018.

PARANA ESPORTIVO. Curitiba, p. 36, out. 1960. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 17 ago. 2018.

REVISTA A CRUZ. Rio de Janeiro, Edição XXV, n. 25, p. 2, 1944. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 10 jul. 2018.

REVISTA A CRUZ. Rio de Janeiro, n. 24, p. 2, 1952. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 10 jul. 2018.

REVISTA A ORDEM. Rio de Janeiro, edição 0002B, n. 1, p. 59, ago. 1962. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 10 jul. 2018.

REVISTA DO CÍRCULO DE ESTUDOS DOS BANDEIRANTES. Círculo dos Bandeirantes, Curitiba, p. 22, maio 1956.

REVISTA DO CLUBE CURITIBANO. Curitiba, ano IV, n. 25, p. 28, 1953.

REVISTA DO CLUBE CURITIBANO. Curitiba, ano V, n. 28, p. 14, 1954.

REVISTA FEMININA. São Paulo, Vida Feminina, ano VI, ed. 0056, n. 2, 1919, p. 7. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 11 jul. 2018.

REVISTA FON-FON. Rio de Janeiro, ed. 8, n. 1, p. 33, 19 fev. 1921. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=259063&PagFis=37877&Pesq=stelladefaro>. Acesso em: 31 jul. 2018.

REVISTA NICOLAU. Ano III, n. 21, p. 24, mar. 1989. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=800112&pesq=liga%20das%20senhoras%20catolicas> Acesso em: 15 jul. 2018.

ÚLTIMA HORA. Curitiba, nov. 1960.

VIVER. V. 2, n.12, p. 312, fev. 1999. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 15 jul. 2018.

A Editora Fi é especializada na editoração, publicação e divulgação de pesquisa acadêmica/científica das humanidades, sob acesso aberto, produzida em parceria das mais diversas instituições de ensino superior no Brasil. Conheça nosso catálogo e siga as páginas oficiais nas principais redes sociais para acompanhar novos lançamentos e eventos.



www.editorafi.org
contato@editorafi.org